

MagisCultura



Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

Mineira
Abril de 2022

O poeta Heli Menegale e as guerras no Túnel da Mantiqueira

Misoginia e racismo na história da MPB

Debate linguístico sobre o Código de 1916 melhorou o idioma

Origami, a arte japonesa repleta de significados

E MAIS:
Semana de Arte Moderna, Vargas Llosa, contos, crônica e poesia

25

SUMÁRIO



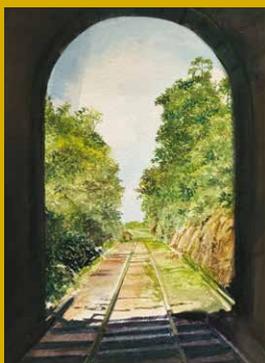
CAPA

Um túnel no meio do caminho

O Túnel ferroviário no alto da Mantiqueira, na divisa dos estados de Minas e São Paulo, foi o palco principal de duas grandes batalhas entre brasileiros, na década de 1930, que provocaram centenas de mortes e que, apesar disso, permanecem esquecidos na memória das nossas novas gerações, apenas 90 anos depois.

Um livro de Heli Menegale, publicado em 1936, em edição limitada, joga um pouco de luz sobre a vida em Passa Quatro, cidade em que morava, nos momentos mais críticos da Revolução de 30, que pôs fim à República Velha e abriu caminho para a ditadura do Estado Novo.

Aquarela de Sandra Bianchi



ARTIGO

O machismo e a misoginia na música brasileira

Renato César Jardim

4



Origami, a arte milenar de lendas e significados

Delvan Barcelos Júnior

12



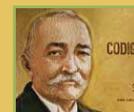
ENSAIO

Réplica x Tréplica

A polêmica gramatical e de linguagem que levou o país “a escrever melhor”

Gutemberg da Mota e Silva

18



LITERATURA

O Marquês Vargas Llosa

Rogério Medeiros Garcia de Lima

28



ARTIGO

Minas e o Modernismo

Aldina Soares

34



CAPA

Um túnel sangrento na Mantiqueira e a sensibilidade do poeta

Manoel Marcos Guimarães

38



CONTO

Epitáfio

Silvia Nascimento

46



Boca fechada

Roberto Soares de Vasconcellos Paes

50



POESIA

Três poemas sobre arte
Fernando Armando Ribeiro
54

O milagre de Nureyev
Llewellyn Medina
55

Exaltação a Inhotim
Amaury Silva
56



CRÔNICA

Condomínio
José Aparecido Fausto de Oliveira
58



ARTIGO

“Inculca e bela”, uma língua milenar
Frederico do Espírito Santo Araújo
60



PALAVRA DO LEITOR
62



EDITORIAL

Revista em júbilo

Cem anos da Semana de Arte Moderna, 120 anos da “mais famosa e intensa polêmica gramatical e linguística brasileira”, 90 anos da cruenta revolta entre brasileiros nos altos picos da Serra Mantiqueira... O ano de 2022 está repleto de marcos históricos da vida nacional, todos eles devidamente enfocados e analisados nas páginas que se seguem.

Nenhum desses eventos, todavia, traz para nós da Amagis a simbologia e a alegria que temos de estar comemorando o Jubileu de Prata de *MagisCultura*, revista criada pela sensibilidade e visão de futuro do amigo desembargador Nelson Missias de Moraes, quando presidente da nossa entidade, e que se consolidou ao longo desses anos, acumulando acervo de mais de 300 textos de magistradas e magistrados mineiros e se tornando revista ímpar no cenário cultural brasileiro.

Alegria e júbilo, é claro, são coletivos, mas a coincidência de eu me encontrar neste momento à frente da Amagis me dá prazer em dobro, por ter a oportunidade de presidir ao lançamento da edição, bem como o de poder assinar o presente editorial, renovando o que fizeram meus antecessores.

Esta edição especial de *MagisCultura/25* renova a excelência das edições que a precederam e, além dos temas já citados na abertura, nos traz mais um conjunto de bons textos, entre instigantes contos, suaves poemas e crônicas e artigos com temática variada e inusitada, como os que tratam da misoginia na Música Popular Brasileira e revelam a história e as técnicas da prática do milenar origami. Todos, naturalmente, revelando a sensibilidade de nossos colegas magistrados e magistradas, para muito além de sua missão jurisdicional.

Junto com essa alegria e os votos de que tenham uma boa leitura, entrego aos leitores desta edição também minha esperança de que estejamos, de fato, iniciando um período de maior tranquilidade e paz em todo o mundo, com a perspectiva do fim da pandemia que transformou a vida de todos nós nesses últimos dois anos.

Meu fraterno abraço a todos os colegas e demais leitores.

JD Luiz Carlos Rezende e Santos
Presidente

MagisCultura

Mineira

Revista de cultura e arte dos magistrados mineiros

ISSN 1984-5081

Amagis - Diretoria Triênio 2022-2024

Presidente: Juiz Luiz Carlos Rezende e Santos
Vice-presidente Administrativa: Juíza Rosimere das Graças do Couto
Vice-presidente Financeira: Juíza Roberta Rocha Fonseca
Vice-presidente de Saúde: Juiz Jair Francisco dos Santos
Vice-presidente do Interior: Juiz Lourenço Migliorini Fonseca Ribeiro
Vice-presidente Sociocultural-Esportivo: Desembargador Maurício Pinto Ferreira
Vice-presidente dos Aposentados e Pensionistas: Desembargadora Aposentada Heloisa Helena de Ruiz Combat
Diretora-secretária: Juíza Ivone Campos Guillarducci Cerqueira
Diretor-subsecretário: Juiz Evandro Cangussu Melo
Diretora de Comunicação: Juíza Daniela Cunha Pereira

Coordenador de Comunicação: Bruno Gontijo (MTb - MG 11008)

• **Conselho Editorial:** Juiz Renato César Jardim (presidente), Desembargador Gutemberg da Mota e Silva, Desembargador João Quintino Silva, Desembargador Luiz Carlos Biasutti, Juíza Aldina de Carvalho Soares, Jornalista e Escritor Carlos Herculano
Editor Responsável: Jornalista Manoel Marcos Guimarães (JP 1587/MG)
Proj. gráfico e editoração eletrônica: Rachel GM Magalhães (rachel@belohorizonte.com)
Ilustrações: Sandra Bianchi (sandrabianchi@gmail.com)
Impressão: Gráfica Del Rey | **Tiragem:** 2.450 exemplares
• **Envio de textos para publicação:** leia normas na terceira capa
Endereço para correspondência:
R. Albita, 194 . Cruzeiro . Belo Horizonte . MG . CEP 30310-160
Tel.: 31 3079-3453 . E-mail: magiscultura@amagis.com.br
www.amagis.com.br



O machismo e a misoginia na música brasileira

Renato César Jardim

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

Os estereótipos e preconceitos sexistas são evidenciados em vários aspectos da vida. Os movimentos relacionados aos direitos da mulher buscam a cada dia o respeito e a dignidade desta, com o escopo de se chegar a uma sociedade justa, sem a chamada hierarquia de gênero. Nesse contexto, é imprescindível, para efeito de reafirmação de identidade, que sejam trazidos ao conhecimento público fatos e expressões históricas de conteúdos discriminatórios, inclusive para o fim de dar ensejo, além de simples denúncia, à necessária reflexão sobre o tema.

Neste artigo, objetivamos traçar um panorama sobre o preconceito de gênero feminino nas letras das mais variadas canções da música brasileira, as discriminações machistas, misóginas e sexistas, das quais emergem todos os tipos de manifestações de aversão e desprezíveis contra a mulher. As tais letras que, em tons caricatos ou até mesmo sérios, na maioria das vezes buscam colocar o autor em superioridade, em detrimento da suposta inferioridade das protagonistas integrantes dos enredos musicais, tudo escorado na cultura de um mundo que, ainda para muitos, tem o machismo como regra, num mar onde navega o desprezo completo ao real sentido de convivência humana e igualitária.

Lembremos das marchas carnavalescas preconceituosas do passado (v.g., “*Dá nela*” - Ary Barroso, 1930), cantadas por grande parte da população, muitas delas premiadas em concursos promovidos pelos jornais, emissoras de rádio e demais meios de comunicação, bem como dos sambas e funks que colocam a mulher como a “*nega do cabelo duro*” ou a “*cachorra sem-vergonha*”. Até mesmo os “*bambambãs*” da música brasileira, muitos deles inegavelmente conhecedores e enaltecedores da alma feminina, em muitas canções deixaram a marca do preconceito. Já ouvimos Francisco Alves, Ismael Silva e Freire Júnior versarem: “*bater-se em quem não se gosta eu nunca vi*” (*Amor de Malandro* - 1930) e Noel Rosa falar da mulher indigesta “*que merece um tijolo na testa*” (*Mulher indigesta* - 1932).

As formas de discriminação que aqui serão enfocadas não envolverão análise de valores morais e individuais dos compositores, até porque muitos deles são reconhecidamente grandes e respeitados artistas, mas mero juízo de fato, a sucinta interpretação de cada uma das letras e o que representam em termos de preconceito na visão deste autor. Nem muito menos serão levadas a efeito questões afetas à cultura de determinada época, com a finalidade de justificar a normalidade da narrativa de cada canção, ou uma abordagem no sentido que o revisionismo cultural em andamento deve ou

não expurgar de nosso cancionário esta ou aquela obra musical. Entretanto, não há como se aceitar, em qualquer época, a mulher retratada como um ser oprimido pela sociedade machista, a culpada por tudo, objeto de desejo e vítima de assédio e violência, fato corriqueiro nas canções de um passado não muito distante, e até no presente.

Cultura machista e patriarcal

Rodrigo Faour, ao comentar a completa subalternidade exigida da mulher, e a comprovação desse fato através de consulta ao cancionário popular brasileiro, anotou:

“Num tempo não muito distante, a mulher não tinha direito a nada ou quase nada. A vida da mulher era prescrita antes mesmo de ela nascer. Depois houve uma pequena evolução, e ela podia até escolher com quem casar, mas, depois de casada, tinha de seguir rigorosamente as normas sociais – cuidar dos filhos, ser boa dona-de-casa, e só. Separações eram traumáticas para ela (sempre tida como a culpada por “destruir o lar”), trabalhar fora era exceção e frequentar outros espaços sem o marido era normalmente algo muito malvisto pela sociedade. Uma jovem mulher independente de hoje em dia não imagina o quanto essas conquistas femininas são recentes. Se tiver alguma dúvida, é só consultar nosso cancionário para comprovar. Para cada música de exaltação à mulher havia outras cem em que ela só levava mesmo porrada”.

De fato, a mulher era vista como aquela que devia sempre estar à disposição do homem e, nos atritos entre o casal, era sempre a culpada. Seu caráter era duvidoso e qualquer sofrimento pela não correspondência de um pretensão amor subalterno, ou pela deficiência dos serviços do lar (“*quero uma mulher que saiba lavar e cozinhar*” – *Emília*, de Wilson Batista e Haroldo Lobo – 1941) podia dar ensejo a “*um tijolo na testa*”, ou uma “*pancada para conservar a amizade*”, na forma cantada nas canções “*Mulher indigesta*”, de Noel Rosa, e “*É pancada*”, de Alvarenga da Portela. Uma cultura machista e patriarcal.

Um exemplo de submissão, rebaixamento e martírio da mulher que merece ser trazido à baila é o que se extrai da música “*Mãe solteira*”, de Wilson Batista e Jorge de Castro (1954), que retrata o calvário da porta-bandeira Maria da Penha, que ateou fogo às vestes por causa do namorado e rolou pela ribanceira, porque “*a pobre infeliz teve vergonha de ser mãe solteira*”.

“Ao fazer um *mea culpa*, vários artistas vêm modificando as letras de suas composições, ou retirando algumas delas de seu repertório, de forma espontânea e consciente.”

Mulheres cantavam o machismo

Registre-se que algumas mulheres eram intérpretes de canções machistas.

“Essas pérolas machistas cantadas por mulheres não começaram nos anos 50. Vinham de longe – desde que as cantoras começaram a aparecer com mais vigor em nossa discografia, anos 30. Aracy de Almeida, por exemplo, gravou em 1935 “Tens de Compreender” (Nássara), um samba com uma precursora da famosa “Amélia”: “Tu tens de compreender/ O quanto vale uma mulher/ Eu fico do teu lado/ Pro que der e vier/ Pois eu sei bem que andas muito mal da vida/ E não defendes o dinheiro da comida/ Mas tu és do meu agrado/ Eu passo fome do teu lado” (op. Cit. p.103).

Ao fazer um *mea culpa*, vários artistas vêm modificando as letras de suas composições, ou retirando algumas delas de seu repertório, de forma espontânea e consciente, pelo fato de constatarem que no mundo em que ora vivemos não mais se admite a “brincadeira” ou a discriminação sexista. Hoje, o que era politicamente incorreto passou a ser repugnado pelas pessoas, pelos cidadãos de um modo geral, por movimentos cada vez mais crescentes, apesar de existirem ainda aqueles que continuam com a mente enraizada nos séculos passados. Muitos falam da chatice de um mundo politicamente correto. No entanto, ninguém em sã consciência quer educar seus filhos guiados pela discriminação e pela maldade. Vale lembrar aqui da música infantil “Atirei o pau no gato”, de todos conhecida, que ganhou nova roupagem e passou a ser “Não atire o pau no gato”, numa orientação de que “não devemos maltratar os animais”.

Chico entrou na roda

Até mesmo o genial Chico Buarque de Holanda, artista que melhor expressou e ainda expressa com sensibilidade e delicadeza a alma feminina, em recente decisão noticiou que não mais interpretará a canção *Com açúcar, com afeto*. A declaração, noticiada em *g1.globo.com, Pop & Art*, em 27.01.2022, e que vem causando debates calorosos, foi dada no terceiro capítulo da série documental de “O canto livre de Nara Leão”, dirigida por Renato Terra e disponível no canal Globoplay. A música, um pedido ao compositor feito pela própria Nara Leão, que queria uma canção falando de uma mulher sofredora, tem sido objeto de ferrenhas críticas por parte do movimento feminista, por seu teor machista, já que fala da rotina de uma mulher sofrida, apaixonada e submissa, sustentada por um mandrião, fazendo a este concessões com a finalidade de agradá-lo. Sobre as críticas recebidas, o artista declarou: “Elas têm razão. Eu não vou cantar ‘Com açúcar, com afeto’ mais e, se a Nara estivesse aqui, ela não cantaria, certamente”.

Em artigo veiculado no Segundo Caderno de “O Globo”, de 29.01.2022, intitulado “A MPB revisada”, noticiou-se que, “além de Chico Buarque, outros artistas retiraram de seu repertório canções consideradas ofensivas à luz da atualidade, revivendo o debate sobre ‘autocancelamento’”, como é o caso de

“Faixa Amarela” (Zeca Pagodinho, Jessé Pai, Luiz Carlos e Beto Gago, 1997), que não será mais cantada por Zeca Pagodinho, e que traz em sua letra: *“Mas se ela vacilar, vou dar um castigo nela, vou lhe dar uma banda de frente, quebrar cinco dentes e quatro costelas”*.

Liberdade de expressão X liberdade de opressão

Muito se fala em misoginia, mas a misandria, a discriminação contra os homens, nem sequer é do conhecimento da maioria das pessoas, até porque são pouquíssimos os casos concretos que dão ensejo à sua configuração na música brasileira. Mas há exceções, como é o caso de *“Oh! seu Oscar”* (Ataulfo Alves e Wilson Batista - 1940), que narra a história da mulher que deixa um bilhete para o marido que chega cansado do trabalho: *“Não posso mais, eu quero é viver na orgia”*.

Viver na orgia era do que mais se vangloriavam os homens daquela época. Na canção *“Gosto que me enrosco”* (Sinhô - 1929), o autor começa dizendo: *“Deus nos livre das mulheres de hoje em dia/ Desprezam o homem só por causa da orgia”*, mas termina reconhecendo a força da mulher: *“Gosto que enrosco de ouvir dizer/ Que a parte mais fraca é a mulher/ Mas o homem com toda fortaleza/ Desce da nobreza e faz o que ela quer”*. Certamente os autores objetivaram conceder excepcionalmente à mulher a chamada volta por cima, ainda que apenas em uma ou outra música, entre tantas de teor machista.

O racismo, a violência contra a mulher e outros tipos de preconceito e discriminação ainda são realidade na sociedade atual, de forma talvez menos incisiva do que no passado, inclusive na música popular, muito em razão do aprimoramento da legislação e da consciência que brota principalmente dos jovens enquanto sujeitos políticos, bem como da imprensa. Aqui nos propusemos a investigar os elementos discursivos e a linguagem que envolvem a letra de cada música dentro de um contexto social. Muito se discute nos dias atuais sobre os limites entre a liberdade de expressão e o politicamente correto, em vertente voltada para o respeito aos direitos humanos.

Em verdade, a Constituição da República estatui serem livres a manifestação do pensamento, a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença. No mesmo sentido, consigna que a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão restrição, com a proibição de toda censura de natureza política, ideológica e artística, excetuados, obviamente, os casos de injúria, difamação e calúnia. Liberdade de expressão, não é liberdade de opressão.

Há, no entanto, uma zona limítrofe nas pessoas em relação às ideias com as quais concordam e aquelas que desaprovam, isso em relação aos mais variados assuntos, quer sejam de ordem religiosa, política ou moral. Assim, somente se aceita a liberdade de expressão quando esta está de acordo com a ideia do expectador, o que faz cair por terra a conhecida expressão: posso discordar do que dizes, mas respeitarei até a morte o seu direito de dizê-lo. Desse comportamento afloram os radicalismos, como aqueles de ordem política que passaram a nortear o Brasil e o mundo.

“O racismo, a violência contra a mulher e outros tipos de preconceito e discriminação ainda são realidade na sociedade atual.”

Na expressão de Antônio Cândido, a literatura humaniza ou deve humanizar, e aqui podemos considerar as letras de músicas como expressão literária. Não fosse assim, o compositor Bob Dylan não teria sido agraciado com o Nobel de literatura. O mesmo se diga da eleição de Gilberto Gil para a Academia Brasileira de Letras. A cada dia os gêneros artísticos acabam por se tornar híbridos. Quem em sã consciência pode negar que as letras das composições de Cartola, Chico Buarque de Holanda, Nelson Cavaquinho, Paulo César Pinheiro, Gilberto Gil, Caetano Veloso, entre tantos outros, apenas para ficar com os brasileiros, são verdadeiras poesias. E muitos poemas foram também musicados. E humanizar significa tornar-se tolerável, humano por assim dizer.

A bem da verdade, um artista não consegue ser indiferente à realidade. A visão da vida é a obra prima do artista. A obra literária ou musical, por assim dizer, é o resultado de ações dinâmicas entre o artista, o público e a sociedade. Através de sua obra o artista transmite sentimentos e ideias que tem do mundo, e chega mesmo a levar o seu leitor ou ouvinte a mudar sua posição perante a realidade, influenciando, conseqüentemente, a vida das pessoas. Inadmissível, portanto, em pleno século XXI, a existência de composições musicais que trazem em seu contexto expressões que desumanizam, na medida em que ofendem de forma aberta e preconceituosa a mulher, os negros, as minorias, alimentando o ódio e a discriminação.

Exemplos da história

Passemos, pois, à análise de algumas letras das músicas do cancionário brasileiro, de todos os gêneros, precipuamente em relação à discriminação de gênero. Aqui, poderíamos elencar mais de uma centena delas, mas nos limitaremos a alguns exemplos. As letras serão transcritas em sua integralidade ou em trechos, com as datas de seus lançamentos, em ordem cronológica.

• **Alivia estes olhos** – Sinhô (1920)

Eu queria saber por que é/ Que este homem bateu na mulher/ Que mulher engraçada e adorada/ Que se acostumou com a pancada!

Nos primeiros meados do século XX inicia-se o ciclo de enredos misóginos da mulher que gostava de apanhar, o qual avança nas décadas seguintes.

• **Dá nela** – Ary Barroso (1930)

Esta mulher/ Há muito tempo me provoca/ Dá nela! Dá nela! É perigosa/ Fala mais que pata choca/ Dá nela! Dá nela! Fala, língua de trapo/ Pois da tua boca/ Eu não escapo/ A gora deu para falar abertamente/ Dá nela! Dá nela! É intrigante/ Tem veneno e Mata a gente/ Dá nela! Dá nela!

Música que, em 1930, aclamada pelo público, venceu o primeiro concurso de músicas carnavalescas realizado pela Casa Edison, no Rio de Janeiro. Retrata a mulher mentirosa e faladeira que merece apanhar.

Segundo Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, in “*A Canção no tempo*”, vol. 1: 1901-1957, São Paulo: Editora 34, 1997, p.99, a canção foi composta após um incidente de rua onde populares gritavam a expressão “dá nela”, com ameaça de violência à protagonista da canção.

• **Mulher de malandro** - Heitor dos Prazeres (1932)

Mulher de malandro sabe ser/ Carinhosa de verdade/ Ela vive com tanto prazer/ Quanto mais apanha/ A ele tem amizade/ Longe dele tem saudade(...).

Sucesso na voz de Francisco Alves, é uma verdadeira apologia à violência contra o gênero feminino, que traz o estereótipo da masoquista que gosta de apanhar e que, quanto mais apanha, mais amizade tem ao agressor.

A apologia repete-se em canção com o mesmo nome, gravada em 1969 por Wilson Simonal (“Mulher de Malandro” - Oswaldo Nunes e Celso Castro): mulher de malandro, rapaz, apanha num dia, no outro quer mais.

É imperioso defender e preservar o direito de liberdade de expressão, respeitados, obviamente, os limites morais e éticos, também protegidos pelo direito. Em todo o mundo, inclusive no Brasil, crescem a cada dia ações que têm por escopo a repressão de ideias e expressões, de todos os jaezes, tidas por discriminatórias e preconceituosas contra o gênero feminino. A importância dessas ações é ainda maior quando se tem em mente a profusão de manifestações preconceituosas que emergem das redes sociais, travestidas de brincadeiras, assim rotuladas por quem se defende de forma mesquinha (leia box).

Concluindo, vale reprimir o que se disse em transcrição no início deste artigo, ou seja, o fato de uma jovem mulher de hoje, independente, talvez não ter a noção do quanto são as recentes as conquistas femininas, ainda em andamento. E aqui tentamos demonstrar atitudes sociais, precipuamente na música brasileira, que discriminam as mulheres, as quais merecem amar e ser amadas como toda mulher do planeta, como nos lembram Fernando Brant e Milton Nascimento em “*Maria, Maria*”, de 1978:

*É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece viver e amar
Como outra qualquer do planeta.*

• **Lá vem ela chorando** – Alvarenga e Benedito Lacerda (1932).

Lá vem ela chorando/ O que é que ela quer?/ Pancada não é, já dei!/ Mulher da orgia/ Quando começa a chorar/quer dinheiro/ dinheiro não há.

Na mesma linha da anterior, essa música foi samba-enredo da embrionária Portela, revela a mentalidade vigente na época, de que a agressão era uma forma de demonstrar carinho e apreço pela mulher, dando a entender que ela gostava de apanhar.

Se o tom é de brincadeira, trata-se de brincadeira sem graça. E aqui vale lembrar do poeta e compositor Vinícius de Moraes, quando atestou que “*fazer samba não é contar piada, quem faz samba assim não é de nada, o bom samba é uma forma de oração*” (“*Samba da Benção*” – Baden Powell e Vinícius de Moraes – 1967).

• **Mulher indigesta** – Noel Rosa (1932)

Mas que mulher indigesta! (indigesta!)/ Merece um tijolo na testa/ Essa mulher não namora/ Também não deixa mais ninguém namorar/ É um bom center-half pra marcar/ Pois não deixa a linha chutar/ E quando se manifesta/ O que merece entrar no açoite(...).

Uns dos maiores compositores da música popular brasileira, Noel Rosa não ficou de fora dos arroubos machistas da sua época, culturalmente dominantes, e que se infiltravam principalmente nas mentes dos sambistas, negligenciando, portanto, em muitas de suas letras, como é o caso citado, ao que tudo indica feita em homenagem a uma vizinha bisbilhoteira, segundo informa a obra “*Noel Rosa, Uma Biografia*”, de João Máximo e Carlos Didier.

O espírito machista de Noel pode ser evidenciado também na letra da música “*Você vai se quiser*” (1936), onde está a célebre frase:

cada um que cave o seu, pois o homem já nasceu dando a costela à mulher.

E, ainda, em “*Vou te Ripar*” (1930), em que Noel verseja: *Toma cuidado que eu te ripo/ Porque tu não és meu tipo!/ E eu contigo não fiz fé/ Podes dar marcha ré!*

• **Emília** – Wilson Batista (1941)

Quero uma mulher que saiba lavar e cozinhar/ Que de manhã cedo me acorde na hora de trabalhar/ Só existe uma/ E sem ela eu não vivo em paz/ Emília, Emília, Emília/ Não posso mais/ Ninguém sabe igual a ela preparar o meu café/ Não desfazendo das outras/ Emília é mulher/ Papai do Céu é quem sabe a falta que ela me fez/ Emília, Emília, Emília/ Não posso mais.

Referências bibliográficas

- *Dicionário Houaiss Ilustrado da Música Brasileira*, Rio de Janeiro, Ricardo Cravo Albin, editora Paracatu, 2006.
- *História Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira*, Rodrigo Faour, Record, São Paulo - Rio de Janeiro, 2006, ps. 91 e 103
- *Chico Buarque diz que não cantará mais 'Com açúcar, com afeto'*, G1.globo.com, Pop & Art, 27.01.2022.
- *A MPB revisada*, Segundo Caderno de "O Globo", de 29.01.2022.
- *A Canção no tempo*, vol. 1: 1901-1957. Editora 54, Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello, Editora 54, São Paulo, 1997, p.99
- *Gabriel, O Pensador muda antiga letra para promover respeito às mulheres; confira a nova 'Lôraburra'*, metroworldnews.com.br, por Juliana Santos, 14.05.2019.
- *Wilson Baptista - O samba foi sua glória*, Rodrigo Alzuguir, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2013, p. 298/299.
- *Noel Rosa, Uma Biografia 1990*, UnB, João Máximo e Carlos Didier, Brasília, ps. 392 e 407/408.

Rodrigo Alzuguir traz a seguinte versão da história dessa canção que retrata a mulher dona de casa como um ser submisso e serviçal:

"Mas a versão de Geraldo [Geraldo Queiroz], cheia de insinuações, é de uma ironia irresistível: inspirada numa namoradinha de Wilson que 'se virava' para lhe 'trazer negócios', tal e qual uma prostituta cobre de agradar o seu cafetão, Emília entraria para a história da música popular brasileira como a personificação de dona-de-casa exemplar, perfeita para compor, de braços com o homem trabalhador retratado em sambas como 'O Bonde São Januário', o modelo de casal proletário estado-novista. Sua popularidade instantânea abriria caminho para outras esposas igualmente prendadas, dedicadas e leais – em especial Amélia, 'a mulher de verdade' do samba de Aaulfo Alves e Mário Lago, que viria à luz no carnaval seguinte".

• **Ai! Que saudade da Amélia** – Aaulfo Alves e Mario Lago (1942).

Esta é uma canção que está presente no cancionário popular brasileiro desde a sua criação, cantada em todas as rodas de samba que enaltecem o passado glamoroso da música nacional. Firmou-se com o propósito de trazer o protótipo da mulher dona de casa que não tem vaidade e que acha bonito não ter o que comer. Em verdade, dá o tom de que a mulher que assim age é de notável qualidade, e que o seu lugar na sociedade deve ser retratado dessa forma. A mulher submissa que deixa saudades no homem que não tolera as suas "exigências" para com o "pobre rapaz" que deseja que ela aceite passar fome, não ter vaidade, não desejar o que

vê e não ter consciência disso. Tem reflexo e origem na base misógina de um pensamento que banaliza a subserviência contra o gênero feminino enraizado na cultura opressora que fere a dignidade da mulher. De forma inconsciente, mas certamente também consciente, sempre foi cantada no passado, e até no presente, inclusive por algumas mulheres. Essa é a mulher de verdade, retratada na canção, de todos conhecida, sendo despreciada a sua transcrição.

• **Você não passa de uma mulher** – Martinho da Vila (1975)

(...) Olha a moça inteligente/ Que tem no batente o trabalho mental/ QI elevado e pós-graduada/ Psicanalizada, intelectual/ Vive à procura de um mito/ Pois não se adapta a um tipo qualquer/ Já fiz seu retrato, apesar do estudo/ Você não passa de uma mulher (viu, mulher?)"

Esta é uma típica manifestação machista que, em outras palavras, quer dizer: você pode ser tudo, mas é uma mulher! A música foi composta por um dos mais consagrados sambistas do país que, em reconhecimento ao teor equivocados da letra deixou consignado em entrevista em *g1.globo.com*, Pop & Art, por Cauê Muraro, 14.09.2017, que tem mudado as letras machistas de suas músicas, entre elas "Mulheres" e "Você não passa de uma mulher".

• **Gol anulado** – João Bosco e Aldir Blanc (1976)

Quando você gritou 'Mengo'/ No segundo gol do Zico/ Tirei sem pensar o cinto/ E bati até cansar/ Três anos vivendo juntos/

E eu sempre disse contente:/ Minha preta é uma rainha/ Porque não teme o batente/ Se garante na cozinha/ E ainda é Vasco doente(...)

A música, da festejada dupla João Bosco e Aldir Blanc, apesar de trazer uma criação poética em forma metafórica, faz pulsar a dominação masculina, quer quanto à violência física, quer pela rainha que surge do fato de não temer o batente, se garantir na cozinha e ainda torcer pelo mesmo time do parceiro.

• **Lôraburra** – Gabriel, O Pensador (1993)

À procura de carro, à procura de dinheiro/ O lugar dessas cadelas era mesmo num puteiro (...) / Não, eu não sou machista, exigente talvez / Mas eu quero mulheres inteligentes, não vocês (...) / E pra você me entender, vou ser até mais direto/ Loira burra, você não passa de mulher objeto.

Na direção da onda revisionista e do autocancelamento, o próprio Gabriel Pensador suprimiu de seu repertório essa composição machista que questiona padrões de comportamento e de beleza da mulher, pois não se sentia à vontade para interpretar a canção ao vivo. Chegou mesmo a criar uma nova versão para a música.

Não há como se exaurir a lista das canções preconceituosas contra as mulheres, mas vale ainda citar mais algumas bastante conhecidas, tais como: “*Maria Chiquinha*” (1961), “*Faustina*” (Gadé - 1937), “*Amiga da minha mulher*” (Seu Jorge – 2011), “*Estupro com carinho*” – (Cascavelletes -1987) e “*Na subida do Morro*” (Geraldo Pereira e Ribeiro Cunha, 1952).

“As formas de discriminação que aqui serão enfocadas não envolverão análise de valores morais e individuais dos compositores, até porque muitos deles são reconhecidamente grandes e respeitados artistas, mas mero juízo de fato, a sucinta interpretação de cada uma das letras e o que representam em termos de preconceito na visão deste autor.”



Foto: Carolina Garcia Tavizon/Unsplash. Com exceção dos 'tsurus' desta página e a ilustração da página 16, todas as demais dobraduras que ilustram o artigo foram feitas pelo próprio autor do texto, Delvan Barcelos Júnior, a partir de modelos.

Origami, a arte milenar de lendas e significados

Delvan Barcelos Júnior

Juiz de Direito do TJMG, em Belo Horizonte

Arte milenar de origem provável no Japão, a prática da dobradura conhecida como 'origami' chegou ao Brasil no início do Século XX, com a imigração japonesa, e aqui se expandiu principalmente a partir da década de 1960, seja apenas como exercícios de relaxamento e lazer, seja como arte, seja por suas aplicações nas áreas educacional e de psicologia comportamental.

O modelo de origami mais conhecido por todos é o *tsuru*, uma ave sagrada do Japão que simboliza a saúde, boa sorte, felicidade, longevidade e a fortuna e que, segundo lenda, pode viver até mil anos e é considerado o pássaro companheiro dos eremitas que se refugiavam nas montanhas para meditar, acreditando possuírem poderes sobrenaturais para não envelhecer.

Empregado no Japão a princípio para fins meramente decorativos, o *tsuru* era utilizado para enfeitar os quartos das crianças. Posteriormente, associado às orações, passou a ser oferecido nos templos, acompanhado de pedidos de proteção. Atualmente é usado como enfeite nas festas de ano novo, batizados, casamentos, entre outras comemorações.

Em torno do origami, criaram-se ao longo do tempo histórias e lendas, que levaram a prática a se expandir também no mundo ocidental. Entre essas histórias, a da menina Sadako, com 12 anos de idade, diagnosticada com leucemia após a explosão da bomba atômica em Hiroshima e que, em tratamento no hospital, recebeu de um amigo vários papéis coloridos para que ela fizesse 1.000 origamis do *tsuru*, junto com o pedido de cura.

Conheci a arte do origami aos 10 anos de idade, em visita à casa de um arquiteto amigo de meus pais, e desde então me dedico à prática; não me considero um origamista, pois não crio novos modelos, mas apenas um dobrador mais experimentado. Como tal, conto neste artigo um pouco da história do origami, incluindo a da menina Sadako.

O *tsuru* da Paz

Segundo a lenda japonesa, se uma pessoa dobrar mil *tsurus* com o pensamento voltado para um desejo, ele poderá se realizar. Em 1945, depois da explosão da bomba de Hiroshima, surgiram várias doenças no Japão, entre os sobreviventes da guerra. A pequena Sadako, com 12 anos de idade, foi diagnosticada com leucemia.

Em tratamento no hospital, recebeu de um amigo vários papéis coloridos para que ela fizesse 1.000 origamis do *tsuru*, junto com o pedido de cura. Como a doença se agravava a

cada dia, Sadako começou a pedir pela paz mundial. Mas, no dia 25 de outubro de 1955, ao completar 964 *tsurus*, ela faleceu.

Os amigos completaram os 1000 *tsurus* e iniciaram uma campanha para arrecadar dinheiro para construir um monumento pela paz. Em 1958 o monumento foi inaugurado, no Parque da Paz de Hiroshima. Todos os anos, no dia 6 de agosto, dia do bombardeio, se faz uma cerimônia no parque, pela paz e para lembrar as vítimas de Hiroshima. (<https://www.city.hiroshima.lg.jp/site/portuguese/10092.html>)

História milenar

É quase impossível remontar à verdadeira origem do origami, uma vez que as informações sobre esta forma de arte, anteriores ao século XV, são praticamente inexistentes. Há muitas versões plausíveis sobre suas origens e história inicial, mas a maioria delas é baseada em documentação pouco confiável. Alguns estudos dizem que o origami foi inventado pelos japoneses há cerca de mil anos, mas suas verdadeiras raízes podem estar na China.

É altamente provável que o processo de dobragem tenha sido aplicado a outros materiais antes da invenção do papel, de modo que as origens da dobra recreativa podem estar em tecido ou couro. Certamente, na Europa, a prática de dobrar guardanapos e plissar tecidos era muito apreciada. No entanto, o papel provou ser o material ideal para dobrar e, portanto, é lógico supor que a dobra de papel se seguiu à descoberta do seu processo de fabricação.

Em 1680, um pequeno poema do poeta e romancista Ihara Saikaku fez referência ao origami de borboleta, revelando o quão bem enraizada na cultura japonesa a dobradura de papel havia se tornado naquela época. Um dos primeiros livros de instruções de dobragem de papel conhecido foi o *Senbazuru Orikata*, de Akisato Rito (1797), e mostrou como dobrar grous ligados, cortados e dobrados de um quadrado de papel.

Aplicações educacionais

O educador alemão Friedrich Froebel (1782-1852), criador do jardim de infância, foi um ávido defensor da dobradura de papel e seus benefícios educacionais, e ajudou a difundir a dobradura de papel em todo o mundo. Três tipos básicos de dobras estão associados a ele: as dobras da vida

“A Bauhaus usou a dobradura de papel como meio de treinar estudantes em design comercial e o reverenciado professor e artista da Bauhaus, Josef Albers, era especialmente adepto da criação de estruturas em forma de cúpula a partir de folhas planas de papel.”

(dobras básicas que introduziram as crianças na dobra de papel), as dobras da verdade (ensinando princípios básicos de geometria) e as dobras da beleza (dobras mais avançadas baseadas em quadrados, hexágonos e octógonos).

A famosa estrela de papel dobrado ou tecido Froebel, um artesanato e decoração de Natal popular, recebeu o seu nome, mas provavelmente foi inventado por outra pessoa. Por volta de 1880, essas dobras Froebelianas foram introduzidas no Japão e nas escolas japonesas, e foi nessa época que a palavra origami começou a ser usada para descrever dobraduras recreativas. As contribuições alemãs para a dobra de papel continuaram com a primeira escola Waldorf, de Rudolf Steiner (1919), em Stuttgart, Alemanha, que enfatizou diversas atividades práticas, incluindo origami, e com a Escola de design Bauhaus (1919-33). A Bauhaus usou a dobradura de papel como meio de treinar estudantes em design comercial e o reverenciado professor e artista da Bauhaus, Josef Albers, era especialmente adepto da criação de estruturas em forma de cúpula a partir de folhas planas de papel.

Após a Segunda Guerra Mundial houve crescente interesse pelo origami na América do Norte e o assunto foi intensamente pesquisado, especialmente pelo folclorista Gershon Legman, nos Estados Unidos. Em 1955, Legman organizou, em Amsterdã, uma exposição do origami do mestre japonês Akira Yoshizawa (1911–2005). Yoshizawa foi considerado um proeminente dobrador de sua época, e seu trabalho inspirou gerações subsequentes de dobradores. Também na década de 1950, Lillian Oppenheimer ajudou a popularizar a palavra origami e apresentá-lo aos americanos. Ela fundou o *Origami Center of America*, em Nova York, em 1958, usando o meio relativamente novo da televisão para popularizar a forma de arte e produziu vários livros sobre origami com a artista infantil e estrela de TV Shari Lewis; como Oppenheimer gostava de dizer: “*Por que os japoneses deveriam ter toda a diversão?*” Nos anos 1960 e início dos anos 1970, dobradores americanos como Fred Rohm e Neal Elias desenvolveram novas técnicas que produziram modelos de complexidade sem precedentes.

No final da década de 1980, Jun Maekawa, Fumiaki Kawahata, Issei Yoshino e Meguro Toshiyuki, no Japão, e Peter Engel, Robert Lang e John Montroll, nos Estados Unidos, tinham técnicas ainda mais avançadas, inspirando, por exemplo, a dobradura de criaturas e insetos com múltiplas pernas e antenas. No início da década de 1990, Lang desenvolveu um programa de computador (*TreeMaker*) para auxiliar na dobra precisa de bases e outro (*ReferenceFinder*) para encontrar sequências de dobragem curtas e eficientes para qualquer ponto ou linha dentro de um quadrado unitário.

Dezenas de sociedades de origami existem em todo o mundo. Entre elas destaca-se a *Japan Origami Academic Society (JOAS)*, que é um canal para muitas das construções mais inovadoras do origami contemporâneo.

Origami no Brasil

No Brasil, o origami foi difundido de duas maneiras: através da Argentina, que possui grande influência espanhola, e através dos imigrantes japoneses, que vieram para cá a partir de 1908.

Dentre os milhares de japoneses que aqui chegaram, no início do século XX, Takao Kamikawa ganhou certo destaque. Trabalhador em uma fazenda de café, aos domingos reunia a sua família na confecção de ornamentos de papel que serviriam de enfeites para cerimônias de casamento.

Na década de 1960, o origami passou a ser ensinado oficialmente pela Aliança Cultural Brasil-Japão (ACBJ) e, com o apoio do Consulado japonês, realizaram-se algumas exposições e a técnica foi ensinada em alguns programas de TV.

Na década de 1980, o origami teve grande aceitação pelas mulheres que queriam ensinar aos seus filhos essa arte. Porém, na década de 1990, houve uma diversidade no seu público, com pessoas das mais variadas profissões, idades ou sexo, que procuravam esse curso para combater o estresse e relaxar.

Além disso, foram criados muitos grupos de estudos e de disseminação do origami em nosso território. Em 1992, foi criado o GEO (Grupo de Estudos de Origami) formado por ex-alunos do curso de Origami da ACBJ, que inicialmente divulgava o Origami através de boletins com artigos diversos e mais tarde, com exposições. Uma delas chamada "*A História da Imigração Japonesa no Brasil*" foi vista por milhares de pessoas em várias cidades do Brasil e, em 2001, foi exposta na Embaixada Brasileira em Tóquio.

O origami deixou de ser uma atividade restrita às famílias orientais, passando a ser presente em eventos que influenciam a sociedade brasileira.

Com a Copa do Mundo de 2002, na Coreia, realizou-se em nosso país uma exposição chamada de "*A Copa do Mundo do Origami*", no Consulado Japonês em São Paulo, onde o público teve a oportunidade de conhecer as obras de vários artistas mundiais, com a duração de um mês.

Atualmente, o origami está presente nos eventos em empresas, hospitais e seminários, pois o mesmo é reconhecido como uma forma de melhorar a qualidade de vida do funcionário de uma empresa e como forma de integração.

Modelos na internet

Com o advento da internet, a difusão global do origami se consolidou, uma vez que os dobradores passaram a ter acesso aos diagramas contendo instruções para a consecução de cada modelo e também aos crease patterns ou CP, do inglês, que significa "*Padrão de Dobras*" ou "*Padrão de Vincos*". É, literalmente, o DNA de um modelo de origami. São diversos sites de dobras dedicados à arte do origami onde são expostos os modelos e divulgadas as diversas técnicas empregadas, como a *wet folding*, onde o papel é umedecido para criar formas curvilíneas perfeitas. Outro gênero interessante é o *money folding*, onde os modelos são criados com a dobradura de cédulas de dinheiro, aproveitando algumas vezes os grafismos para revelar detalhes da dobradura, como olhos ou bocas.



Gato (Aníbal Voyer) e Cavalo (Hideo Komatsu)

“O origami deixou de ser uma atividade restrita às famílias orientais, passando a ser presente em eventos que influenciam a sociedade brasileira.”



Foto: Kevin Lanceplaine/Unsplash

A internet ainda permite a aquisição de livros e revistas especializadas, além da compra de papéis especiais e ferramentas que facilitam o processo de dobradura.

Podemos reproduzir praticamente tudo com o uso da técnica do origami: objetos variados, criaturas míticas, insetos, aves, animais, flores, seres humanos e até mesmo personagens de desenhos animados e de filmes de ficção, bem assim aviões e naves espaciais.

Um hobby relaxante e desafiante

Conheci o origami ainda na infância, aos dez anos de idade, na década de 1970, quando, em visita à casa de um arquiteto amigo da família, ele mostrou-me um livro de origami adquirido durante viagem ao exterior e me ajudou a dobrar um papagaio, com dobras simples. Daí em diante o origami passou a ser um hobby e a busca por novos modelos uma constante.

Embora exija concentração e foco, o origami é uma atividade lúdica muito relaxante, excelente para quem leva uma vida estressante. É possível decorar as dobraduras de alguns modelos e experimentar tipos e tamanhos diferentes de papéis.

Não me considero um origamista, pois não crio novos modelos, mas apenas um dobrador mais experimentado. Gosto do desafio de dobrar modelos complexos e de utilizar pequenos pedaços de papel, produzindo miniaturas de origamis. Também já dobrei alguns modelos utilizando cédulas de dólar, prática temporariamente suspensa em virtude da valorização da moeda norte-americana.

Como começar

A dificuldade de comprar livros de origami, quase todos estrangeiros, restou superada pela oferta de diagramas e crease patterns em sites na internet, bem assim pela possibilidade de aquisição de *e-books* diretamente de livrarias especializadas localizadas no exterior.

Repositório das maiores coleções de resenhas de livros de origami, a página <https://www.giladorigami.com/> traz um índice atualizado de modelos, indicando as publicações onde podem ser encontrados os diagramas ou CP de cada um deles. Também possui uma vasta lista de sites e blogs dedicados ao origami.

O blog vietnamita <https://origamivnnhatpro.blogspot.com/> oferece vários livros e revistas de origami que podem ser baixados gratuitamente.

Já os blogs Pásion al Origami (<http://novoorigami.blogspot.com/>) e Elarte del Origami (<http://elartedelorigami.blogspot.com/>) trazem carrosséis com as imagens das dobraduras, bastando clicar sobre elas para ter acesso às instruções detalhadas de confecção.

Finalmente, pode-se encontrar vários tutoriais em diversos canais disponíveis no YouTube, desde dobraduras básicas até as mais complexas, o que garante horas de diversão e relaxamento.

Referências bibliográficas

- Robinson, Nick - (<https://www.britannica.com/art/origami/History-of-origami>)
- A História do Origami no Brasil - (<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/cotidiano/a-historia-do-origami-no-brasil/60702>)
- Origami Brasil - (<https://www.origami-brasil.com/2009/01/o-que-e-um-crease-pattern/>)

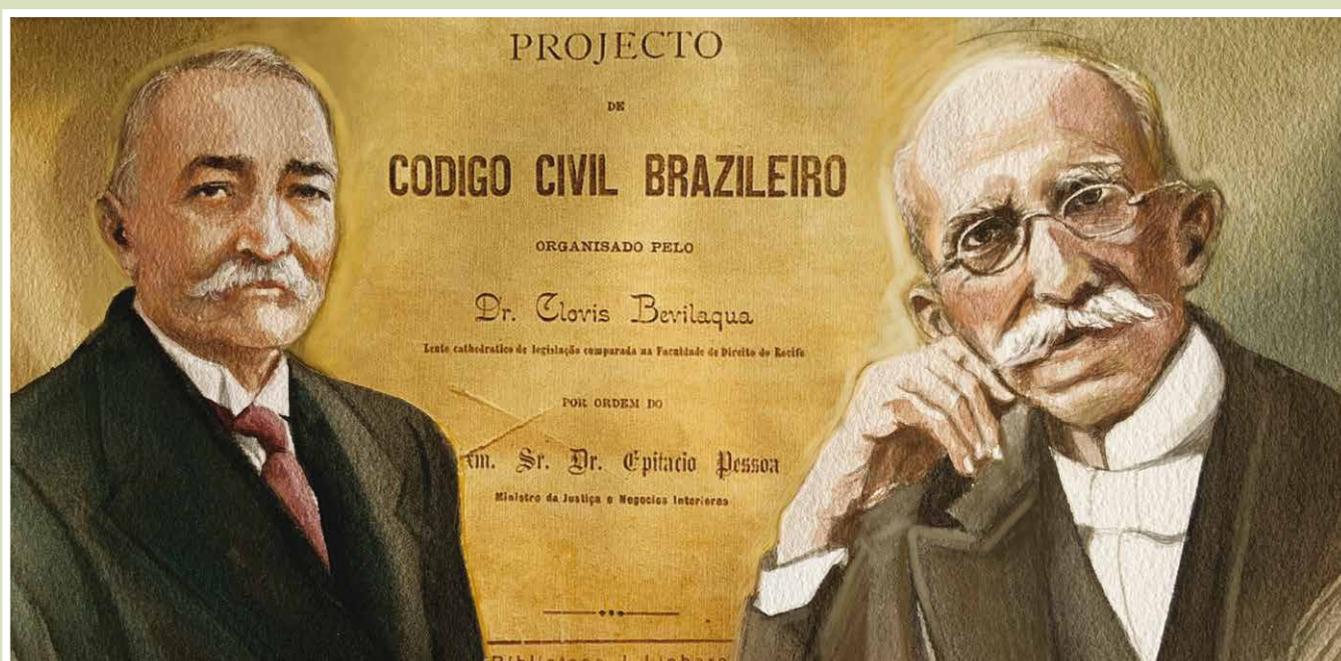


Dragão de Fogo (Kade Chan),
Papai Noel (Steven Casey),
Mestre Yoda (Fumiaki Kawahata)
e Unicórnio (Román Diaz)

“Podemos reproduzir praticamente tudo com o uso da técnica do origami: objetos variados, criaturas míticas, insetos, aves, animais, flores, seres humanos e até mesmo personagens de desenhos animados e de filmes de ficção, bem assim aviões e naves espaciais.”



Presépio (vários autores)



Clóvis Bevilacqua X Rui Barbosa

Réplica x Tréplica

A polêmica gramatical e de linguagem que levou o país “a escrever melhor”

Gutemberg da Mota e Silva
Desembargador do TJMG, aposentado

O gramático, filólogo e professor Ernesto Carneiro Ribeiro, baiano da ilha de Itaparica, certamente nunca imaginou que seu inteligentíssimo ex-aluno de francês e inglês no Ginásio Baiano, Rui Barbosa de Oliveira, baiano de Salvador, advogado, jurisconsulto, escritor, jornalista, orador, diplomata, político, presidente da Comissão Especial do Senado encarregada de revisar o projeto do primeiro Código Civil brasileiro, o de 1916, de autoria do advogado civilista, filósofo e historiador Clóvis Beviláqua, cearense de Viçosa do Ceará, lhe desfecharia tantas e tão contundentes censuras ao rebater, na denominada *Réplica às defesas da redação do projeto da Câmara dos Deputados, as Ligeiras observações sobre as emendas de Rui Barbosa* que ele fizera ao revisar a linguagem do projeto, a pedido da Câmara.

A *Réplica*, assinada em 31 de dezembro de 1902, publicada em 1903 e contestada pelo professor Carneiro com a *Tréplica*, o *Parecer* antes destas apresentado por Rui Barbosa, relator da matéria no Senado, as *Ligeiras observações* do seu antigo mestre e a obra *Em defesa do projeto de Código Civil Brasileiro*, de Clóvis Beviláqua, consubstanciaram, no início do século XX, a mais famosa e intensa polêmica gramatical e linguística brasileira, acompanhada com interesse pela imprensa, juristas e literatos, levando o país “a escrever melhor”, como observou o historiador José Maria Belo, citado pelo biógrafo Luís Viana Filho (*A vida de Rui Barbosa*).

O código se completou “como obra de arte literária”

O escritor, advogado e professor universitário Sílvio Meira, paraibano de Taperoá, assinalou, em biografia de Clóvis, que Rui “apresentava emendas a quase todos os artigos”, equivalendo seu trabalho “a um substitutivo”, daí derivando “polêmicas formidáveis, de que participaram” Rui, Carneiro, Beviláqua e José J. de Oliveira, professor da Faculdade de Direito do Recife.

Para o biógrafo, “fastidioso seria reproduzir todos os casos em que Rui apresentou censura ao projeto e Carneiro Ribeiro revidou. A verdade é que a iniciativa inesperada deixou uma larga messe de magníficos estudos linguísticos que hoje enriquecem as letras brasileiras. Rui, desprezando o conteúdo jurídico para apegar-se à forma, prestou relevante serviço,

porquanto deu margem a que o diploma se completasse como obra de arte literária, considerada o maior monumento legislativo brasileiro de todos os tempos” (Clóvis Beviláqua. *Sua vida. Sua obra*).

O linguista sueco Bertil Malmberg, citado pelo filólogo Aires da Machado Filho, mineiro de Diamantina, observa que “O papel da linguagem, para os indivíduos como para as coletividades, é tão capital, que a linguística de hoje retém a própria atenção do grande público.” (*Linguística e Humanismo*).

A polêmica sobre a gramática e os vícios de linguagem do projeto do Código Civil, aprovado em 1º de janeiro de 1916 e em vigor a partir de 1º de janeiro de 1917, sendo substituído pelo Código Civil atual, o de 2002, se estabeleceu porque, tendo Rui apresentado o *Parecer*, em 3 de abril de 1902, àquela comissão do Senado, viu-se “na contingência de ter de rebater as objeções e os reparos” a seu texto, publicado no Diário do Congresso Nacional de 27 de julho de 1902, como foi lembrado em 1980 na apresentação da edição fac-similada da *Réplica*, comemorativa dos cinquentaenários da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção do Rio de Janeiro, e da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), também do Rio.

O debate da linguagem ofuscou o do aspecto jurídico

O debate da linguagem do projeto ofuscou o do seu aspecto jurídico. Das 1.736 emendas aprovadas pelo Senado, o maior contingente, cerca de 90%, relacionava-se à sua redação, menos de 200 se referiam a seu conteúdo jurídico, observou Sílvio Meira (obra citada).

Publicada no *Diário do Congresso Nacional* de 10 de outubro de 1903, a *Réplica* saiu dos prelos da Imprensa Nacional em 1904, num denso volume de 600 páginas. Os representantes da OAB e da FCRB assinalaram no seu lançamento que a *Réplica* “é uma das obras mais notáveis da literatura filológica e jurídica brasileira” e sua reedição oferecia, “principalmente aos advogados, a oportunidade de travar contato com o trabalho monumental” que Rui “desenvolveu em torno da redação do projeto de Código Civil.”

“Incapaz de suportar, por muito tempo, relativa obscuridade, Rui, inesperadamente, encontraria a ocasião para aparecer ruidosamente.”

Rui não suportava relativa obscuridade por muito tempo

A *Imprensa*, jornal que Rui dirigia no Rio, fechou em abril de 1901. A este fato, diz Luís Viana Filho, “talvez deva a língua portuguesa um dos seus maiores livros.” Explicou: “Incapaz de suportar, por muito tempo, relativa obscuridade, Rui, inesperadamente, encontraria a ocasião para aparecer ruidosamente. Designado pelo Senado, que, certamente, vira nisso uma incumbência sem caráter político, para examinar o projeto do Código Civil, vindo da Câmara já revisto pelo seu antigo mestre de francês, Carneiro Ribeiro, das grandes sumidades do país em matéria de linguagem, Rui dedicou-se ao assunto de corpo e alma.”

Contendor polido, mas era “indispensável” destroçá-lo

O biógrafo observou que, ao rebater, nas Ligeiras observações, o Parecer de Rui, o professor Carneiro “fê-lo de maneira polida, embora sem demonstrar receio do antagonista. Mais defesa do que ataque. Isso foi o bastante para que o tímido se sentisse ferido”. Para Rui, “tornara-se indispensável destroçar o contendor, que se atrevera a contraditar-lhe as opiniões. E, como se concentrasse no trabalho toda a amargura do homem tantas vezes malogrado nas suas ambições políticas, o autor do Parecer escreveu a *Réplica*, entregue ao Senado em dezembro [de 1902]. Sem modéstia, dirigindo-se a seu antigo professor do Ginásio Baiano, reproduziu na publicação estas palavras de Castilho: ‘Tanto é fácil aos discípulos sobrepujar algumas vezes os mestres que os precederam.’”

“Depois da Réplica, se passou a escrever melhor”

Luís Viana afirma que foi notado o azedume da defesa feita na *Réplica*. “Mas, pela elegância da frase, a erudição dos exemplos, a própria paixão, que imprimira ao debate, constituía alguma coisa de monumental. A verdade era que o país estava maravilhado. Habitara-se a admirar o jurista, aplaudir o orador e entusiasmar-se com o jornalista, mas espantava-se diante desse aspecto inédito daquela inteligência privilegiada, cujos profundos conhecimentos da língua eram ignorados. Aqueles temas áridos de filologia, manejados pela pena do escritor, tornavam-se atraentes e, entre as classes mais ou menos cultas, foram bem poucos os que não acompanharam a contenda com interesse.” Às vezes, com bom humor. O escritor Ivan Junqueira afirmou que o rigoroso crítico José Veríssimo, agora “alfinetando o professor Carneiro Ribeiro”, escreveu: “Para escritores ignorantes como eu, esta briga é um consolo. Como erram os mestres! Como ignoram os sábios!” (*Cinzas do espólio*).

Acrescentou o biógrafo: “A *Réplica* realiza esta maravilha – uma discussão de gramático, que nos apaixona, que nos faz vibrar. O conceito pertence a José Maria Belo e é perfeitamente exato. Realmente, o assunto tanto interessara o (sic) país, por mais que pareça estranho tratando-se duma polêmica sobre a colocação de pronomes e sutis segredos da linguagem, que, depois da *Réplica*, se passou a escrever melhor. Aquelas páginas cheias de paixão e também de amargura haviam feito mais pela correção da linguagem do que os anos vividos nas escolas pela maioria dos leitores. Sobre tudo, Rui fora tão claro, tão abundante, tão lógico, que o público não esperou sequer pela *Tréplica* de Carneiro para atribuir ao autor da *Réplica* uma vitória integral.”

Projeto pronto em seis meses e poucos dias

A polêmica, aliada ao interesse de Rui em procrastinar o andamento do projeto, acabou contribuindo para que o Código Civil de 1916, conhecido como “*Código Beviláqua*”, tivesse longa tramitação: dezesseis anos. A codificação das leis civis do país fora tentada desde o Império, sendo confiado um dos projetos ao jurista Teixeira de Freitas, baiano de Cachoeira, mas a ideia somente avançou no primeiro governo provisório da República, de Campos Sales, paulista de Campinas. Por meio do seu ministro da Justiça, Epitácio Pessoa, paraibano de Umbuzeiro, o presidente convidou Clóvis para redigir o projeto. Ele e Epitácio foram colegas de magistério na Faculdade de Direito do Recife, e, quando do convite, o civilista, com 40 anos, lecionava Legislação Comparada. A carta-convide, de 25 de janeiro de 1899, manuscrita, foi reproduzida num livro fartamente ilustrado sobre a vida e a obra do civilista, organizado pelo advogado e historiador Cássio Schubsky (*Clóvis Beviláqua: um senhor brasileiro*). Ele aceitou, mudou-se para o Rio e o redigiu em seis meses e poucos dias.

Rui: falta a Clóvis “a casta correção no escrever”

A escolha ensejou reações. Quais as credenciais do escolhido? O país disporia de juristas mais qualificados, como Lafayette Rodrigues Pereira, mineiro de Conselheiro Lafaiete, autor da *Consolidação das Leis Civis*, de 1858, e de *Esboço*, de 1859, trabalhos suspensos em 1865; Rui Barbosa, coautor da primeira Constituição republicana (1891); e Antônio Coelho Rodrigues, piauiense de Teresina (1891), autor do primeiro projeto de Código Civil já na República.

Em artigos n’A *Imprensa*, datados de 14 e 15 de março de 1899, Rui considerou a escolha de Clóvis “um rasgo do coração, não da cabeça”, afirmou que ele não tinha “a ciência da sua língua, a vernaculidade, a casta correção no escrever”. Forçosamente, sairá “tosca, indigesta, aleijada a codificação.” (Pe. Augusto Magne, S.J., no prefácio ao *Parecer*, no t. I das *Obras completas*).

O Ministro do Superior Tribunal de Justiça César Asfor Rocha, cearense de Fortaleza, depondo em 2009, em *Um senhor brasileiro*, a respeito da escolha, escreveu: “Como é que um nordestino, um cearense, ainda jovem, foi escolhido? Parece-me que, em parte, por ter sido escolhido por um também nordestino – Epiácio Pessoa.”

Depondo na mesma obra e ano, Eros Roberto Grau, ministro do Supremo Tribunal Federal – STF, observou que, antes do convite, Clóvis era professor e já havia escrito [em 1896] artigo sobre como deveria ser o Código Civil [*O problema da codificação do direito civil brasileiro*], livros de direito, filosofia, literatura, história e política.

Rui era “homem de uma vaidade infernal”, e Clóvis, “humilde”

Eros Grau acrescentou que a diferença entre os dois “é que Rui Barbosa era um homem de uma vaidade infernal, e Clóvis era um homem humilde, que sabia as coisas do mundo (...) Aquela pendenga com Rui, na brilhante interpretação de San Tiago Dantas, aconteceu porque Rui Barbosa era contra o governo e não queria que se discutisse apressadamente o Código”. [Sua aprovação seria um trunfo eleitoral para Campos Sales]. Rui era oposição e a coisa mais fácil para tentar derrubar o Código era dizer que estava mal escrito. É por isso que Rui vai por aí, para tentar arrasar. Mas ele sabia muito bem que Clóvis era o jurista que era”.

O ex-presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB), Aloísio Tavares Picanço, cujo pai, Melchides Picanço, foi amigo e primeiro biógrafo de Clóvis, depôs em *Um senhor brasileiro*: “Rui Barbosa queria ser o autor do Código Civil. Contudo, a maior inteligência do Brasil não tinha vocação para codificador. Então, inconformado, investiu duro contra o projeto de Clóvis Beviláqua. Curiosamente, não em relação à sua estrutura jurídica, mas contra a sua redação.”

Câmara se submeteu ao “arbitramento de estranhos”

No Congresso, a Câmara e o Senado criaram Comissão Especial do Código Civil. A Câmara apresentou emendas “para corrigir acidentes gramaticais”, segundo Rui, e foi severa nas retificações, daí ter convocado o professor Carneiro “para revisar o projeto, do ponto de vista da linguagem.” O Senado incumbiu Rui Barbosa de proceder, ao cabo da tarefa da Casa, “quanto à forma e à substância, à sua revisão geral”. Rui afirmou que a errata de Carneiro, “em alguns dias alinhavada [soamente quatro dias e algumas horas], foi subscrita sem debate, nem exame, nemine discrepante [sem que ninguém divergisse], pela comissão especial.”

Apresentando a Réplica, Rui observou que aquela fora a primeira vez em que a Câmara, para aprovar uma lei, “se entregara ao arbitramento literário de estranhos”, sendo também a primeira em que se confiava a redação de um código civil, “tarefa até aqui exclusiva de jurisperitos, ao tribunal singular de um linguista”. Os membros da Comissão dos vinte e um, da Câmara, não contentes com o que “lhes dispunham à mão os filólogos da capital republicana [Rio], transpuseram mares, e foram buscar na Atenas do Norte [refere-se a Salvador, ou à Bahia] a essência do saber gramatical, dobrando-se ao jube domine [à ordem ou ao pedido do senhor] do professor baiano.” Disse adiante que o revisor baiano fora convidado “para escacharme” e que o “Dr. Clóvis Beviláqua e a Comissão dos vinte e um” haviam curvado ambos as cabeças “à férlua [rigor disciplinar] do Dr. Carneiro” e “davam-se as mãos contra mim, tendo-me a mal o que a ele agradeciam.”

Além dos três protagonistas principais e dos membros das comissões legislativas (a da Câmara com um representante de cada Estado), a polêmica envolveu vários outros, como os quinze membros da Comissão do Governo Federal, presidida por Epiácio Pessoa, tribunais, faculdades, juristas, entidades.

“Rui Barbosa queria ser o autor do Código Civil. Contudo, a maior inteligência do Brasil não tinha vocação para codificador.”

Antes do direito, filosofia, literatura, história e política

Quando Clóvis nasceu, em 4 de outubro de 1859, Viçosa do Ceará era apenas Viçosa. O acréscimo, em 1943, objetivou distingui-la de Viçosa, Minas Gerais. Era filho do padre e político cearense José Beviláqua, vigário naquela cidade, e de Martiniana Maria de Jesus, com quem o pai se uniu de fato, não sendo raras, naquele tempo, as uniões matrimoniais de clérigos.

Formou-se em 1882 na Faculdade de Direito do Recife, em cuja biblioteca trabalhou. Vinculou-se à “*Escola do Recife*”, influenciado pelos filósofos Tobias Barreto e Sílvio Romero, sergipanos. Publicou inicialmente a história da faculdade e obras de literatura, política e filosofia, como *O positivismo no Brasil*. No início, estudava para ser aprovado. Formado, além do citado artigo, escreveu sobre legislação comparada de direito privado, Direito de Família, Direito das Obrigações, Direito das Sucessões, Direito das Coisas e Comentários ao Código Civil, em seis volumes, sendo as duas últimas as suas obras jurídicas mais relevantes.

Passagem improdutiva como promotor em Alcântara

Indeferido seu pleito para ser nomeado promotor público em Aquiraz, no Ceará, pois o cargo estava ocupado por leigo, o que era permitido, Clóvis atacou pela imprensa o governador da província, competente para a nomeação. Contudo, em 1883 foi nomeado promotor em Alcântara, no Maranhão, pelo futuro sogro, o desembargador José Manoel de Freitas, piauiense de Jerumenha, presidente da província do Maranhão e, depois, da de Pernambuco. “*Mas, a bem da verdade, escreveu Schubsky, durante quase um ano [em] que ficou no cargo, mostrou-se ausente e pouco produtivo. Como relatou Sílvio Meira, ‘entrando em exercício a 17 de março, o ano de 1883, para Clóvis Beviláqua, foi de constantes ausências da comarca, todas elas justificadas através de licenças para tratamento de saúde ou a chamado à capital, a serviço.’*”

Clóvis salvou Amélia de afogamento. E se apaixonou

Também em 1883 se casou com Amélia Carolina de Freitas, de Jerumenha, filha do citado José Manoel. Sílvio Meira conta que Clóvis a salvou de se afogar durante banho no riozinho da cidade, com outras “*filhas-família*”, e se apaixonou. O lugar era cercado por árvores densas, que o separavam do “banheiro” dos rapazes. Elas costumavam usar camisolas brancas, tornadas transparentes pela água, ou se banhavam como nasceram. A própria Amélia narrou o caso ao jornalista Hildon Rocha. Clóvis a ouvia sem protesto, apenas dizendo ao jornalista que nada publicasse. Foi inútil: saiu em “*Memória indiscreta*”, Livraria Francisco Alves, Rio. O casal teve duas filhas, Dóris e Floriza, e adotou Veleda e Vitória, filhas de Floriza, que se separara do marido.

“Desde criança Amélia revelava dotes literários. Escreveu em jornais e revistas do Recife. Foi precursora do feminismo no país.”

ABL rejeitou Amélia, pois somente admitia “brasileiros”

Desde criança Amélia revelava dotes literários. Escreveu em jornais e revistas do Recife. Foi precursora do feminismo no país. Integrou a Academia Piauiense de Letras. Em parceria com Clóvis, publicou *Literatura e Direito*. Reuniu crônicas, novelas e romances nos livros *Alcyone*, *Impressões*, *Angústia*, *Através da vida*, *Silhouetes* e *Alma universal*.

Pleiteou a cadeira 23 da ABL. Clóvis era membro fundador da academia, como Machado de Assis e Rui Barbosa. Foi recusada, em 1930, por maioria, sob o argumento de que, pelo estatuto, a academia somente admitia “brasileiros”. Clóvis a defendeu. Vencido, rompeu para sempre com a ABL, sem declinar o motivo. Amélia publicou pareceres sobre o episódio em A Academia Brasileira de Letras e Amélia de Freitas Beviláqua – Documentos histórico-literários.

Acusação de que ele já não poderia se defender

Schubsky lamenta que a biografia de Clóvis, democrata e humanista, tenha sido maculada por afirmação de Fernando Moraes em *Olga*, biografia [dos anos 1980] de Olga Benário Prestes, grávida do líder comunista Luís Carlos Prestes, no sentido de que, em 1936, entrevistado, o advogado reconheceu o direito constitucional de a gestante não ser expulsa do país enquanto perdurasse a gravidez, pois daria à luz a filha de um brasileiro, mas admitiu a deportação, argumentando que, em período de estado de guerra, o interesse público prevalece sobre todos os demais.

Clóvis já não poderia se defender, observou Schubsky, pois morrera em 1944 e desde 1934 não era mais consultor

jurídico do Ministério das Relações Exteriores. Atribuiu a deportação ao presidente Getúlio Vargas e a seu Ministro da Justiça, Vicente Rao, baseados em mero *despacho administrativo* da polícia política. A filha, Anita Leocádia, foi libertada. Olga, deportada, morreu em 1942 em campo de extermínio nazista. Para Schubsky, houve um “*festival de erros*”, o fato não foi comprovado, e o jurista, injustiçado.

Clóvis morreu pobre, cercado da família, livros e pássaros

Clóvis morava de aluguel na casa da Rua Barão de Mesquita, 506, Rio. Seus mais de 20 mil livros tomavam quase todos os cômodos. Em *Um senhor brasileiro*, a editora Cláudia Malinverni afirma que ele criava dezenas de animais de estimação. Cada um era acolhido como “*um legítimo Beviláqua*”. Recebia clientes, especialistas, estudantes de Direito. Havia “*almocinhos*” na casa. Cobrava uma bagatela por parecer, quando cobrava. A neta Maria Cecília observou que a vida ali fugia aos padrões, o que dava à família a fama de “*excêntrica*”. Acordava de madrugada, fazia o café e começava a trabalhar. Em 26 de julho de 1944 concluiu parecer, escrito a mão, mas morreu, às 7h30min., sem assiná-lo. [Amélia, que sofria de transtornos mentais, morreria em 1946]. O Governo Federal custeou o velório.

Apesar do êxito na profissão, “*vivia uma situação de penúria*”, comentou a neta. A aposentadoria era irrisória. Amigos ajudaram a família a comprar a casa, evitando despejo. Parte da biblioteca foi vendida ao Colégio Pedro II. Goteiras e cupins haviam danificado o acervo. O remanescente deste está no memorial do Tribunal de Justiça do Ceará. Na lápide do cemitério São Francisco Xavier, Rio, esta frase dele: “*A vida é bela e útil quando se firma no trabalho.*”

Ernesto estudava à luz de velas de carnaúba

Em 1853, com 13 anos, o menino Ernesto atravessou a Baía de Todos os Santos, certamente num veleiro, na época principal meio de transporte entre Salvador e a ilha de Itaparica, onde nascera em 12 de setembro de 1839. Deixava a família para fazer os preparatórios no Liceu Provincial. Logo teve que dar aulas, para custear os estudos e não depender da família, gente simples, de origem humilde, pobre, da raça negra, numerosa, com sete filhos: Ernesto, Odorico, José, Cornélio, Teresa, Emiliana e Júlia.

“A vida é bela e útil
quando se firma no
trabalho.”

“*Esse dinheiro* – escreveu num ensaio biográfico seu neto Daniel Carneiro Ribeiro – *era logo convertido em livros e velas de carnaúba. À noite, em seu acanhado quarto, com velas de carnaúba a arderem, estudava e lia até horas avançadas*”. O relato é de Ismael Lage Pitanga em sua pesquisa de mercado no Programa de pós-graduação em História da Universidade do Estado da Bahia: “*Ernesto Carneiro Ribeiro: a trajetória intelectual do professor negro baiano (1839-1920)*”.

Na pesquisa, em que identificou 11 escolas públicas na Bahia, nove em Salvador, com o nome dele, Ismael Pitanga diz abordar especialmente o pensamento dele sobre educação, exposto em “*A educação e sua relação com a moral*.” A pesquisa almeja a dar visibilidade a “*seu percurso na condição de negro intelectual em uma sociedade hostil e excludente em relação às populações afrodescendentes*.”

Carneiro se formou em Medicina em 1864, mas já no primeiro ano do curso passou a lecionar francês e inglês no Ginásio Baiano, tornando-se depois seu vice-diretor. Defendeu a tese *Relações da Medicina com as ciências filosóficas*. No Ginásio Baiano, com 20 anos, foi professor de Rui Barbosa, com 10, e do poeta Castro Alves. Dedicou-se ao magistério na Bahia durante 63 anos. Começou na sua própria escola, o Colégio Carneiro Ribeiro, nele lecionando também a mulher, Amélia Carneiro Ribeiro [o mesmo prenome da de Clóvis] e os filhos Helvécio e Ernesto.

Ismael Pitanga diz que ele “*ultrapassou os limites impostos ao seu lugar social e assim como outros homens de cor que viveram no período escravagista, alcançou projeção nos cenários da intelectualidade, através da educação*”. Autor de *Gramática Filosófica*, foi sócio de entidades culturais, diretor e professor do Liceu Provincial (1871-1902) e primeiro presidente da Academia de Letras da Bahia (1917-1920).

No concurso para professor, além de mérito, teve sorte

Ismael Pitanga transcreve trecho de Daniel Carneiro contando que um sorteio decidiu o concurso público para professor de *Gramática filosófica* do Liceu Provincial, do qual seu avô participou com a tese *Origem e filiação da língua portuguesa*. Aprovados em primeiro lugar, com distinção, Ernesto e Guilherme Rebello, a decisão coube ao presidente da província, Francisco Gonçalves Martins, que perguntou a Guilherme (Ernesto já saíra) se aceitaria o critério aleatório que pretendia adotar. Aceitou. Foram postas na urna duas cédulas, uma dizendo “*tive mérito e tive sorte*” e a outra, “*tive mérito, mas a sorte não me ajudou*”. Ajudou a Ernesto, que ganhou a cátedra.

Carneiro Ribeiro faleceu repentinamente em Salvador, em 13 de novembro de 1920, aos 81 anos. Luís Viana, no prefácio da sua biografia de Rui, escreveu: “*Por vezes, levados pelas circunstâncias, houve os que se afastaram momentaneamente [de Rui]. E da transitoriedade dessas desavenças, que a admiração logo dissipava, nenhum exemplo melhor do que o de Carneiro Ribeiro, antigo professor de Rui e seu opositor principal nas questões de linguagem do Código Civil, ao saudá-lo, já octogenário, quando visitou a Bahia, em 1919*” [em campanha para a presidência da República].

O inteligentíssimo aluno do professor Carneiro

Filho do médico e político João Barbosa de Oliveira e de Maria Adélia Barbosa de Oliveira, Rui Barbosa nasceu em 5 de novembro de 1849, dez anos depois de Carneiro e dez anos antes de Clóvis. Com cinco anos, “em quinze dias sabia ler e conjugar verbos”, conta Luís Viana. O professor Antônio Gentil Ibirapitanga anunciou que em 30 anos nunca tivera discípulo tão extraordinário. O pai o obrigava a ler clássicos portugueses, queria torná-lo um tribuno. Estava sempre lendo. Iniciou o curso de Direito no Recife, terminou-o em São Paulo, em 1870. Atuou na Bahia como advogado, jornalista e político, e, já casado com Maria Augusta Viana Bandeira, transferiu-se para o Rio.

Destacou-se na campanha abolicionista. Diplomata, representou o Brasil na 2ª. Conferência de Paz, em Haia, Holanda (1907). Pela performance, ficou conhecido como a “Águia de Haia”. Deputado provincial baiano, deputado-geral, senador, presidente do Senado, vice-presidente e primeiro ministro da Fazenda do governo provisório republicano. Candidato, duas vezes derrotado, a presidente da República – em 1910, quando liderou a campanha civilista, e em 1919. Ministro da Fazenda, executou a contestadíssima política econômica conhecida como Encilhamento. Acusado de participar da Revolta da Armada (1893), exilou-se em Buenos Aires, Lisboa e Paris e se fixou em Londres, por dois anos.

Pequeno, de cabeça grande, tinha grande memória. Assumiu os débitos do pai, enfrentou endividamentos. Padeceu de enfermidades. A mulher se tornou “o princípio e o fim da minha existência”. Com ela e os cinco filhos morou de 1895 a 1923 na casa da Rua São Clemente, 134, Botafogo, Rio. A casa, que hoje abriga o acervo museológico e a biblioteca original de Rui, de cerca de 37 mil livros, tem muitos cômodos. Falecido, o Governo Federal a comprou e criou o Museu Casa de Rui Barbosa, organizou os cômodos em “salas”, com títulos lembrando momentos relevantes de sua vida pública. Sedia hoje a FCRB, de memória e de pesquisa. Suas obras completas estão em mais de cem livros, entre eles *Queda do Império*, *Parecer*, *Réplica*, *Oração aos moços*.

“A estátua é sempre maior que o original”

Em meados da década de 1960, repercutiu muito no país a publicação de Rui, o homem e o mito, de R. Magalhães Júnior, cearense de Ubajara. Tem como epígrafe esta frase da escritora britânica Virgínia Wolf: “A estátua é sempre maior que o original”. Lê-se na contracapa que o livro contém “revelações que os biógrafos oficiais não contam ou minimizam” e “despe das roupagens da lenda, dos exageros e da mitificação a personalidade do famoso orador baiano.”

No prefácio, o autor, acadêmico da ABL, afirma que “seria absurdo negar o relevo da passagem de Rui pela vida pública e pelo cenário intelectual do país(...)”, mas “igualmente absurda é a mitificação de sua personalidade e a magnificação de todos os seus atos (...) engrossada por uma legião de seguidores em dezenas de obras de caráter apologético, em que seus erros, contradições, fraquezas morais (...) são, em geral, omitidos ou dissimulados por trás de uma desfiguração romantizada dos acontecimentos.”

“Seria absurdo negar o relevo da passagem de Rui pela vida pública e pelo cenário intelectual do país(...)”, mas “igualmente absurda é a mitificação de sua personalidade e a magnificação de todos os seus atos.”

“Na Réplica, Rui diz que ‘ninguém errou jamais, em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente, como o dr. Carneiro na colocação dos pronomes. A sua Geografia Filosófica é, a esse respeito, um mapa de anatomia patológica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circunstâncias desse síndrome gramatical.”

Instado a opinar sobre o papel histórico de Rui Barbosa na evolução política do Brasil, o crítico austríaco Otto Maria Carpeaux afirmou que “*Raymundo Magalhães Júnior acaba de restabelecer a verdade com uma coragem que merece admiração e respeito.*” (*Ensaio reunidos*). Já Luís Viana, em nota à 7ª. ed. de sua biografia de Rui, reproduzida na 8ª., sem nomear os acusadores, faz veemente defesa de Rui. Afirma que por todo o país “*perpassou um sopro de indignação contra as aleivosas acusações com que tentaram empanar-lhe a figura singular.*”

Rui faleceu em 1º de março de 1923, aos 73 anos, em Petrópolis, onde se recuperava de pneumonia. Sepultado no Rio, no seu centenário, em 1949, seus restos mortais foram trasladados para a cripta do Palácio da Justiça - Fórum Rui Barbosa, em Salvador, após cortejos pelas ruas das duas cidades ao serem levados ao navio e quando chegaram à Bahia.

As diversas armas do autor da Réplica

Ao apresentar a *Réplica* aos senadores, com sua letrinha regular e arredondada, Rui afirmou ter pedido três vezes para se afastar da comissão. Explicou: *Se não houvesse tentado revisar o trabalho da Câmara [com o Parecer], evitar-se-ia o conflito com tantos “excessos de amor-próprio irritado”, cuja “poeira e polvorada me sufoca e assoberba”.*

O professor Carneiro se queixa na Tréplica de serem “*diversas as armas com que esgrime o sábio autor da Réplica, de modo a depreciar o nosso desambicioso e inofensivo trabalho: ... a ironia, a chança [dito zombeteiro] mordaz, o gracejo descabido e mal avisado, de que recheia as páginas de sua Réplica, afastando-a da gravidade do assunto.*” Acrescenta que “*num desencontrado consórcio se confundem e dão as mãos o sério e o jocoso, o moderado e o ríspido, o cortês e o desabrido, o respeitoso e o escarninho.*”

Na introdução do Parecer, de 491 páginas na edição consultada, Rui elogia o professor Carneiro: “*Conheço e acato essa autoridade, que tenho a fortuna de considerar entre os meus primeiros e melhores mestres, contando-me, ainda hoje, entre os seus discípulos mais reverentes.*” Mas, para a empreitada, lhe deram poucos dias. Na *Réplica*, Rui diz que “*ninguém errou jamais, em tanta maneira, copiosamente, espalmadamente, como o dr. Carneiro na colocação dos pronomes. A sua Geografia Filosófica é, a esse respeito, um mapa de anatomia patológica, onde se gruparam, apinhoadas, todas as variedades e circunstâncias desse síndrome gramatical.*”

Entre vírgulas e pronomes

Como exemplos sobre a sutileza das matérias debatidas, citamos dois momentos.

O professor Carneiro pospôs ao verbo estabelecer o pronome ela (estabelece ela); divergindo, Rui prepôs o pronome (ela estabelece), por uma questão de eufonia [*“som ou combinação de sons agradáveis aos ouvidos”* – Dicionário Houaiss]. Argumenta que estabelece ela soa pior” (estabeleciela]. Cada um evoca inúmeros exemplos para demonstrar o acerto de suas teses.

Noutro momento, Rui se defende da acusação de virgular demasiadamente, como no texto que virou o art. 159 do código aprovado, relativamente à responsabilidade civil:

“Aquele, que, por ação ou omissão voluntária, negligência, ou imprudência, violar direito ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano”.

Rui reconhece as seis vírgulas em vinte e três palavras, mas diz estar bem acompanhado, pois Alexandre Herculano também escreveu um período de vinte e três palavras com seis vírgulas. Transcreve-o, para provar, e, depois, ironiza: *“Supunha eu que o acerto da virgulação se houvesse de aferir pelo da colocação da vírgula. Vejo agora que é pelo seu número.”*

A Tréplica rebateu a Réplica. Rui silenciou

O professor Carneiro concluiu a *Tréplica* afirmando que se leitor imparcial acompanhar seu longo estudo verá que o trabalho substancial e esmerado de Rui não está imune a crítica criteriosa. Pede que o julguem os *“lidos e entendidos”* no assunto, *“e curvar-nos-emos submissos ao seu veredicto”*, convencidos de que o fato de apontar faltas no trabalho de Rui, relativo às emendas, não lhe desdoura o nome. *“Tirando à luz a sua notável Réplica, onde, tão de espaço, se ocupa de nossa humilde pessoa, bem merecia o Dr. Rui Barbosa que lhe treplicássemos, publicando a presente obra.”*

Com 886 páginas, publicada em 1905, a *Tréplica* não mereceu resposta. Rui leu avidamente o exemplar, com encadernação especial, que o antigo mestre lhe enviou, tomou notas para possível tréplica, mas estas não passaram de algumas folhas. Teria que mergulhar em pesquisas que demandariam anos de trabalho, afetariam mais a sua saúde e reduziriam o tempo para outros encargos. Mandou retirar o histórico exemplar do alcance dos seus olhos, para não ser tentado a responder. Anos depois, morto Rui, a *Tréplica* voltou às estantes da Casa.

A análise do projeto prosseguiu somente em 1908, quando se criou nova comissão. Em 1911, foi aprovado em segunda discussão, havendo muitos ajustes para sua transformação em lei em fins de 1916.

Referências bibliográficas

OBRAS DE RUI BARBOSA:

- *Parecer sobre a redação do Código Civil. Obras completas de Rui Barbosa*, v. XXIX – 1902. Tomo I, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1949;
- *Réplica, de Rui Barbosa, às defesas da redação do projeto de Código Civil Brasileiro, na Câmara dos Deputados – 1904*, vols. I e II. Rio de Janeiro, reedição da OAB-RJ e da Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980.

OBRA DE ERNESTO CARNEIRO

- *Tréplica. A redação do projeto do Código Civil e a Réplica do Dr. Ruy Barbosa*, Ernesto Carneiro Ribeiro. Salvador: Livraria Progresso Editora, 4ª. ed., revista de acordo com a 1ª. ed., de 1905, por Deraldo Inácio de Sousa, 1956;

OUTRAS

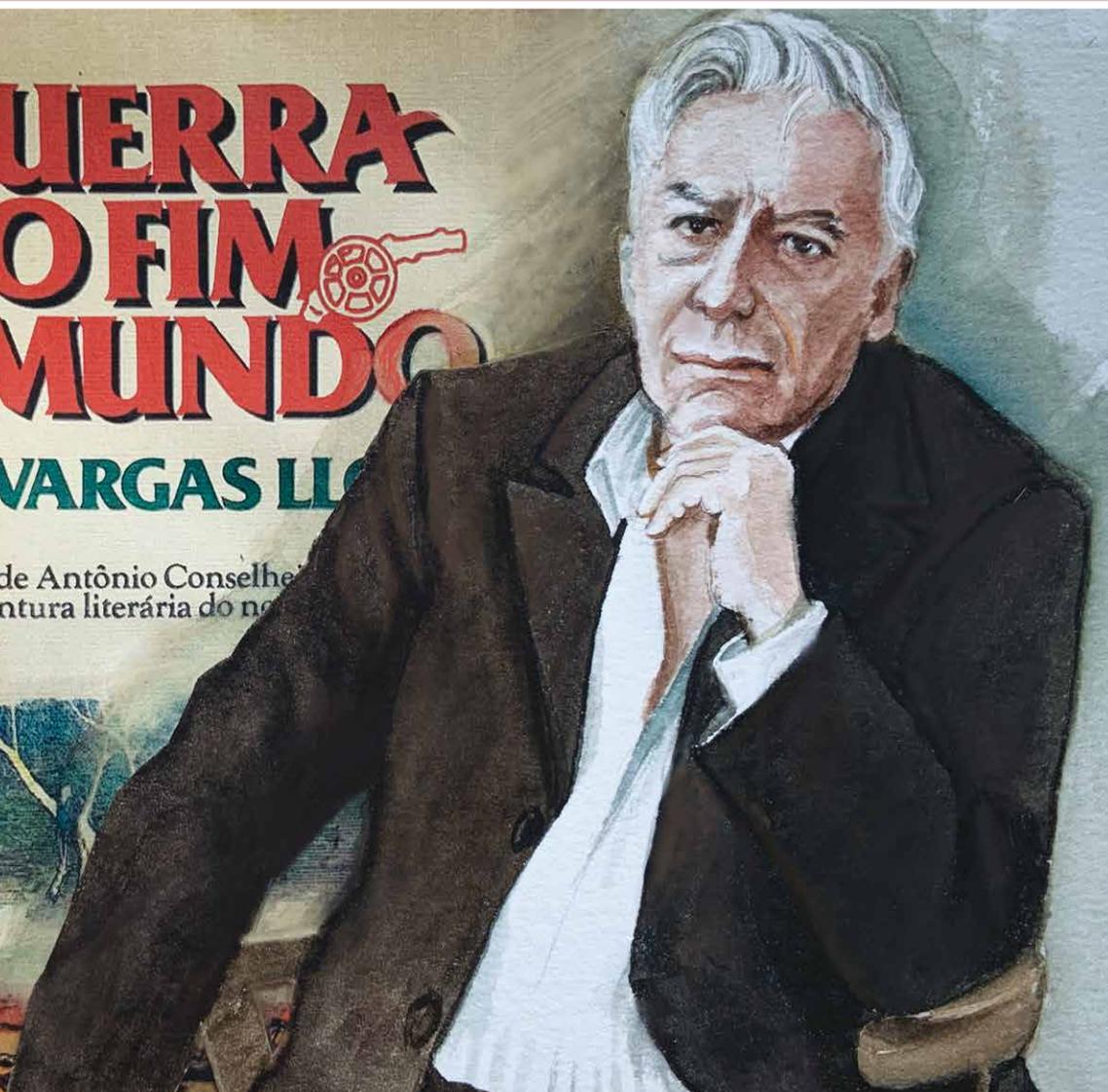
- *A vida de Rui Barbosa*, Luís Viana Filho (Coleção documentos brasileiros, n. 177). Rio de Janeiro/Brasília: Livraria José Olympio Editora/Instituto Nacional do Livro - INL, 1977;
- *Clóvis Beviláqua. Sua vida. Sua obra*, Sílvio Meira. Fortaleza: EUFC -Edições Universidade Federal do Ceará, 1990;
- *Clóvis Beviláqua: um senhor brasileiro*. Organização: Cássio Schubsky. São Paulo: Lettera (Coleção grandes juristas), 2010.
- *4 jurisprudências brasileiros, Melquíades Picanço e Aloysio Tavares Picanço*, Rio de Janeiro, sem indicação da editora, 2004;
- *Rui, o homem e o mito*, R. Magalhães Júnior (Coleção Retratos do Brasil, n. 27). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª. ed., 1965;
- *Olga*, Fernando Morais. São Paulo: Alfa-Ômega Ltda., 6ª. ed., 1986;
- *Linguística e humanismo*, Aires da Mata Machado Filho. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1974;
- *Brasil: ausência e presenças*, em *Ensaio reunidos, 1946-1971*, v. II, Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Univercidade/Topbooks, 2005;
- *Cinzas do espólio*, Ivan Junqueira. Rio/São Paulo: Editora Record, 2009;
- *Ernesto Carneiro Ribeiro: a trajetória intelectual do professor negro baiano (1839-1920)*, Ismael Lage Pitanga, <https://www.snh2019.anpuh.org > recursos > anais pdf>;
- *Não perca o seu latim*, Paulo Rónai, com a colaboração de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

“Tirando à luz a sua notável Réplica, onde, tão de espaço, se ocupa de nossa humilde pessoa, bem merecia o Dr. Rui Barbosa que lhe treplicássemos, publicando a presente obra.”

A GUERRA DO FIM DO MUNDO

MARIO VARGAS LLOSA

A saga de Antônio Conselheiro
na maior aventura literária do no



O Marquês Vargas Llosa

Rogério Medeiros Garcia de Lima

Desembargador do TJMG

“**A** verdadeira vida, a vida por fim esclarecida e descoberta, a única vida, pois, plenamente vivida, é a literatura.”

(Marcel Proust, citado por Mario Vargas Llosa¹)

Em 1981, conheci a produção literária do peruano Mario Vargas Llosa. Li *A guerra do fim do mundo*², obra lançada naquele ano. É um romance histórico sobre a Guerra de Canudos, baseado no clássico *Os sertões*, do escritor brasileiro Euclides da Cunha.

Llosa já era mundialmente reconhecido como autor dos romances *A Casa Verde* e *Conversa no Catedral*:

“Ao lado do colombiano Gabriel García Márquez (1927-2014), foi (e é) um dos expoentes da geração latino-americana dos anos 1960. Uma geração (...) conhecida como ‘boom latino-americano’, que veio revigorar a produção literária não apenas local, (...) estender sua influência por uma grande parte do planeta e maravilhar gerações de leitores, apesar das grandes diferenças de estilo e temática entre seus autores”³.

Origem

Jorge Mario Pedro Vargas Llosa é um escritor, jornalista e político peruano⁴. Nasceu em Arequipa, no dia 28 de março de 1936. É o único filho de Ernesto Vargas Maldonado e Dora Llosa Ureta. Os pais se separaram, após cinco meses de casados. Dora dizia ao pequeno filho que Ernesto falecera. O casal se reconciliou e Mario conheceu o pai aos dez anos de idade⁵. Essa história da infância tem um sabor de “*realismo mágico*”, estilo literário que o futuro romancista Vargas Llosa adotaria...

¹ LLOSA, Mário Vargas. *Em defesa do romance*, Revista Piauí, Edição 37, outubro de 2009, Questões Literárias, disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/em-defesa-do-romance/>, acesso em 06.12.2020.

² LLOSA, Mário Vargas. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Alfabeta, trad. Paulina Wacht e Ari Roitman, 2021.

³ MELZ, Ivan. *Resenha Tia Julia e o escrevinhador*, 27.03.2017, disponível em <https://ivanmelz.wordpress.com/tag/resenha-tia-julia-e-o-escrevinhador/>, acesso em 20.02.2022.

⁴ Mario Vargas Llosa. *Biografia*. Portal Instituto Cervantes, disponível em https://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/biografias/berlin_mario_vargas_llosa.htm, acesso em 08.11.2021.

⁵ PASTOR, Luis Rodriguez. *Mario Vargas Llosa para jovens*. Lima: Estruendomudo, 2012, p. 16.

Abuso sexual

Uma passagem deplorável foi o abuso sexual que Vargas Llosa sofreu de um velho religioso, na infância:

“Em 1945, antes de completar 12 anos, com sua mãe, na Bolívia, Mario Vargas Llosa acreditava ‘nos brinquedos do Menino Jesus (os presentes de Papai Noel) e que as cegonhas traziam os bebês do céu’. Não passava pela minha cabeça nenhum daqueles que os confessores chamavam de maus pensamentos. Eles apareceram depois, quando eu já morava em Lima. Eu era um menino travesso e chorão, mas inocente como um lírio’, recorda.

“Até que, nessa idade, quase adolescente, o Prêmio Nobel se viu diante do padre Leôncio, que apareceu e lhe tocou a braguilha. A partir desse momento, em que saiu apavorado e o padre, envergonhado, nasceu sua descrença na religião e na Igreja Católica.

“O escritor relatou esse acontecimento em suas memórias *El pez en el agua*, de 1993 [em português, traduzido como *Peixe na água: Memórias*, editado pela Companhia das Letras], escritas depois de sua derrota nas eleições presidenciais peruanas de 1990”⁶.

Batismo de fogo: o colégio militar

O pai Ernesto era oficial da marinha peruana. Quando descobriu que o filho Mario escrevia poemas, matriculou-o no Colégio Militar Leoncio Prado. Tinha a deliberada intenção de evitar que o jovem “*se desviasse*” para se tornar um “*afetado ou boêmio, como todos os escritores*”⁷.

Mario cursou o terceiro e quarto anos da série secundária na escola militar, nos anos de 1950 e 1951. Ali conheceu realmente o Peru. Não era o país acomodado do Bairro Miraflores, onde seus avós moravam na capital peruana; mas uma nação diversificada, multiétnica, repleta de conflitos, desigualdades e contradições.

Sua obsessão por literatura intensificou-se nesse biênio. Leu vorazmente clássicos europeus, entre eles Victor Hugo e Alexandre Dumas.

⁶ Vargas Llosa, sobre o abuso que sofreu quando menino: “Medistancieipor completo da religião, mas garotos do meu bairro nunca se recuperaram”. Juan Cruz, *El País*, Brasil, disponível em <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-09-11/mario-vargas-llosa-sobre-o-abuso-sexual-que-sofreu-quando-menino-medistancieipor-completo-da-religiao-mas-garotos-do-meu-bairro-nao-se-recuperaram-nunca.html>, acesso em 10.09.2021.

⁷ PASTOR, ob. cit., p. 18 e segs.

A temporada no colégio Leoncio Prado inspirou o romance *La ciudad y los perros* (*A cidade e os cachorros*), publicado em 1963. No Brasil, foi editado com o título *Batismo de fogo*.⁸

O livro retrata a rígida disciplina militar, com traços de autoritarismo. Apreciei bastante sua leitura, porque cursei, de 1976 a 1978, a Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), da Força Aérea Brasileira, em Barbacena/MG. É um período inesquecível da minha vida, pelo aprendizado, formação ética e amizades construídas para toda a vida.

Em 1953, Vargas Llosa ingressou na Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Cursou Letras e Direito, contra a vontade do pai:

*“Matriculei-me, contrariando a família, que queria que estudasse na Universidad Católica; fui estudar na Universidad San Marcos (pública, popular e insubmissa à ditadura militar), em 1953, para cursar Letras e Direito. Ali recebi as primeiras lições de marxismo, em grupos de estudos clandestinos. Sentia grande admiração por Sartre, a quem lia devotadamente”*⁹

Casamento com tia Julia

Aos 19 anos, Mario casou-se com Julia Urquidi, irmã da esposa de um tio materno. Julia era divorciada e dez anos mais velha do que o noivo.¹⁰ Na época, Llosa era redator e tinha outros empregos para sobreviver.

Em 1977, publicaria *La tía Julia y el escribidor* – no Brasil, traduzido como *Tia Júlia e o Escrevinhador*.¹¹

O livro mescla memória e ficção, ao retratar o personagem Marito, assim apelidado pela família. Varguitas, como o chamam os amigos, é o redator jornalístico de uma emissora de rádio em Lima. Cursa Direito Universidade San Marcos, onde somente comparece para fazer provas. Tenta, sem sucesso, concluir um conto baseado em fatos cotidianos.

Aparece tia Julia, irmã de Olga – a esposa de tio Lucho, por sua vez, irmão da mãe de Marito. Julia veio da Bolívia, após se divorciar do marido. Ela e Marito iniciam um romance, precavendo-se para evitar um escândalo familiar.

Na emissora radiofônica, trabalha o exótico boliviano Pedro Camacho. É um escritor de radionovelas de sucesso. A certa altura, os dramas se tornam confusos e Camacho sofre um colapso mental.

A paixão por tia Júlia e as trapalhadas narrativas de Camacho também são temperadas pelo *“realismo mágico”*.

Casamento com Patricia

Em 1958, Mario recebeu a bolsa de estudos *“Javier Prado”*. Obteve doutoramento em Filosofia e Letras na Universidade Complutense de Madri, Espanha.

⁸ LLOSA, Mario Vargas. *Batismo de fogo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, trad. Milton Persson, sem data.

⁹ LLOSA, Mario Vargas. *La llamada de la tribu*. Buenos Aires: Alfaguara, 3ª ed., 2018, p. 12; tradução livre.

¹⁰ *Julia Urquidi, primeira mulher do escritor peruano Mario Vargas Llosa*, jornal Zero Hora, Porto Alegre-RS, edição de 12.03.2010, seção Memória.

¹¹ LLOSA, Mário Vargas. *Tia Julia e o escrevinhador*. Rio de Janeiro: Alfaguara, trad. José Rubens Siqueira, 2007.

“Ali recebi as primeiras lições de marxismo, em grupos de estudos clandestinos. Sentia grande admiração por Sartre, a quem lia devotadamente.”

Em seguida mudou-se para a França, onde viveu durante alguns anos. No ano de 1964, divorciou-se de Júlia. Um ano após, casou-se com a prima Patricia Llosa. O casal teve três filhos: Álvaro, Gonzalo e Morgana.

Nascido em 1966, o jornalista e escritor Alvaro Vargas Llosa é um dos três autores do famoso livro *Manual do perfeito idiota latino-americano*.¹²

Briga misteriosa

Mario Vargas Llosa era admirador e amigo do escritor colombiano Gabriel García Márquez. Este último batizou o segundo filho de Mario e Patricia, Gonzalo Gabriel.

Nos anos 1970, por motivo ainda não esclarecido, Llosa deu um soco no laureado autor de Cem anos de solidão:

“Nem todo mundo estava impressionado com o comportamento exibicionista de Gabo. No dia 12 de fevereiro de 1976, agora residente no México, ele compareceu à première do filme Os sobreviventes dos Andes. Ao chegar, Mario Vargas Llosa, que se encontrava na cidade para o evento – ele escrevera o roteiro –, estava de pé no foyer. Gabo abriu os braços e exclamou ‘Irmão!’ Sem sequer uma palavra, Mario, um consumado boxista amador, derrubou-o com um soco poderoso no rosto. Com García Márquez semiconsciente no chão, após ter batido a cabeça ao cair, Mario então gritou, de acordo com algumas fontes: – Isso é pelo que disse a Patricia.”

¹² MENDOZA, Plinio Apuleyo, MONTANER, Carlos Alberto e LLOSA, Álvaro Vargas. *Manual do perfeito idiota latino-americano*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11ª ed., trad. Rosemary Maraes Reinaldo, 1997.

“Ou ‘Isso é pelo que fez a Patricia’. Esse se tornaria o soco mais famoso na história da América Latina, ainda sujeito a ávidas especulações até hoje. Houve várias testemunhas e existem muitas versões, não apenas sobre o que de fato aconteceu, mas sobre o motivo.¹³”

Prêmio Nobel

No dia 7 de outubro de 2010, às cinco e meia da manhã, Mario Vargas Llosa estava em Nova York. Relia páginas de *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier, romance muito apreciado por ele. A tranquilidade do seu escritório foi quebrada por uma chamada telefônica do secretário-geral da Academia Sueca:

– *Concedemos-lhe o Prêmio Nobel de Literatura. Em quinze minutos daremos publicidade à decisão.*

Llosa duvidou, por um segundo. Recordou que, certa feita, Alberto Moravia recebera uma chamada com o anúncio do prêmio. Compreensivelmente emocionado, o escritor italiano comemorou e compartilhou a notícia. Era, porém, um embuste.

O peruano aguardou prudentemente os quinze minutos do lado da esposa. Decorrido o prazo, a notícia tornou-se pública.¹⁴

“No início, Llosa foi influenciado pelo ‘realismo socialista’, que considera a literatura como uma arma na luta social contra a velha ordem, instrumento de mudança e veículo para a revolução.”

¹³ MARTIN, Gerald. *Gabriel García Márquez: uma vida*. Rio de Janeiro: Ediouro, trad. Cordelia Magalhães, 2010, p. 397, 472 e 473.

¹⁴ PASTOR, ob. cit, p. 12.

Casamento com Isabel

Ao completar 80 anos de idade e lançar o livro *Cinco Esquinas*, Vargas Llosa também anunciou ter pedido em casamento a namorada Isabel Preysler:

“De acordo com a edição desta semana da revista *Hola!*, Vargas Llosa e a socialite hispano-filipina estão noivos. O pedido acontece na mesma altura em que as formalidades do divórcio do Nobel da Literatura com Patricia Llosa estão concluídas em Espanha.”¹⁵

Obra literária

Mario Vargas Llosa publicou vasta obra literária. Alguns livros têm viés autobiográfico, mas a maior parte deles retrata o Peru – seu país natal – e a América Latina.

No início, Llosa foi influenciado pelo “realismo socialista”, que considera a literatura como uma arma na luta social contra a velha ordem, instrumento de mudança e veículo para a revolução.

Marxistas e comunistas defendem esta concepção da literatura: um realismo que deve educar politicamente as massas e empurrá-las ao socialismo e à ação revolucionária.

O filósofo francês Jean-Paul Sartre exerceu enorme ascendência sobre a geração de Llosa:

“Quando li o segundo tomo de *Situaciones*, de Sartre, que se intitula *¿Qué es la literatura?*, fiquei deslumbrado com as suas ideias. Para um jovem com vocação literária, em um país subdesenvolvido como era o Peru naqueles anos, as ideias de Sartre eram muito estimulantes. Muitos escritores do Peru, da América Latina, do Terceiro Mundo, questionavam se em seus países – assolados por problemas terríveis como são os altíssimos índices e enormes desigualdades econômicas – teria sentido fazer literatura”.

As teses de Sartre foram muito populares no mundo inteiro. Abriam a possibilidade de incorporar à literatura a problemática social.¹⁶

Para o crítico literário mexicano Gonzalo Celorio, Vargas Llosa, desde o seu primeiro romance, cria um mundo de ficção a partir do mundo real. Sobre ele faz recair implacavelmente o elemento essencial do exercício narrativo, a crítica:

“Baste como ejemplo ‘*Conversación en la Catedral*’, novela que propone dar respuesta a una pregunta nacida del corazón de su personaje que por extensión podría formularse a todos los países latinoamericanos: ‘*Cuándo se jodió el Peru?*’”¹⁷

¹⁵ Mario Vargas Llosa pede Isabel Preysler em casamento. Diário de Notícias, Lisboa, Portugal, disponível em <https://www.dn.pt/pessoas/mario-vargas-llosa-pede-isabel-presyler-em-casamento-5180584.html>, acesso em 18.05.2016.

¹⁶ LLOSA, Mario Vargas. *Conversación en Princeton con Rubén Gallo*. Barcelona: Penguin Random House, 2019, p. 26-27, tradução livre.

¹⁷ Llosa, Mario Vargas. *Literatura y política*. Madrid: FCE, ITESM, 2003, prólogo, p. 9-10. Tradução livre: “Basta como exemplo ‘*Conversa no Catedral*’, romance que se propõe a responder uma pergunta, nascida do seu personagem, que, por extensão, poderia ser formulada a todos os países latino-americanos: ‘*Quando o Peru se fodeu?*’”.

Em suma, Llosa defende que a literatura se dirija ao público leitor e não somente aos especialistas:

*“La literatura es una actividad que nace en soledad, a través de un individuo que para producirla se aparta de los demás.”*¹⁸

E discursava em 1967:

*“La literatura es fuego, ello significa inconformismo y rebelión, la razón de ser del escritor es la protesta, la contradicción y la crítica.”*¹⁹

Realismo mágico

O “realismo mágico” é um movimento literário latino-americano:

“O peruano Mario Vargas Llosa é um dos principais expoentes do realismo mágico, estratégia narrativa e movimento literário presente especialmente na América Latina na segunda metade do século passado. O estilo se caracteriza pela inclusão de elementos fantásticos em textos realistas, criando uma ambientação rica e inquietante, familiar e surreal.

“O realismo mágico foi preconizado pelo mexicano Juan Rulfo (1918-86), uma das principais influências do gênero. Um de seus formuladores foi Alejo Carpentier (1904-80), autor de ‘O Século das Luzes’ e de ‘O Reino deste Mundo’, em que já utiliza a expressão ‘real maravilhoso’.

“Outro grande nome é o colombiano Gabriel García Márquez (1928), autor de ‘Cem Anos de Solidão’, ‘Amor nos Tempos de Cólera’, entre outros, e ganhador do Nobel em 1982.

“O realismo mágico foi apontado por críticos como o resultado natural da narrativa pós-colonial, que teria que dar sentido a duas realidades separadas: a do conquistador e a do conquistado. O estilo faz uma releitura da história latino-americana e das identidades nacionais, apropriando-se de fontes populares e nativas.

*“Foi posto em prática de forma refratada por, entre outros, os argentinos Jorge Luis Borges (1899-1986) e Julio Cortázar (1914-84), a chilena Isabel Allende (1942) e o uruguaio Juan Carlos Onetti (1909-94), autor de ‘A Vida Breve’, entre outros.”*²⁰

Um dos precursores do ‘realismo mágico’ foi o escritor mineiro Murilo Rubião, natural de Carmo de Minas (antiga Silvestre Ferraz), que produziu uma obra relativamente pequena (apenas 33 contos), mas de grande repercussão em toda a América Latina, com destaque para ‘O Pirotécnico Zacarias’.

Otto Maria Carpeaux escreveu sobre o movimento:

“A primeira descoberta dos ‘mágicos’ foi a de esquecidos extratos de consciência e até de religiões esquecidas debaixo da superfície civilizada, sobretudo em populações rurais de

regiões atrasadas e menos acessíveis. Quase ao mesmo tempo a bruxaria e outras superstições foram identificadas como resíduos de religiões pré-cristãs. (...)

“Mentalidade semelhante, mas muito atenuada, inspira os romances de Giono, que descobriu na Provença os encantos heroicos da Odisseia. (...)

“As superstições da gente mediterrânea também povoam os contos e romances do italiano Enrico Pea. (...)

“Superstições populares e esquecidos ritos mágicos também aparecem nos romances rústicos da inglesa Mary Webb. (...)

*“O fino crítico Momigliano observou logo a diferença: os movimentos quase hieráticos, a atmosfera onírica, a irrealdade fantástica dessa realidade tão fielmente observada.”*²¹

Ao escrever sobre *Cem Anos de Solidão*, Vargas Llosa enalteceu a “*imaginação desenfreada*” de García Márquez. Sua cavalgada pelos reinos do delírio, da alucinação e do insólito, levou-o a construir castelos no ar. Estava profundamente ancorado na realidade da América Latina.²²

Livros em destaque

Dos inúmeros livros de Mario Vargas Llosa, destaco três com temáticas diversificadas:

“O realismo mágico foi apontado por críticos como o resultado natural da narrativa pós-colonial, que teria que dar sentido a duas realidades separadas.”

¹⁸ Llosa, Mario Vargas. *Literatura y política cit.*, p. 41-43. Tradução livre: “A literatura é uma atividade que nasce na solidão, através de um indivíduo que, para produzi-la, aparta-se dos demais”.

¹⁹ Llosa, Mario Vargas. *Literatura y política cit.*, p. 37. Tradução livre: “A literatura é fogo; isso significa inconformismo e rebelião. A razão de ser do escritor é o protesto, a contradição e a crítica”.

²⁰ Com García Márquez, Vargas Llosa é expoente do realismo mágico. DA REDAÇÃO, Folha de S. Paulo, 18.06.2006, caderno Mais!

²¹ CARPEAUX, Otto Maria. *Tendências contemporâneas na literatura*. Rio de Janeiro: Ediouro, sem data.

²² LLOSA, Mario Vargas. *Sables y utopías: visiones de América Latina*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2011, p. 375.

Conversa no catedral²³

Inicialmente, o título foi traduzido como “*Conversa na Catedral*”. Em novas edições, o gênero foi corrigido: é referência a um bar limenho, onde se encontraram os personagens. O romance desenrola-se na época do General Manuel Odría, ditador peruano dos anos 1940/1950.

Possui nítida inspiração sartreana. Santiago Zavala, o “*Zavalita*”, é um jornalista fracassado e desiludido. Seu pai era Don Fermín, figura importante do governo Odría. Terminou a vida no ostracismo.

Certa noite, Zavalita encontra-se casualmente com Ambrósio, antigo chofer da sua família, num botequim da periferia da capital peruana. Também em desgraça, Ambrósio é matador de cachorros em um canil. A conversa de ambos é um retrato da realidade peruana, ilustrada com as passagens de inúmeros personagens.

Pantaleão e as visitadoras²⁴

Pantaleón Pantoja é um dedicado capitão do exército peruano. Os superiores o encarregam de montar um bordel, que se deslocaria de barco pela região amazônica. O intuito era fazer cessar os estupros praticados pela soldadesca naquela região. Pantoja utiliza técnicas de estratégia e logística para criar o “*serviço de visitadoras*”.

Tudo correu bem até o disciplinado capitão, ainda casado, iniciar um caso amoroso com a mais atraente “*visitadora*”. O enredo é cômico e também bastante surreal. Retrata o “*realismo mágico*” perfilhado por Vargas Llosa.

A festa do bode²⁵

É um romance sobre o governo ditatorial de Rafael Trujillo, na República Dominicana (1930/1961). Aos 49 anos de idade, Urania Cabral retorna a Santo Domingos de Guzmán, capital dominicana. Vivera trinta anos nos Estados Unidos. É filha do ex-senador Agustín Cabral, serviçal do ditador Trujillo.

O regresso lhe traz amargas recordações de quando, ainda adolescente, foi violada pelo tirano, com a aquiescência do pai. Em paralelo, desenrola-se o complô que culminará no assassinato de Rafael Trujillo.

A política

Mario Vargas Llosa passou a ser defensor do liberalismo²⁶:

“É a corrente ideológica mais civilizada e a única que pode permitir a coexistência de pessoas, religiões e comportamentos diferentes e de construir economias mais prósperas”.

²³ LLOSA, Mário Vargas. *Conversa no Catedral*. Rio de Janeiro: Alfaguara, trad. Paulina Wacht e Ari Roitman, 2013.

²⁴ LLOSA, Mário Vargas. *Pantaleão e as visitadoras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, trad. Remy Gorga Filho, 2ª ed., 1973.

²⁵ LLOSA, Mário Vargas. *A festa do bode*. Rio de Janeiro: Alfaguara, trad. Paulina Wacht e Ari Roitman, 2013.

²⁶ *Vargas Llosa deixa literatura de lado e defende liberalismo em conferência*. SYLVIA COLOMBO DE SÃO PAULO Folha de S. Paulo, disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/05/1769602-vargas-llosa-deixa-literatura-de-lado-e-defende-liberalismo-em-conferencia.shtml>, acesso em 09.05.2016.

Iniciou sua trajetória política aos 14 anos de idade. O Peru atravessava a ditadura do general Odría. Indignado com o autoritarismo, Vargas Llosa se encantou com o socialismo:

“Fiz uma ideia do comunismo como algo que faria possível trazer o Paraíso à Terra”.

Entusiasmou-se com a Revolução Cubana:

“Havia uma atmosfera de muito entusiasmo, então, em torno dos barbudos de Sierra Maestra, e a Revolução parecia ser a concretização de um grande ideal. Uma oportunidade para conciliar, por fim, as ideias de liberdade e de Justiça social com o compromisso com os direitos humanos”.

Logo se decepcionou e rompeu com o regime castrista.

A leitura de liberais ingleses – e especialmente de Raymond Aron, Isaiah Berlin e Karl Popper – abriu os seus olhos para o que hoje considera ser o melhor modo de governo:

“As sociedades mais avançadas chegaram onde chegaram com democracias políticas e com liberdade no campo econômico”.

Candidato a presidente

Em 1990, Vargas Llosa candidatou-se à presidência do Peru. Foi derrotado por Alberto Fujimori, posteriormente preso e condenado por crimes políticos e corrupção.

Algum tempo depois, publicou Peixe na água: memórias, onde revela sua decepção com o baixo nível da campanha eleitoral. Nela sofreu acusações de ateísmo e outros ataques pessoais. E disparou:

*“Os ladrões e a ladroagem associados à política me provocam náuseas. Essa é uma fraqueza humana com a qual não sou tolerante. Roubar, estando no governo, num país pobre, onde a democracia ainda é um bebê de fraldas, sempre me pareceu uma agravante do delito. Nada desprestigia mais, nada contribui mais para a derrocada da democracia do que a corrupção”.*²⁷

Marquês

Por outorga rei espanhol Juan Carlos I em 4 de fevereiro de 2011, Mario recebeu o título de Marquês de Vargas Llosa. O premiado romancista não exhibe a afetação dos nobres de antanho. Contudo, o marquês peruano enobrece o mundo das ideias e da literatura.

²⁷ LLOSA, Mario Vargas. *Peixe na água*: memórias. São Paulo: Companhia das Letras, tradução de Heloísa Jahn, 1994, p. 169.



Minas e o Modernismo

Aldina Soares

Juíza de Direito do TJMG em Santa Luzia

A Semana de Arte Moderna, que completa seu centenário neste ano, fez eclodir no Brasil o denominado Modernismo, movimento cujas consequências se renovaram pelo século XX e cujas influências se perpetuam até os dias atuais. Ocorreu entre os dias 11 e 18 de fevereiro no Teatro Municipal de São Paulo e consistiu em apresentações de música, recital de poesia, exposição de pinturas e esculturas.

No início do Século XX, a intelectualidade brasileira era composta, em sua maioria, por jovens abastados que voltavam da Europa influenciados por movimentos artísticos já existentes naquele continente, como o Expressionismo e o Cubismo. Assim, trouxeram para o país ideias que se revestiam de grande dose de rebeldia e que, da pintura à literatura, da escultura à música e ao teatro, retratavam toda a efervescência da época e desembocaram na realização da Semana de Arte Moderna.

A Semana foi organizada por Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), escritores, e Di Cavalcanti (1897-1976) artista plástico. Além deles, participaram os seguintes intelectuais, entre escritores, músicos, escultores e pintores: Graça Aranha (1868-1931), Victor Brecheret (1894-1955), Plínio Salgado (1895-1975), Anita Malfatti (1889-1964), Menotti Del Picchia (1892-1988), Ronald de Carvalho (1893-1935), Guilherme de Almeida (1890-1969), Sérgio Milliet (1898-1966), Heitor Villa Lobos (1887-1959), Tácito de Almeida (1889-1940), Guiomar Novaes (1894-1979) e Zita Aida (1900-1967).

Em busca da identidade nacional

O que se buscava era construir uma sociedade moderna, uma identidade nacional e, ao mesmo tempo, refugar o academicismo e parnasianismo até então dominantes. Livre pensar, se expressar, autonomia das artes e palavras, desapego às formas que retratavam a realidade nas esculturas e artes plásticas, enfim, todo um *"espírito moderno"* de liberdade estética advindo da Europa, que passou a receber traços nacionais e únicos.

Porém, não é apenas sob o olhar artístico que devemos nos ater para entender o processo que culminou na Semana de Arte Moderna. O pano de fundo histórico demonstra que o Brasil estava se transmutando da fase do *"branqueamento populacional e sanitário"*, de que faziam parte a organização da Medicina, o surgimento de uma geração de sanitaristas e a vinda em larga escala de imigrantes europeus, para a fase do *"Macunaíma"* (título da principal obra de Mário de Andrade) e a afirmação de uma Nação Brasil.

A geração de sanitaristas acima referida, entre os quais Oswaldo Cruz, passou de certo curandeirismo, com o uso de

plantas e chás, para tratamentos das doenças, para o academicismo e cura científica. Ela preconizava, no entanto, que a saúde do Brasil seria resolvida com o *"branqueamento"* da população, expressão usada pela professora Vanda Arantes¹, que resultou na elaboração de políticas imigratórias. Tal época se caracterizava, ainda, pela circulação de teorias racistas vindas também da Europa.

A mudança entre um cenário e outro se deu a partir do fim da Primeira Guerra Mundial (1914/1918), pois impunha-se uma nova ordem mundial que, no Brasil, foi capitaneada pelos jovens intelectuais que a tudo assistiram na Europa. Nesse período, houve o questionamento das teorias do liberalismo e do branqueamento populacional, influenciando os olhares da intelectualidade nacional, que ensejava a construção dessa nova sociedade, com a aceitação do indivíduo brasileiro miscigenado. Indivíduo que, aliás, até então era caricaturalmente retratado, como na figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, que foi ferrenho crítico do Movimento Modernista.

Sobre a arte de Anita Malfatti, por exemplo, relativamente a uma exposição feita em 1917, disse ele:

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas (...) A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. (...) Embora eles se deem como novos, precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica: nasceu com a paranoia e com a mistificação (...) Essas considerações são provocadas pela exposição da senhora Malfatti onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso e companhia.²

Minas longe da modernidade

A cidade de São Paulo, apresentava-se, em 1922, com expressivo acréscimo populacional, além do desenvolvimento industrial e urbanístico voltados para o cosmopolitismo e anseio de se alcançar a tal modernidade.

O mundo anterior da *belle époque*, que sofrera os desgastes da Primeira Guerra Mundial e com predominância de uma sociedade oligárquica, não mais enchia os olhos da intelectualidade brasileira, influenciada pelos movimentos europeus e à busca da identidade brasileira e quebra do padrão até então existente.

¹ ARANTES, Vanda, in vídeo no Youtube *"O Modernismo Mineiro aula 1/2"*.

² AIDAR, Laura, in *todamateria.com.br*, artigo.

“Com relação a Minas Gerais, por certo que o movimento modernista não ocorreu concomitantemente a São Paulo, pois, enquanto ele ali eclodia, em Belo Horizonte, cidade construída com intuito de ser moderna, havia a ‘Liga da Moralidade’.”

Com relação a Minas Gerais, por certo que o movimento modernista não ocorreu concomitantemente a São Paulo, pois, enquanto ele ali eclodia, em Belo Horizonte, cidade construída com intuito de ser moderna, havia a “Liga da Moralidade”, cujo objetivo era o controle do que poderia ser visto pelos seus habitantes, como leciona o professor Hermes Guerrero³:

Fosse pela penetrante influência da Igreja, fosse pelos arraigados costumes na cultura do Estado, surgiu na cidade um grupo que se julgava no dever de exercer o papel de censores sobre o que devia ou não devia ser visto pelos moradores. A censura recaía especialmente sobre aqueles filmes que apresentavam beijos demorados ou cenas de quase nudez. Essa recomendação era feita por meio da própria imprensa...

Ainda que com certo vagar, vários autores mineiros foram influenciados pelo Modernismo, dentre os quais Carlos Drummond de Andrade, que assim se expressou sobre o desconhecimento da Semana, como citado pelo prof. Hermes Guerrero, *op.cit. in verbis*:

Tanto quanto posso lembrar-me, o pequeno grupo de rapazes mineiros “dados às letras” não tomou conhecimento. Explica-se: só por acaso líamos jornais paulistas, e os do Rio não deram maior importância ao fato, se é que deram alguma. O que era escândalo na Capital de São Paulo, ou certo meio de lá, em 1922, não chegava a atingir BH, quando só a Central do Brasil ligava as duas cidades e a placidez da vida mineira podia ser comparada à “toalha friíssima dos lagos” do nosso Parque Municipal. E nós éramos uma rusga nessa toalha serena.

Belo Horizonte nesse tempo, era sede do poder político e da oligarquia regional, uma “capital de burocratas” com produção literária e florescer cultural ocorrendo de forma modesta, “não conseguindo transpor o caráter provinciano da cidade” no dizer de Jessana Lilian Siqueira⁴.

Carlos Drummond de Andrade, Alberto Campos, Emílio Moura e Milton Campos formaram o grupo de modernistas da capital do Estado, também conhecidos como modernistas da Rua da Bahia. Não só eles tiveram influência dos modernistas. Nessa lista, temos ainda Gabriel Passos, Abgar Renault, Gustavo Capanema, Pedro Nava e Alphonsus Guimaraens, que, a respeito da Semana de Arte Moderna, comentou⁵:

Da famosa Semana de Arte Moderna, em São Paulo, tive notícias vagas, e o primeiro conhecimento que tive da revista Klaxon foi por um deboche, aliás, simpático, de Lima Barreto.

³ GUERRERO, Hermes Vilchez. *O Casarão da Praça da República: a Faculdade Livre de Direito de Minas Geraes (1892-1930)*/Hermes Vilchez Guerrero- Belo Horizonte: Del Rey.2017. Pag. 333.

⁴ SIQUEIRA, Jessana Lilian – *Modernismo Mineiro: Sociabilidade e Produção Intelectual na Década de 1920*.

⁵ SIQUEIRA, *op.cit.*

Isolamento acaba em 1924

O isolamento no qual Minas Gerais e sua capital se encontravam sofrerá mudança em 1924, quando a *Caravana Paulista* – composta por Oswald de Andrade, Olívia Guedes Penteado, Tarsila do Amaral, Gofredo Teles, Mário de Andrade e o poeta suíço-francês Blaise Cendrars – chegou às terras mineiras, passando pelas cidades São João del-Rey, Divinópolis, Ouro Preto, Mariana, Sabará, Lagoa Santa e Congonhas do Campo. Para chegar até elas, a caravana passou por Belo Horizonte, onde se encontrou com o grupo de modernistas mineiros, nos salões do Grande Hotel da capital. Dentre os mineiros participantes do encontro, estavam Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade, Martins de Almeida e Emílio Moura. Fernando Sabino, Capanema e Resende Costa se destacam como amigos dos modernistas.

O alcance do Modernismo em Minas Gerais culmina na produção das revistas “*A Revista*” e “*Verde: revista mensal de arte e cultura*”. *A Revista* teve apenas três números em Belo Horizonte, publicados entre 1925 e 1926, e seus diretores eram Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura, Francisco Martins de Almeida e Gregório Canedo. Já o periódico “*Verde*” teve seis números e foi publicado entre os anos de 1927 e 1929, em Cataguases. Era dirigido por Henrique de Resende, Martins Mendes e Rosário Fusco. A convite de Fusco, Mário e Oswald de Andrade publicaram “*Homens que Agem*” no quarto número da revista, em 1927. O grupo de modernistas de Cataguases era composto ainda por Ascânio Lopes, Guilhermino César e Francisco Peixoto, antigos estudantes do Ginásio Municipal da cidade, também conhecidos como “*Ases de Cataguases*”.

O que trouxe a *Caravana Paulista* a Minas foi a ideia de construção de uma nova nação, de civilizar o Brasil. Se o projeto anterior de colonização do País excluía os índios e os negros, a sociedade idealizada pelos modernistas privilegiava-os como o nacional; para tanto, porém, o Estado deveria conduzir essa nação. Como mestiços que somos, deveríamos identificar nosso mito fundador e, na busca das nossas raízes, descobriu-se a Arte Colonial Mineira. Nesse momento está criado o interesse na obra do Aleijadinho, por exemplo. Inclusive o critério de “*cidade histórica*” vem dessa época, pois se se pensar sem essa análise modernista, qual a cidade não o seria?

O porquê da opção pela Arte Colonial Mineira reside no fato de ter sido feita por nacionais ou reinóis, os que estavam a serviço do rei, ligando e valorizando os índios e os mestiços como os construtores da nação Brasil.

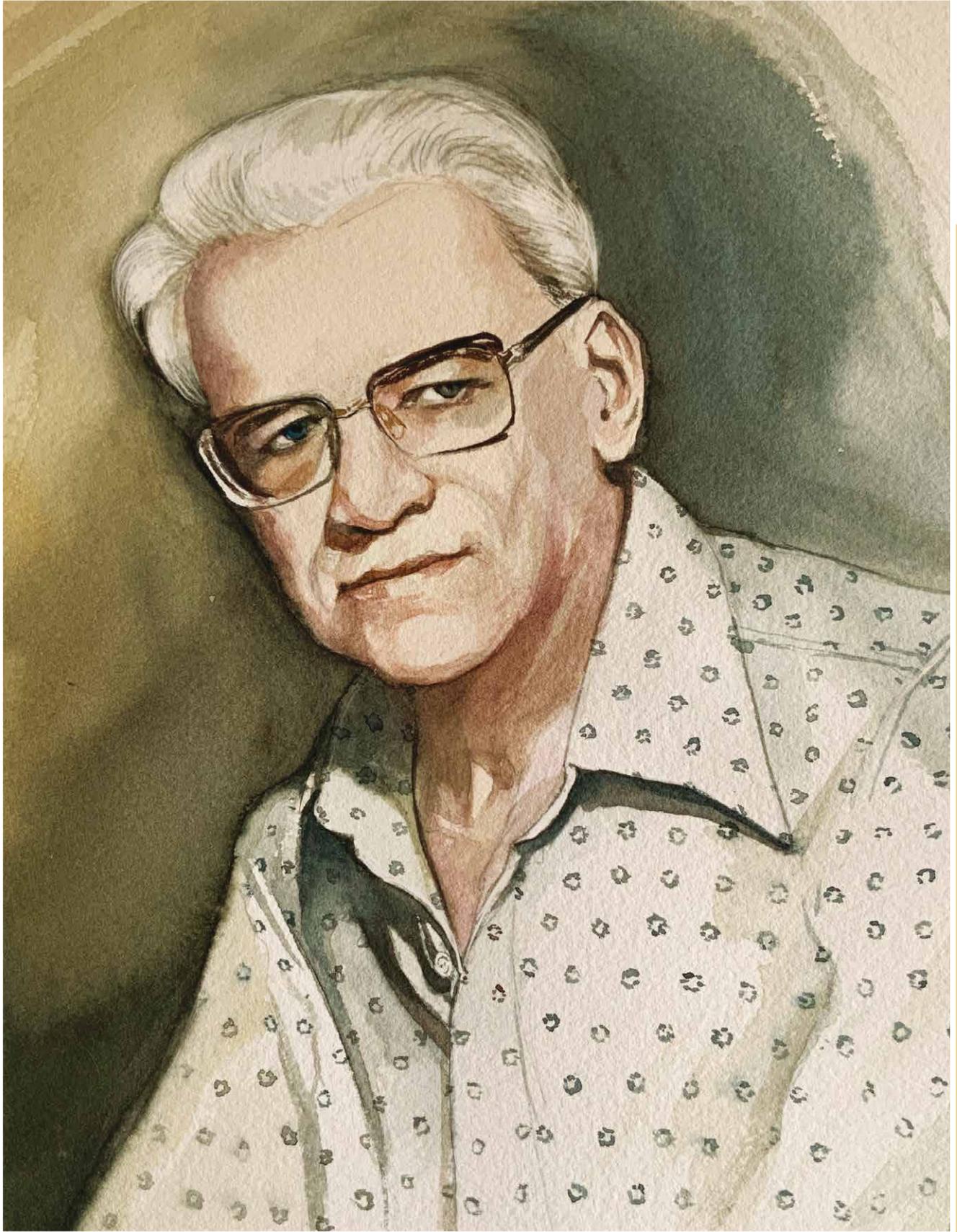
Uma nacionalidade, segundo o raciocínio dos modernistas, precisaria também ter o mesmo idioma e por isso se torna obrigatório o ensino de Português em todas as escolas do país (já na década de 1930).

Do movimento surgiram importantes órgãos estatais de controle geográfico e histórico, como o Instituto Histórico e Geográfico e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), atualmente Iphan.

O Modernismo, portanto, pode ser entendido como movimento que trouxe transformações políticas, sociais e culturais propostas pelas sociedades ocidentais na primeira metade do século XX. Deste movimento, Minas Gerais participou

como pilar e morada do indivíduo nacional, seja pela força do trabalho deste, seja como modelo de construções históricas, seja como convergente aos ideais culturais paulistas, com seu grupo de intelectuais mineiros que ousou e transpôs os limites territoriais dessa terra como vínculo e veículo de amizade e afirmação cultural.

“Se o projeto anterior de colonização do País excluía os índios e os negros, a sociedade idealizada pelos modernistas privilegiava-os como o nacional; para tanto, porém, o Estado deveria conduzir essa nação.”



Heli Menegale

Um túnel sangrento na Mantiqueira e a sensibilidade do poeta

Manoel Marcos Guimarães
Jornalista, editor de *MagisCultura*

A fronteira entre os estados de Minas Gerais e São Paulo foi palco, nos anos de 1930 e 1932, de sangrentos combates entre brasileiros, que resultaram na morte de centenas [talvez milhares] deles e mudaram a história do país, pondo fim à chamada “*República Velha*”, que se iniciara com o fim da Monarquia, em 1889.

Dentro desse palco mais amplo, o destaque ficou com o Túnel ferroviário existente no Alto da Mantiqueira, município de Passa Quatro, ponto estratégico de resistência das forças militares da Aliança Liberal que garantiram a vitória da dita “*Revolução de 1930*” e, em 1932, derrotaram os paulistas em sua tentativa de derrubar o Governo Provisório de Getúlio Vargas e recuperar o poder político nacional, na chamada “*Revolução Constitucionalista*”.

Apesar da violência dos combates, os episódios de 30 e 32, apenas 90 anos depois, permanecem esmaecidos na memória dos brasileiros, dos mineiros em particular, pois os registros históricos publicados dão relevância às disputas e tramas políticas e econômicas, mas relegam a segundo plano os aspectos humanos. Ficou sendo mais uma “*passagem desbotada na memória das nossas novas gerações*”, como disse o poeta a propósito de outro triste evento histórico brasileiro, mais recente, mas também já quase esquecido na memória de grande parte da população.

Mas não faltaram – e não faltam – registros. Um dos mais expressivos, e pouco conhecidos, é o livro “*Cabo Deodato*”, de Heli Menegale, que faz um relato emocionante e emocionado dos dias de outubro de 1930 em que a sua Passa Quatro, onde morava, foi sacudida pela violência da Revolução.

Nesta reportagem, resgatamos o livro e a memória de Heli Menegale e contextualizamos os acontecimentos históricos daquele período.

“Ficou sendo mais uma ‘passagem desbotada na memória das nossas novas gerações’.”

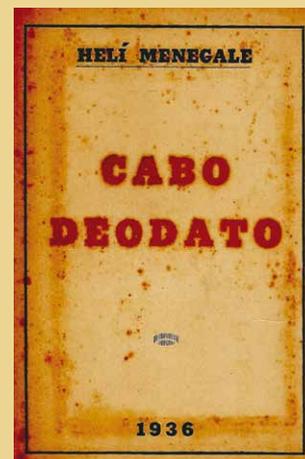
Um poeta no *front*

A saga, em livro, de um herói esquecido da Revolução de 1930 no sul de Minas

Escrito em outubro de 1930, “*quando o entusiasmo unânime explicava todos os excessos*”, mas publicado apenas em 1936, em reduzida tiragem, o livro “*Cabo Deodato*”, de Heli Menegale, está a merecer reedição, não apenas pela singeleza e beleza do texto, mas também pela emocionante descrição que faz dos acontecimentos em Passa Quatro, durante e após a Revolução que levou Getúlio Vargas ao poder. Movimento que, aliás, embora tenha ocorrido há 100 anos, parece nunca ter acontecido na memória da maioria dos mineiros, pela parcimônia com que é tratado nos manuais escolares, quando não simplesmente ignorado, e pela ausência de bons relatos e estudos a respeito.

O pretexto daquela edição, feita na gráfica do jornal ‘*A Noite*’, do Rio de Janeiro, por iniciativa de Alphonsus de Guimarães Filho, era apenas o de prestar “*um serviço à história*” da cidadezinha do sul de Minas, mas seu alcance vai muito além, ao detalhar a mobilização da cidade que, no enfrentamento das “*insultuosas afrontas do governo federal [...] ardia, como o Brasil inteiro, no desejo de ver a pátria liberta da oligarquia que a humilhava*”.

Passa Quatro teve papel decisivo na vitória da Aliança Liberal, que depôs Washington Luiz, por sua posição geográfica estratégica nos altos da Serra da Mantiqueira, na divisa dos estados de Minas e São Paulo, onde estava localizado o “*Túnel*”, acesso ferroviário então pertencente à Estrada de Ferro Sul de Minas, posteriormente Rede Mineira de Viação e hoje desativada. Foi ali, no túnel, que os revoltosos lograram impedir a passagem das forças federais que



viriam de São Paulo para juntar-se às sediadas em Minas e, aqui, sufocar a reação das forças estaduais mineiras, sob o comando da Polícia Militar, um dos principais pilares da revolta, ao lado do Rio Grande do Sul.

Heli Menegale, que residia na cidade, relata os acontecimentos desde as vésperas do desfecho, com olhar arguto de repórter, sensibilidade de poeta e entusiasmo de militante que foi à luta, enfrentando as adversidades típicas de uma situação de guerra, agravadas pela inexperiência e amadorismo de todos, inclusive do comando.

Antes de entrar propriamente nos 'sucessos nacionais' daquele momento, Heli dedica pequeno capítulo à descrição da paisagem e da vida em Passa Quatro, "*cidadezinha feliz, 'maquete' de um urbanista moderno*", destacando o clima, estação por estação, dessa "cidadezinha feiticeira, aconchegada num vale formado de dois espigões, prolongamento da fantástica centopeia", a Serra da Mantiqueira.

A partir daí, em uma sequência de nove curtos capítulos, detalha as ações que envolveram a cidade e sua população, desde as vésperas do início, em 4 de outubro, até seu desfecho, com a posse de Vargas. Os títulos dos capítulos já são indicadores do estilo que dominará a narrativa: Um dia gordo para os boateiros, A mobilização dos bacamartes, Davi

Heli Menegale, o poeta que pintava emoções

Marina Rodrigues

*Jornalista especializada em Literatura,
especial para MagisCultura*

A primeira vez que ouvi o nome de Berenice Menegale foi há mais de cinquenta anos, na Fundação de Educação Artística (FEA), em Belo Horizonte. A memória resgata, ainda hoje, a lembrança sonora dos acordes de *Für Elise*, de Beethoven, saindo de alguma sala do prédio onde ela, possivelmente, estava dando aula. Volto a registrar aqui o nome dessa iluminada pianista mineira de incríveis olhos azuis, gestora da Fundação desde sua criação e até hoje à frente da instituição. Mas agora, Berenice entra na história como a filha do professor, jornalista, acadêmico, gestor e, principalmente, poeta Heli Menegale.

Vamos à sua ficha biográfica: Heli nasceu em 1903 em Juiz de Fora e morreu em 1982, aos 79 anos. Era formado pela Escola Superior de Agricultura e Pecuária, do Sul de Minas. Atividade que nunca exerceu. Foi professor em várias escolas, inclusive em Passa Quatro, onde morou, e na sequência, já em Belo Horizonte, no então Ginásio Mineiro, depois Colégio Estadual, do qual também foi diretor. Isso pelos idos de 1950.

Em 1956, no Rio de Janeiro, novos desafios: a direção geral do Departamento Nacional de Educação, durante a gestão do ministro da Educação Clóvis Salgado, e secretário da Educação do Distrito Federal.

Mas vamos falar do poeta. Como a canção *Für Elise*, de

acordes repetitivos, ligeiros e marcantes, este mineiro do Brasil teve pressa para se fazer ouvir.

Heli sempre foi precoce. Aos 17, já estava enamorado da futura esposa, Odette Regnier, com quem teve cinco filhos. Depois de muitos anos de casado, ele escreveu e descreveu a união no poema *Há um mistério no amor*. Vale a pena citar um verso:

*E deste amor, que os tempos não crestaram,
O mistério em nós mesmos se esclarece
Numa verdade: o amor aumenta o amor*

Aos 19 anos, publicou o primeiro livro, *Azul*. E conseguiu elogios como o do poeta Amadeu Amaral no jornal *O Estado de S. Paulo*: "*Um poeta de verdade, um poeta-poeta, daqueles que tem muita música dentro de si*". Depois vieram as obras *Ânfora do Sonho* e *O Suave Poema*.

Em 1928, veio *Passa Quatro*. Carlos Drummond de Andrade foi seu amigo. E amigo também de Ricardo Martins, heterônimo de Heli. E naquele ano registrou, em carta particular, essa amizade: "*Você faz parte de minhas preocupações sentimentais, Ricardo Martins de Passa Quatro. Seu livro, tão fino, tão bom, tão como eu gosto, me tocou profundamente*".

Passa Quatro é um livro bom de ler. Vejam este poema intitulado *Frio*:

e Golias em plena Mantiqueira, Um cabo que poderia ser general, Sal no fogo e vassoura atrás da porta, Depois do café pequeno, fumo forte, A maratona foi para o vencido e À falta de sirene, o apito da locomotiva.

Em *“Um dia gordo para os boateiros”*, descreve a proliferação de boatos nos dias que antecedem a revolta, diante da ausência de notícias reais. Boatos que ora anunciavam o início da revolução, ora a desacreditavam: *“Não faltavam episódios que agravassem o ridículo da desacreditada conspiração”*. Até que... *“Finalmente, porém, naquela manhã de outubro, fria e nublada manhã, Passa Quatro, alarmada, se compenetrava da evidente realidade – desencadeara-se a revolução!”*

Ele resume o sentimento da cidade com uma fina observação: *“Era um frenesi. Um cidadão, que se arrependera de ter dado, meses atrás, o nome de Getúlio Vargas ao último filho, exaltava, bendizendo aquela inspiração.”*

Os capítulos seguintes descrevem as providências da população, preparando-se para os embates, não faltando anotações sobre a precariedade e o improviso.

“No ‘quartel’, amontoavam-se as armas coletadas pelos arredores, nas casas da cidade, nas fazendas, nas choupanas. Entre algumas carabinas eficientes, um arsenal de armas ridículas: pica-paus, flauberts, velhas espingardas, paus-de-fogo trochados, em

“Não faltavam episódios que agravassem o ridículo da desacreditada conspiração.”

6 horas da manhã.

Saio com as mãos nos bolsos do capote,

a ponta do nariz gelada

espirando um vapor fino

que se confunde com a bruma em redor.

A geada envelheceu os cabelos do caminho.

Que frio!

E eu ainda sinto na boca o café quentinho que tomei.

Vem a calhar a crítica do escritor baiano Eugênio Gomes sobre a poesia de Heli: *“Tem-se, com efeito, ao lê-lo, a impressão de que o poeta nutre a ilusão de assistir, a cada manhã, à primeira manhã do mundo. Porque Heli Menegale é, principalmente, um pintor de emoções”*.

Enquanto Drummond dizia que *“Itabira é apenas uma fotografia na parede. Mas como dói”*, Heli enaltece Passa Quatro no poema *O Descobrimto*.

Dizem que foram os bandeirantes que a descobriram

(quatro vezes atravessaram o rio...)

Bandeirante ou outra pessoa qualquer,

Quem a descobriu teve bom gosto.

E mais ainda no poema Antes, depois, hoje

Antigamente eu falava mal de Passa Quatro.

Depois passei a falar bem.

Hoje eu não falo nem bem nem mal.

Hoje eu gosto de Passa Quatro.

“As escolas passam e a poesia permanece. Vão e voltam os motivos e as formas, os sistemas e as ideias confirmando a perenidade e a unicidade da poesia.” Esse trecho está no discurso

dele quando foi homenageado, em 1977, pela Academia Mineira de Letras, onde desde 1936 ocupava a cadeira 32. Nos anos 1950, como presidente por dois mandatos, conseguiu instalar a instituição em sede própria, na capital.

Heli Menegale escreveu 11 livros, a maioria de poesia. Mas ainda teve o 12º, uma coletânea, que ganhou o título *Permanência do Azul*, reunindo poemas das obras *Azul*, *Ânfora do Sonho*, *Passa Quatro*, *Antiga Melodia*, *Aldeia* e *A Montanha*, além de alguns inéditos, todos selecionados por ele e pelo amigo, também poeta, Alphonsus de Guimarães Filho.

Ah!, a permanência do azul. Essa cor o acompanha em toda a trajetória de poeta. Está em olhos, no céu, no mar, nos lagos, no infinito, no sonho.

Como nas fases azuis do espanhol Pablo Picasso e do holandês Vincent van Gogh, essa cor suaviza o trágico e o melancólico. E lhe dá profundidade.

Heli se inspirou nela para expor a tristeza, uma angústia existencial. Não é uma cor, é um sentimento.

Em *Prelúdio*, por exemplo, a palavra está em cada estrofe. Uma delas diz:

Tarde. Tristeza. O dia cai. O frio

Envolve o corpo e envolve a alma da gente.

Ergo os olhos e o grande céu espio

e o vejo azul, azul inteiramente.

E para terminar:

O azul é o país do sonho.

Espero alcançá-lo um dia

Para esquecer...e sonhar.

“Não foi pequena
e inexpressiva a
contribuição de
Passa Quatro ao
conjunto de feitos
que constituem
a revolução
brasileira.”

desuso, bacamartes, carabinões coloniais, roídos de ferrugem, de gatilho emperrado, cano entupido; um aluvião de instrumentos que apenas poderiam desobrigar-se como armas contundentes.”

Os combates no alto da serra merecem destaque nos capítulos seguintes, com algumas descrições detalhadas, boatos, idas e vindas, troca de tiros, mortes. O cenário é montado para Heli Menegale destacar a figura que dá nome ao livro e que merece dele um capítulo inteiro: “Um cabo que poderia ser general”. A narrativa: “A heroica figura do cabo Deodato vai passar à tradição local revestida pelo véu das lendas que se urdirão, ao escoar do tempo, no enredo daquela delirante tragédia – o combate do túnel.”

Menegale descreve assim o cabo, talvez já o imaginando como personagem central de um filme de guerra, nos moldes dos que proliferam na indústria cinematográfica norte-americana, embora raros entre nós: “É moço, alourado, alto, forte. O seu físico está a pedir, como complemento do porte, uma espada reluzente à cinta, ao em vez do fuzil a pesar-lhe nos ombros, que deviam estar livres para ostentar galões de oficial...”

No capítulo final, Heli Menegale afirma que “não foi pequena e inexpressiva a contribuição de Passa Quatro ao conjunto de feitos que constituem a revolução brasileira”. Ele destaca como tendo sido centrais na vitória a “sobrehumana resistência do combate do dia 13” e “a batalha do dia 17, a formidável vitória da polícia mineira, sangrenta, desoladora para os reacionários, [que] repercutindo fundamente no Rio, entre os elementos oficiais, rompeu o cerco de mentiras com que os comunicados à imprensa tinham envolvido as populações do Rio de São Paulo”.

O efeito moral dessas duas batalhas vencidas em Minas, diz ele na última frase do livro, “deve ter influído no ânimo dos que prepararam o golpe de 24 de outubro”.

Um dia gordo para os boateiros

Às cinco horas, quando a locomotiva, no depósito da estrada de ferro, silva longa, prolongadamente, a cidade desperta. Abre-se uma porta ou outra, os padeiros, cestos às costas, saem, como um papá-noel de todos os dias, pondo em cada janela um embrulho de pão fresco... Os primeiros transeuntes, mãos nos bolsos, fazem estalar na calçada os passos apressados.

Mas, naquele dia, Passa-Quatro acordou diferente. Madrugada apenas, desceram da serra, entraram pela estação, rápidos trens especiais. As ruas do centro encheram-se de gente espantada.

– Que é?

Era a revolução. Ainda escuro, passara pela cidade um troço de soldados, sob o comando de um cabo, vindo de Soledade, para guarnecer a serra, em Túnel. Batendo em retirada de Cruzeiro, onde já se ia sendo retida pelas autoridades paulistas, chegava a diretoria da Rede Sul Mineira. Avisados, altas horas, de que irrompera a revolução, mal tiveram tempo de arrecadar e salvar os haveres da tesouraria e rumar pela Mantiqueira acima, engraxando, danificando a linha até Túnel, para dificultar o acesso dos que vinham ao seu encaço e obstruindo, para as forças governistas, aquela entrada do território mineiro.

[...]

Foi assim o dia 4 de outubro de 1930, em Passa-Quatro, que viveu, em horas de sobressalto e incertezas, de um só sentido – fé.

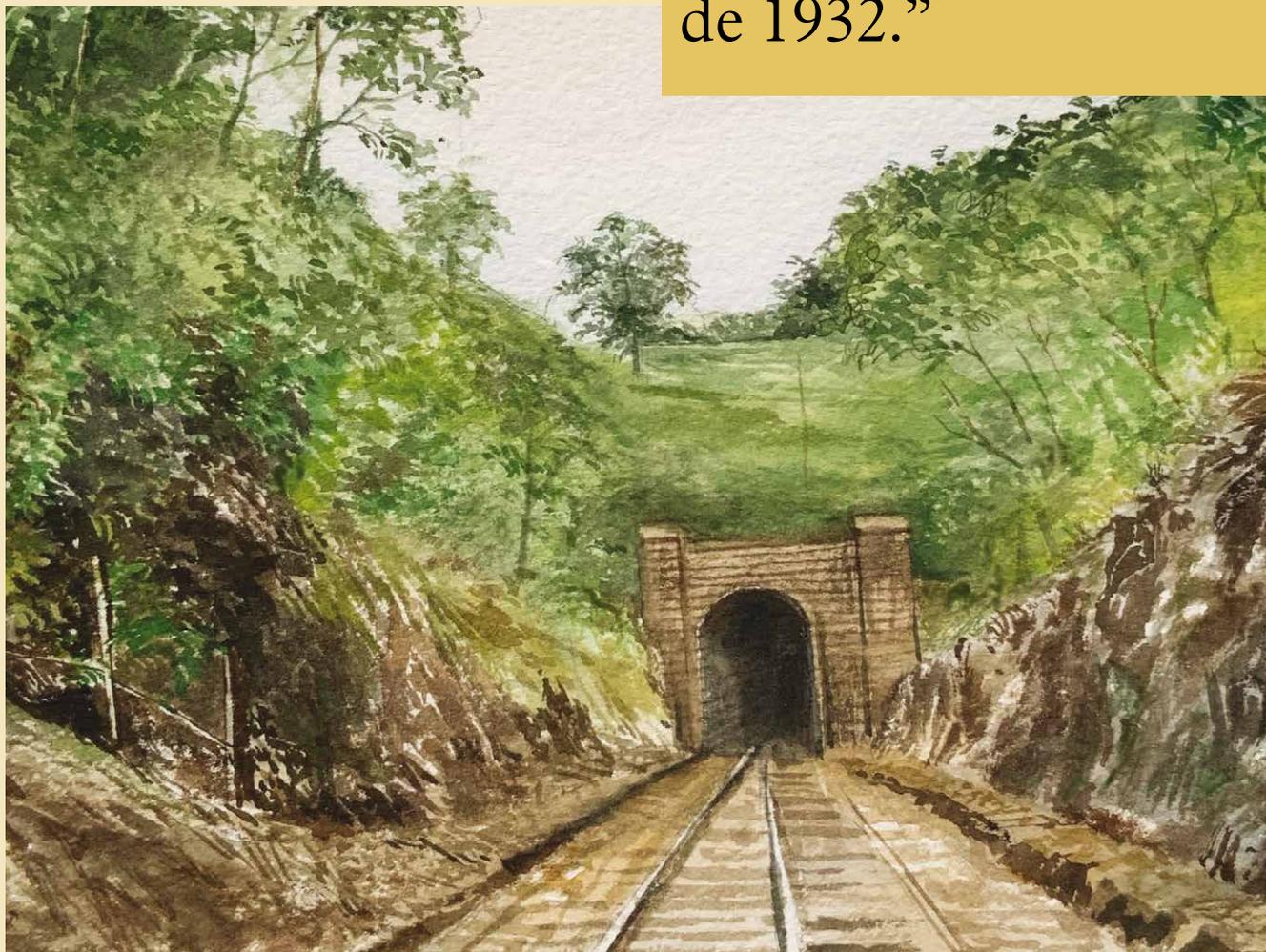
Inconformados, paulistas reagem a Getúlio

O Túnel ferroviário na Serra da Mantiqueira teve papel decisivo também na ‘Revolução Constitucionalista’ de 1932, resultado do inconformismo de parcela da elite paulista com os rumos do governo provisório de Getúlio Vargas, logo após a vitória da Revolução de 1930. O relato de Heli Menegale sobre os acontecimentos de 1930, portanto, se aplicam também ao Movimento de 1932, que completa 90 anos em julho próximo, e que teve combates ferozes naquela região, com centenas de mortos.

Na origem dessa segunda revolta, segundo o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, a parcela da elite política e econômica de São Paulo que havia apoiado a Aliança Liberal, na derrubada da República Velha, ficou insatisfeita com os rumos dados por Getúlio em seus primeiros movimentos, ao não contemplar suas reivindicações. A principal delas seria restaurar a base constitucionalista – e democrática – da Carta de 1890.

Os dois maiores partidos paulistas – o Partido Republicano Paulista (PRP), conservador, e o Partido Democrático (PD) – haviam se dividido no apoio à campanha da Aliança

“O Túnel ferroviário na Serra da Mantiqueira teve papel decisivo também na ‘Revolução Constitucionalista’ de 1932.”



Liberal e o PD esperava ser contemplado pelo Governo Provisório, o que não ocorreu inteiramente, com Getúlio prestigiando a liderança tenentista e nomeando o tenente João Alberto Lins de Barros para governar o estado. "Ficou clara, então, a divergência entre os projetos políticos dos paulistas e dos tenentes. João Alberto governou até 13 de julho de 1931, e no período seguinte houve grande instabilidade", com sucessivas nomeações que duraram pouco tempo no cargo.

"Em fevereiro de 1932 a situação se agravou. O PD rompeu com Vargas e seu governo, ao mesmo tempo que se aproximou dos antigos adversários do PRP, formando a Frente Única Paulista (FUP), que se tornou a porta-voz das reivindicações de reconstitucionalização e de autonomia administrativa para o estado de São Paulo", relata o CPDOC. Simultaneamente, a FUP passou a articular, junto aos meios militares e a algumas das principais entidades de classe do patronato paulista, a preparação de um movimento armado contra o Governo Provisório.

Vargas procurou contornar a situação, até que "a morte de estudantes em um confronto com forças legais acabou introduzindo no cenário político o ingrediente que faltava: mártires. Suas iniciais – Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo – passaram a designar a sociedade secreta MMDC, interessada em articular a derrubada de Vargas".

A Revolução Constitucionalista eclodiu em 9 de julho de 1932, liderada pelo general Isidoro Dias Lopes, o mesmo do levante de 1924, contando com a participação de vários remanescentes do movimento de 1930 e "com amplo apoio dos mais diversos segmentos das camadas médias paulistas". Não por acaso, mesmo derrotada pelas forças governistas (a rendição foi assinada em 1º de outubro de 1932), a Revolução inseriu-se no calendário dos grandes feitos do estado de São Paulo e a data ainda hoje é comemorada como feriado paulista.

Segundo a historiadora Regina da Luz Moreira, que assina o texto do CPDOC, "se, do ponto de vista militar, os paulistas saíram derrotados do movimento de 1932, o mesmo não se pode dizer em relação à política e à economia. São Paulo continuava a ser o principal fornecedor de divisas do país, num quadro de crise econômica mundial e de queda do preço do café no mercado internacional. Assim pressionado, o Governo Provisório manteve a política de valorização do café, comprando e restando estoques, além de permitir o reescalonamento das dívidas dos cafeicultores e aceitar bônus de guerra como moeda legal, entre outras medidas."

Politicamente, porém, o Governo Provisório empreendeu apenas alguns avanços, como a reativação da comissão que elaboraria o anteprojeto de Constituição e a criação de novos partidos, mas tudo terminaria em 1937, com a implantação do Estado Novo, com base em uma Constituição redigida pelo mineiro Chico Campos, conhecida como a "Polaca", que deu as bases para a ditadura Vargas, que durou até 1945.



“Se, do ponto de vista militar, os paulistas saíram derrotados do movimento de 1932, o mesmo não se pode dizer em relação à política e à economia.”



Minas teve “correspondente de guerra” no sul do estado

O Governo mineiro, então chefiado por Olegário Maciel, foi o mais importante baluarte do Governo Provisório de Vargas na resistência aos paulistas e a garganta da Serra da Mantiqueira, especialmente o Túnel ferroviário, o principal campo de batalha.

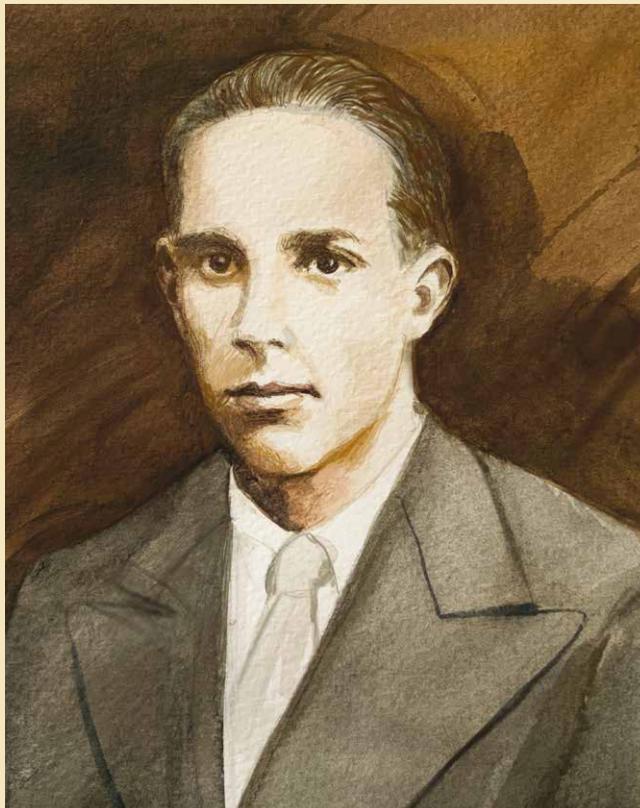
Desde a eclosão do movimento, em 9 de julho, o governo mobilizou a chamada Força Pública e iniciou simultaneamente uma campanha contra o “*Movimento reacionário em São Paulo*”, que passou a ser a manchete diária do “*Minas Gerais*”, órgão oficial do estado. Para a cobertura das ações no sul do estado, particularmente em Passa Quatro, foi enviado Delfim Moura, à época estudante de Direito na capital e funcionário da Imprensa Oficial. Natural de Pedralva, Delfim, que tinha apenas 19 anos nessa época, era irmão do professor Fábio do Nascimento Moura, da UFMG, um dos criadores do Festival de Inverno.

Utilizando os meios de comunicação disponíveis, particularmente telegramas e o rádio, o correspondente enviava textos diários, em relatos jornalísticos, mas sempre encampando a tese de resistência dos mineiros.

A guerra de informações e a divulgação de notícias falsas também faziam parte da cobertura. Em um desses relatos, o repórter denuncia “*A falta de escrúpulos dos insurretos*”, com o seguinte texto:

A Rádio Educadora Paulista anunciou ontem, com alarde, que seguiria brevemente para o ‘front’ dos insurretos um contingente de novecentos ex-combatentes da Grande Guerra. Como é natural, a notícia produziu indignação nos círculos militares e no seio da população, porquanto, falha em verdade, exprime a ausência de escrúpulos dos rebeldes, que não escolhem meios para atingir o fim condenável a que se propõem.

“A guerra de informações e a divulgação de notícias falsas também faziam parte da cobertura.”



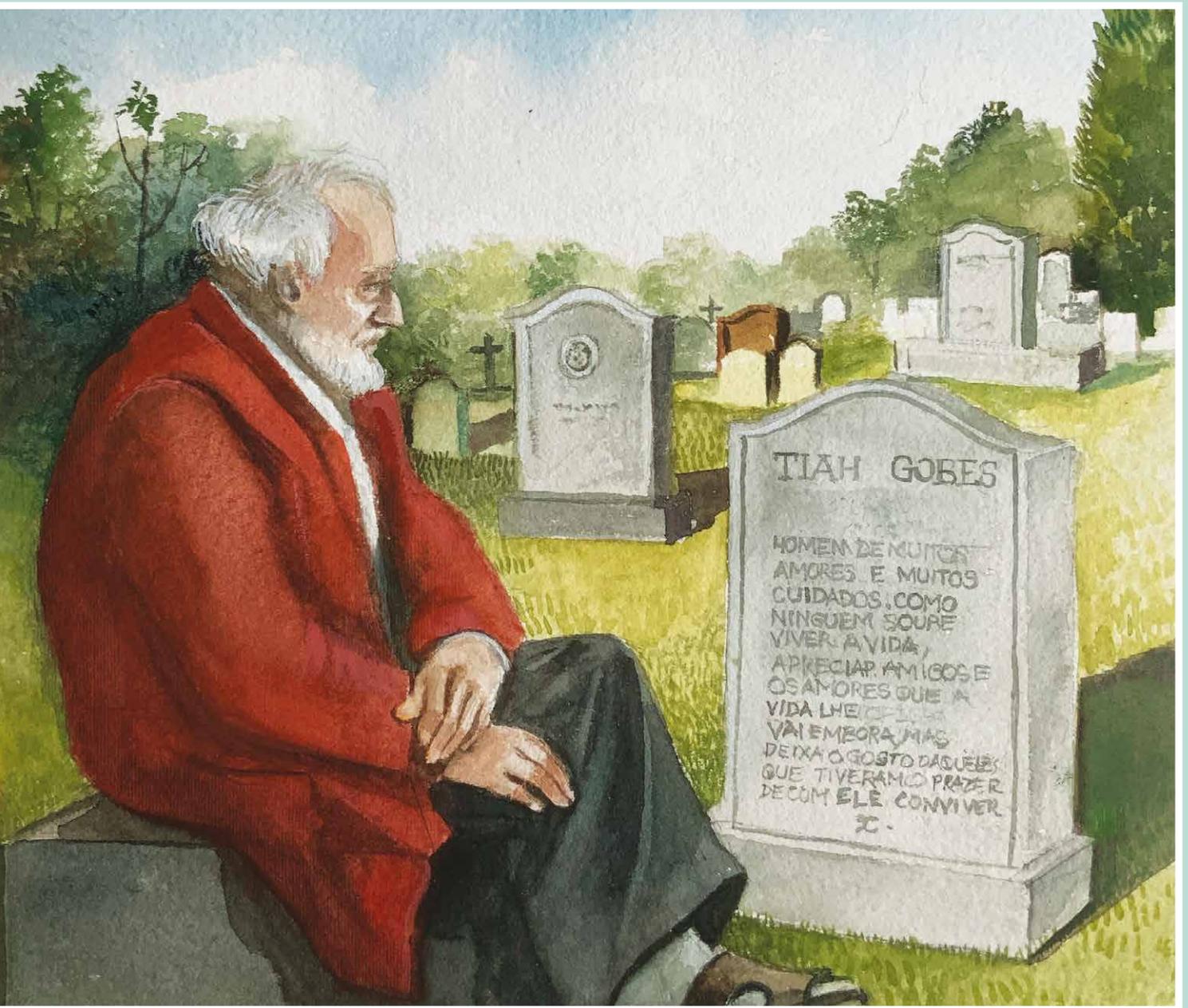
Delfim Moura

A maior parte dos relatos se concentra “*Na zona do Túnel*”, que é como o jornal se refere aos acontecimentos de guerra ali. Na edição de 15 de julho, por exemplo, Delfim Moura afirma em sua manchete que “*A situação no Túnel é, a cada momento, mais desfavorável aos rebeldes*”. Em 7 de agosto, a manchete é “*A penosa situação dos rebeldes que combatem na zona do Túnel*”.

Já em setembro, as manchetes vão relatando sucessivas vitórias das forças mineiras contra os rebeldes paulistas (“*Depois de 15 horas de fogo, os invasores de Guaxupé desocuparam a cidade*”) até a manchete final: “*Vitória das forças mineiras, em Túnel*”.

A coleção do “*Minas Gerais*” desse período, devidamente preservada na Biblioteca Pública do estado, em Belo Horizonte, permite longo mergulho sobre os acontecimentos daquele instigante e vibrante período da vida nacional, particularmente da mineira, intrigantemente pouco conhecido dos mineiros em geral, embora tenham vitimado algumas centenas de nossos concidadãos. Nem mesmo dados precisos sobre o número de mortes, por exemplo, foi possível encontrar.

O que prevalece hoje nas pesquisas feitas em meios digitais sobre a Revolução Constitucionalista de 1932 é a versão paulista da história, contrariando a tese de que a história é sempre contada pelos vencedores. Há um bom trabalho ali à espera de pesquisadores da história mineira.



Epitáfio

Silvia Nascimento

Juíza de Direito do TJMG em Três Marias

Geralmente as histórias terminam com a morte. Não há um epílogo após a má notícia. O que se deve dizer sobre o que acontece após a morte? Não vamos falar sobre céu, inferno ou os indecisos do purgatório.

Essa é uma história sobre os vivos. Aqueles que mesmo após conhecerem a morte continuam como uma página em branco que seria completada de qualquer forma. Mas e quando a sua morte chega, lhe diz olá e o convida para o seu próprio velório?

Foi assim que começou o dia de Tiah Gober.

Gostaria de dizer que parecia um dia normal, daqueles que Tiah começaria acionando o modo soneca do celular para ganhar mais uns minutos da preguiça matinal. Ainda meio dormindo se levantaria e faria uma xícara de café, bem larga, para iniciar o dia tentando se desvencilhar do sono que não quer sair. E ali, na poltrona vermelha surrada que comprara na loja de móveis usados, se sentaria, afundando-se na espuma que não aguentaria, por certo, uma terceira geração. Leria o jornal de ontem, que seu vizinho sempre fazia questão de jogar no lixo da entrada e Tiah o recolhia cuidadosamente na noite anterior quando chegava do trabalho. Notícias de um dia atrás ainda eram news, certo?

Mas não. Essa não foi a rotina de Tiah naquele dia. Foi acordado com uma batida na porta do seu apartamento.

Uma batida firme, dessas que tendem a permanecer e não permitem simplesmente virar ao lado para tentar voltar ao sono que ainda permeava o seu corpo. Após muita insistência, Tiah levantou-se e foi até a porta, já irritado sobre quem poderia ser tão inconveniente, ainda mais em uma hora dessas.

Colocou o roupão velho que gostava de usar após o banho e estava ali pendurado na arara. Demorou a abrir a porta, pois não achava a chave. Por fim, lembrou-se que, na tentativa de ser mais organizado, passara a usar um antigo cinzeiro chique do seu pai, já falecido, como uma espécie de chaveiro.

Achada a chave, foi até a porta e, ao abri-la, ficou surpreso. Não havia ninguém. Estranho, porque até segundos antes tinha alguém esmurrando sua porta como se fosse resgatá-lo de um incêndio.

Será que estava tendo incêndio? Olhou ao redor. Apenas silêncio. Era estranho não ter um barulho sequer. Os alarmes de segurança não haviam ligado, não havia cheiro, fumaça ou mesmo desespero. Devem ser apenas crianças do prédio pregando-lhe uma peça. Será que havia se tornado uma figura caricata em quem as crianças pregam trotes?

Sabia que era taciturno, mas acreditava que faltariam ainda alguns anos para se tornar o "velho do apartamento". Evitava animais, pois poderia rapidamente se tornar o "homem dos gatos" ou o "tio dos cachorros".

Já ia fechando a porta quando percebeu que seu roupão engastalhou em uma farpa da porta. Puxou o roupão e rasgou um pouco a ponta, mas Tiah não deu bola. Já era bem velho mesmo. Foi nesse momento que olhou para baixo e viu um

pequeno envelope em cima de um jornal. Ah! então era isso. Alguém havia realmente deixado alguma coisa para ele. Não costumava receber presentes, sequer conhecia seus vizinhos.

Claro que sempre fazia questão de cumprimentá-los e ser gentil. Mas nunca dividia o elevador. Era um espaço muito pequeno. Ele conseguia sentir e ouvir a respiração quase sempre quente de pessoas com as quais jamais dividiria uma xícara de café. Era muita intimidade em um ambiente tão pequeno como um elevador. Passou a dizer sempre: "vou no próximo, obrigado, estou gripado" e simulava uma pequena tosse. Talvez percebessem que o intuito era na verdade evitá-los.

Não que se preocupasse com isso. Não haveria de se afligir com o quê estranhos pensariam dele. Era um homem já na casa dos quarenta anos, sem amigos íntimos, algumas mulheres, mas nunca namoradas; tinha um emprego decente e conseguia pagar suas contas quase sempre em dia.

Agora havia recebido um jornal e um envelope fechado, provavelmente de algum vizinho. Olhou para o corredor, não havia sinal de que alguém estivera ali segundos antes. Tiah ficou um pouco incomodado com a situação, mas deu de ombros, pegou tudo rapidamente e fechou a porta.

Parou um instante. Parecia que havia alguém novamente do lado de fora. Conseguia ouvir a respiração. Achou estranho, pois acabara de fechar a porta e não havia ninguém. Tentou controlar a respiração e de rompante abriu novamente a porta. A respiração até então ouvida cessou. Realmente não havia ninguém ali.

Entrou novamente e, por mais que ainda parecesse que a respiração havia voltado, resolveu acreditar no que os seus olhos acabaram de provar. Não ficaria em uma jornada eterna de respirações que sumiam e voltavam.

Pegou o jornal e sentou-se na poltrona. Era um daqueles locais, o *Betim News*. Não era esse que costumava pegar no lixo do vizinho, mas pelo menos haviam dado a ele as notícias do dia, especificamente 19 de julho de 2008. Luxo raro, pois não precisaria ficar com as notícias do dia anterior. Não parecia ter nada de errado no periódico. Era um desses de repercussão meramente local que geralmente não trazia nada além de fofocas desnecessárias.

Resolveu abrir o envelope. Havia um pequeno cartão, escrito à mão: "obituário dia 18 de julho de 2008, mídia local."

Tiah achou estranho, mas resolveu procurar o obituário. Não foi difícil achar a página. Abriu o jornal e logo percebeu que alguém havia marcado uma nota no obituário. O trecho destacado com um marca-texto irritantemente brilhante cuja tinta ainda parecia úmida dizia assim: "Tiah Gober, proeminente empresário, falecido na data de ontem. Parentes e amigos o velarão no Velório São Vicente de Paulo a partir das 9h."

Por um momento Tiah ficou sem reação. Que brincadeira ridícula era essa? Quem poderia ter feito isso? Logo seu pensamento flutuou a respeito de quem poderia ter lhe pregado

essa peça. Cogitou ser algum dos colegas de trabalho, mas realmente não havia alguém suficientemente íntimo. Não era uma pessoa dada a noitadas de bebedeiras e mulheradas com amigos. Na verdade, sempre os via combinando os passeios e as baladas, em que pese nunca esconderem dele aonde iriam, os raros convites diretos que às vezes ocorriam eram recusados cerimonialmente. Não tinha certeza se os convites eram em decorrência de educação, porém, a recusa vinha de um cansaço de não querer realmente conviver com aquelas pessoas.

Com o passar do tempo, os convites foram ficando mais e mais raros. Não se importava, contudo. O descaso foi inclusive recebido com o alívio de não precisar mais inventar desculpas descabidas e namoradas imaginárias que provavelmente todos sabiam não existir.

Porém, a situação agora tornava mais difícil a Tiah imaginar quem poderia estar atrás dessa brincadeira de mau gosto, pois sabia que não era amado, mas por certo também não era odiado.

Talvez fosse uma operação de treinamento do RH da empresa. Um recrutamento ou então um desses cursos modernos e empíricos sobre como os funcionários reagiriam a situações inusitadas.

Essa perspectiva atiçou a curiosidade de Tiah. Era bastante competitivo. Retornou sua atenção ao jornal. Não parecia ser montagem. Pelo contrário, conhecia o periódico. O jornal era real. O obituário, sim, poderia ter sido fabricado.

Não poderia ser um homônimo. Qual a chance de outro Tiah Gober viver em Betim? Seu nome era uma homenagem ao seu falecido bisavô alemão. Seu pai fizera questão de que seus dados europeus não fossem apagados com o tempo e por isso deu ao filho o nome do avô. Não, por certo, não era um homônimo.

Convencido de que se tratava de algo do RH do seu emprego, mas ainda com uma pontinha de curiosidade, Tiah decidiu que iria ao seu velório.

Como era final de semana, não havia muitos ônibus circulando normalmente. Resolveu pegar um táxi até o Velório São Vicente de Paulo. Chegando lá, não percebeu nada de muito estranho. Havia vários carros parados na rua como é de costume no local.

O velório possuía diversas salas e, ao lado de cada porta, havia uma folha de papel sobre um ambão de madeira simples. Era sempre a mesma coisa, uma folha de papel parcialmente preenchida, com poucos nomes logo após do nome do morto escrito em caixa alta.

Foi passando de sala em sala, checando todos os falecidos. Nada do seu nome. Alguém lhe havia pregado uma peça. Já desmotivado e por descargo de consciência dirigiu-se à última sala. Percebeu que, diferentemente das demais que havia passado, não havia apenas uma folha de papel no púlpito ao lado da porta. Era um livro de capa dura, com muitas páginas dobradas e muitas assinaturas de diversos visitantes.

Achou estranho. Aproximou-se do púlpito e resolveu checar o nome de quem era o falecido. Antes de virar todas as páginas foi parado: *"Oi Tiah. Tudo bem com você?"*, disse um homem que, com a mesma rapidez que o cumprimentou, também se foi.

Tiah levantou a cabeça, surpreso por ser interpelado diretamente, e tentou se lembrar de onde o conhecia; apesar de uma vaga lembrança, não soube dizer quem ele seria. De qualquer forma, sua resposta foi quase um emudecido: *"Oi"*. Não que fizesse diferença, já que da mesma forma que ele surgiu também foi embora, na rapidez de um flash.

Voltou sua atenção ao ambão e começou a repassar as folhas com as assinaturas dos visitantes. Eram muitas. Um verdadeiro calhamaço. Com certeza, alguém muito importante estava sendo velado ali ou então muitos velórios usavam aquele mesmo livro.

Percebeu que não adiantava passar folha por folha, pois não acabavam nunca. Decidiu fechar o livro e começar pelo início. Ao cerrá-lo, notou que na capa estava escrito: *"Tiah Gober, falecido em 17 de julho de 2008."*

Brincadeira de péssimo gosto. Quem estava fazendo aquilo com certeza havia exagerado. Mandara fazer um livro capa dura e enfiado um monte de assinaturas de gente estranha, de quem nunca tinha ouvido falar.

Não podia ser algo do RH. Deve ser aquelas 'pegadinhas' que passam nos programas de TV aos domingos. Olhou ao redor. Havia alguns rostos familiares, mas não conseguia se lembrar de onde conhecia aquela gente.

A sala estava repleta não apenas de pessoas, mas também de várias coroas de flores. Por um momento, mesmo com um nome tão diferente, questionou-se se poderia ser um homônimo. Deve ser alguém importante com o mesmo nome. Um tio perdido ou algo do gênero.

Até que cruzou com Elena.

"Oi Tiah, adorei o serviço que fizeram aqui. Você mesmo que contratou a funerária? Depois quero a indicação para contratar para o meu."

Elena parecia apenas um pouco mais velha do que a jovem que havia namorado quando adolescente. Não conseguiu entender o que ela estaria fazendo ali. Já havia descartado a hipótese de aquilo ser algo do RH da sua empresa. Também não era nada dos colegas de trabalho. Eles jamais achariam sua primeira namorada. Nem mesmo se lembrava de ter comentado sobre ela com alguém nos últimos dez anos.

Ainda emudecido e sem saber o que falar, optou por simplesmente balançar a cabeça e se desvencilhar da antiga namorada. Atrás dela havia um caixão de madeira escura e brilhante, parecia mais suntuoso do que Tiah poderia pagar.

Aproximou-se. Se já lhe faltavam as palavras, agora era o ar que mal entrava por seus pulmões. Porém, apesar da momentânea apneia, não chegou a ficar realmente surpreso quando se viu deitado no caixão. No fundo, parecia que já sabia o que iria encontrar. Compreendeu que era ele ali, mas ao mesmo tempo parecia tão diferente.

A pele estava mais caída do que o normal e, mesmo intensamente maquiado, tinha umas marcas escuras pelo rosto e mãos. Estava um pouco mais velho do que já era, mas não muito. Os cabelos ganharam um tom mais grisalho do que o usual e parecia elegantemente morto.

Olhou ao redor enquanto tentava conter a vertigem que o assolou. Respirou fundo e resolveu procurar alguém realmente conhecido. Porém, ao olhar as pessoas presentes, tinha a sensação de que aqueles rostos eram conhecidos, mas não sabia dizer de onde.

As pessoas próximas ao caixão choravam enquanto punham avidamente as contas do terço. Por certo esquecera de avisar à funerária que não queria gente gastando rezas com sua alma perdida.

Buscando se recuperar da zonzeira que lhe tomava o corpo, sentou-se em um banco do lado extremo da sala. Na verdade, o único lugar ainda vazio. Imaginou que talvez ninguém mais o reconheceria e assim poderia simplesmente morrer em paz.

Quem dera! Em poucos segundos, tal pensamento se mostrou uma quimera.

Um homem trajado com camiseta regata de cor rosa se aproximou. Dizer que ele se acomodou ao seu lado não parecia o termo correto, estava mais como fardo pesado, um saco de batata que fora jogado ali.

Tiah olhou de soslaio aquele homem. Realmente não o conhecia. Relaxou um pouco. Com certeza não seria como fora com Elena. Ele era apenas um desconhecido. Agora mais atento a si mesmo, buscou tolamente esquecê-lo.

“É como você imaginou?” – questionou o homem.

“Como?!”

“Se o seu velório é como você havia imaginado?”

Um pouco inquieto com o questionamento, Tiah olhou fixo para o homem maduro que ridiculamente usava uma blusa rosa apertada acentuando peitos maiores do que esperado para seu tipo físico. Tentando se controlar, focou na pergunta... Irritado, e sem se preocupar com consequências já que aparentemente estaria morto, Tiah retrucou:

“Se esse é o meu velório, você é o que? Por favor, não me diga que a morte agora vem de regata.”

Levemente surpreso e curioso com a inquirição, o homem respondeu:

“Com tantas coisas para você me perguntar, você gasta seu tempo comigo e não com você?”

A razão estava com aquele homem. Tiah não haveria de focar em coisas menos importantes. Afinal, era o seu velório. Nada seria mais importante que isso. Porém, antes das necessárias respostas, notou que estavam levando seu caixão embora.

O homem de blusa rosa prontamente pegou uma das alças de seu féretro e com a cabeça assinalou que ele deveria pegar do outro lado.

Assim Tiah se viu a segurar o seu caixão. Ao menos, haviam-no tampado e ele não precisaria se ver ao carregar a si mesmo até a cova.

Ainda atônito com tudo o que estava acontecendo, ficou a observar os homens jogando terra por cima do caixão. Uma sensação de que sua vida estava se esvaindo tomou conta de seu corpo.

Levantou a cabeça e viu seu epitáfio. Não havia visto até então a pedra que emoldurava seu túmulo. Nela estava escrito: *“Tiah Gober, homem de muitos amores e muitos cuidados. Como ninguém, soube viver a vida, apreciar os amigos e os amores que a vida lhe trouxe. Vai-se embora, mas deixa aqui o gosto daqueles que tiveram o prazer de com ele conviver.”*

Se aquela tinha sido a sua vida, em que momento ele parou de vivê-la?

Aturdido com aquelas palavras, Tiah olhou ao redor. Não havia mais ninguém. Porém, seu epitáfio ainda estava ali. A terra não mais parecia fresca. Olhou de novo ao redor. No cemitério não viu mais sinal da Elena ou daquele homem que o havia perturbado. Ao longe, havia apenas umas cinco pessoas ao redor de um túmulo visitando o que sobrara de um ente querido.

De familiar, Tiah reconheceu apenas seu epitáfio. Esse sim estava igual.

Ainda sem entender, decidiu voltar ao apartamento. Olhou sua carteira e, como provavelmente não havia dinheiro suficiente para um táxi, ficou sentado por um bom tempo próximo ao ponto de ônibus que havia perto do velório. Tinha tido sorte de haver um banco ali. Por certo, a prefeitura o colocara, pois, muitas pessoas pegavam transporte naquele

“Afinal, era o seu velório.”

local, após velar seus entes queridos. Será que muitos tinham ido até o próprio velório?

Sem obter a sua resposta, Tiah retornou ao seu apartamento. Ficou aliviado quando percebeu que suas chaves ainda abriam todas as portas e que sua casa ainda estava ali no mesmo tom bege deixado. Sua vida parecia ainda estar ali como sempre fora. Não era exatamente a mesma coisa. Seria, se não fosse o jornal que ainda estava sobre sua poltrona velha. Segurou firme o periódico e pode ver seu obituário reluzindo com aquela marca d'água insistentemente brilhante.

Exausto com tudo o que acontecera, deitou-se em sua cama, abraçando o *Betim News* como se fosse a última linha da vida que possuía, desesperado ante a morte iminente. Tinha a certeza de que não dormiria naquele sábado.

Garantiria que seus olhos ficassem assim como estavam: estatelados. Para que o resto de vida não lhe fosse roubado. De repente um barulho. Estranho. Era uma música conhecida.

Era o despertador do seu celular. De repente, tudo ficou claro. Ainda era sábado, e tudo aquilo havia sido um sonho ruim.

Sentou-se na cama e, ao se arrumar, percebeu que algo caíra no seu colo. Era o jornal *Betim News* do dia 18 de julho de 2008. Ele dormira abraçado com aquilo a noite toda. Não era o jornal que havia roubado do vizinho na sexta-feira à noite.

Já inquieto, pegou seu celular e olhou a data: 19 de julho de 2008, domingo. O jornal ainda era de 18 de julho de 2008. Passou a folheá-lo como se sua vida dependesse daquilo. Não encontrou mais seu obituário.

Respirou fundo. Questionou-se se deveria voltar ao cemitério. Depois de muito pensar, percebeu que as coisas não estavam mais iguais. Segundo o jornal, ele não estaria mais morto.

Uma nova chance apareceu para Tiah. Percebeu que tivera uma oportunidade para ser aquele homem de muitos amores, amigos e cuidados, que ao morrer deixaria saudade aos que tiveram o prazer de com ele conviver. Estava decidido. Não perderia aquela chance. Por certo viveria a vida que havia perdido em algum momento. Suas escolhas doravante não seriam as mesmas.

Atentou-se ao celular, eram apenas 8 horas ainda. Muito cedo para um domingo. Apertou o modo soneca para ganhar alguns minutos na preguiça matinal e assim começaria sua nova vida. Dormiu intensamente mais dez minutos.

Ainda sem acordar completamente, levantou-se e fez uma xícara larga de café de sabor bem amargo, sem açúcar, para começar bem o dia. Conseguiu se desvencilhar do sono que parecia não querer sair dele. Sentou-se em sua poltrona vermelha que comprara na loja de móveis usados. Por certo, aquela poltrona não conseguiria chegar em uma terceira geração.

Não havia, no dia anterior, pegado o jornal do seu vizinho no lixo. Tinha sido um dia muito intenso. Olhou para a sua cama, ainda havia o *Betim News* ali jogado. Era do dia anterior, mas notícias de ontem ainda são news, certo?

Sentou-se e pôs-se a ler. Tinha certeza de que ali começaria uma nova vida.



Boca fechada

Roberto Soares de Vasconcellos Paes

Desembargador do TJMG

O toque suave de lábios, seguido do dengoso agradecimento: “– Um Standard Eletric, com a Rádio Mayrink Veiga gravada entre as estações no dial. Bebê, hoje, eu sou a garota mais feliz do Cassino!”. Martini nada respondeu, fitou as folhas laranjas avermelhadas como o batom da penhorada Lucinha, que o vento espalhava à beira da lagoa. Se lembrou de um dia especial da guerra, quando servia em um dos campos de concentração espalhados pelo Brasil, que não reunia somente marinheiros militares do Eixo, mas abrigava também a família de Taro, um pobre pescador, apanhado com os seus pais, todos tripulantes ou passageiros da embarcação apresada. Em patrulha de rotina, advertido pelo revoar das borboletas na mata do entorno, conforme relatou depois ao seu comandante, o cabo Martini encontrou o corpo violentado e sem vida da mãe de Taro, que jurou vingança contra todo o Regimento.

Aliás, desde que Martini começou a bater-se a socos, segundo ou não as regras do boxe, pelo seu estilo desenvolvido de luta, mas muito agressivo, ele passou a ser conhecido como “Caixão de defunto”, uma espécie de borboleta comum no País, que, uma vez ameaçada, produz um insuportável odor de carne em decomposição. Ainda no internato, quando não havia mais nenhum menino para machucar, o religioso responsável pela mente sã no corpo são dos discentes, alcunhado “Irmão Coca-Cola”, decidiu que “Martini Caixão de defunto” seria o boxeador do colégio: “– Filho, deixe as almas e fique com o resto: jab, jab; direto, direto; cruzado, cruzado; gancho, gancho; uppercut, uppercut! Segura na mão de Deus e de novo: jab, jab; direto, direto; cruzado, cruzado; gancho, gancho; uppercut, uppercut!”.

O jovem brigador dedicou-se com afinco às lições do “Irmão Coca-Cola”, até o dia em que os padres reuniram os infantes no pátio. Com severidade, o reitor-mor proferiu um comunicado-geral: “– A Revolução bate às portas. Somos ameaçados com pontas de lança, patas de cavalo e aeroplanos de bombardeio. Todas as aulas estão suspensas. Ensiaremos exaustivamente uma saída ordeira e tranquila para, no caso de um ataque paulista, com segurança, nos protegermos no estábulo.” O exercício tático-defensivo acontecia há tempos, o agrupamento se dava com precisão relojoeira, até que, certa feita, talvez acidentalmente, após a estufa móvel de ferro fundido para esquentar os aposentos do edifício explodir, um aluno gritou “– Bomba! O ‘Irmão Coca-Cola’ foi atingido!”. Todos correram em fuga desesperada do colégio. Martini nunca mais retornou, tampouco procurou saber a respeito do seu saudoso mentor.

Anoitecia e, desaparecida entre o sol e a terra, não se via a lua, muito menos a lagoa, apenas as luzes do cassino, onde a banda para dançar, regida pelo “Mágico do teclado”, acompanhada de sua crooner, “A Personalíssima”, iniciava a afinação

dos instrumentos e repassava os últimos arranjos. A sensual Lucinha, “A vedete das Alterosas”, assim aclamada com incontida admiração, sabia que ela deveria assumir sua vestimenta prateada, coberta de lantejoulas, e seus afazeres, que se dividiam entre o entretenimento dos frequentadores do cassino e o cuidar da bombonière. Então, fazendo beicinho, ela se despede de Martini, que se contraria, pois, afinal, se endividou até o pescoço pelo caríssimo presente, sem falar que, dali a poucas horas, no ringue montado no terreno da Feira Permanente de Amostras, ele lutaria em busca do dinheiro das prestações do rádio Standard Eletric. Por isso, “Martini Caixão de defunto” ordenou que ela ficasse mais um pouco. Lucinha riu ruidosamente “– Não posso, boneco. Vamos almoçar, amanhã, nos divertir para valer, ouvindo o PRK-30!”

Vale o registro de que, sobre o passado da doce Lucinha, se sabia apenas que a sua presença na Capital, fundada na necessidade de sobrevivência e um pouco de diversão, se devia à amaldiçoada ideia de seu pai, Emmanuel Goldstein, então dirigente do Sindicato dos Avicultores da Eurásia, de importar para abate e consumo galinhas selvagens de Titirangi, na Nova Zelândia, negócio que o levou à bancarrota. Segundo todos aqueles que sobreviveram para contar, as aves eram “como algo saído de um filme de Boris Karloff”.

No meio dos crupiês, fideiros, garçons, leões de chácara, artistas e até das dançarinas, a alegre Lucinha e o seu Standard Eletric, com a Rádio Mayrink Veiga gravada entre as estações no dial, foi a atração máxima do início da noite. Porém, João Farrel, o gerente do empreendimento de diversões, um tipo magro, baixinho, de bigodinho e cabelo armado à base de brilhantina, não gostou do alvoroço e muito menos do entusiasmo da charmosa “vedete das Alterosas”, uma vez que, irracionalmente inflexível por possuí-la, não assimilou bem a notícia sobre um “desconhecido qualquer”, que nem sequer era um habitué da casa de jogos, lhe cercar de atenções.

Abertas as portas do cassino para a nata da “Cidade-jardim”, champagne e fichas aos borbotões acentuavam o estilo borbulhante de viver daquela alta sociedade, a pista fervilhava ao som do grande sucesso musical do ano, lançado como samba-canção, “Pecado original”: “(...) tens um sorriso que mata, és a mulher mais ingrata que este mundo produziu (...)”, enquanto a compenetrada Lucinha, acompanhada do principal apostador da casa, o excelentíssimo prefeito, juntos à margem da lagoa, sob o véu da escuridão da lua nova, tragavam um cigarro Lucky Strike, importado diretamente pelo estadista, que, naquela insólita escuridão, se sentia com sorte para a roleta.

O sublimíssimo prefeito explicava sobre a razão da sua preferência pelo Lucky Strike, ou seja, por causa da propaganda norte-americana, que, no cartaz, trazia a estrela de Hollywood, Barbara Stanwyck, depondo que o maior bene-

“Em patrulha de rotina, advertido pelo revoar das borboletas na mata do entorno, conforme relatou depois ao seu comandante, o cabo Martini encontrou o corpo violentado e sem vida da mãe de Taro [...]”

fício da marca era “*cuidar da garganta a olhos vistos*”, quando, saltando das trevas e emitindo grunhidos de ódio, alguém, ou algo, atacou a deleitosa animadora. Vendo-a esganada e parcialmente despedaçada pela criatura, o borocoxô e não mais tão nobríssimo político acelerou-se para o interior do cassino e, ofegante, detalhou sobre o terror ao seu ajudante de campo, imediatamente deixando as dependências, ainda que mal surpreendido por não apostar na roleta. Encontrada seriamente machucada e atirada na lagoa, antes de desfalecer e ser levada à Santa Casa, com hesitação, a amedrontada Lucinha balbuciou: “– *Bo ... boca ... fe... fecha... da... boca fechada!*”.

Para evitar o escândalo e as injustiças, como então justificou o gerente, João Farrel proibiu que se falasse a respeito do ocorrido e determinou que, se interrogados, notadamente pelos colunistas sociais, costumeiramente presentes no cassino, ou pelos policiais, os empregados respondessem que, por causa da noite escura, caminhando às margens da lagoa, a “*vedete das Alterosas*” teria tropeçado e se machucado, obrigando-a à hospitalização. Ao fim, por absoluta aversão ao Standard Elétric, com a Rádio Mayrink Veiga gravada entre as estações no dial, mandou que um estafeta o entregasse no hospital filantrópico, aos cuidados da paciente Lúcia Goldstein, exigindo que todos voltassem ao trabalho, “– *Com um sorriso gigante estampado na cara!*”.

Sem residência fixa, Martini vinha pernoitando na Pensão do Acaba Mundo, ao lado do quartel do Corpo de Bombeiros, por isso sua alvorada se dava impreterivelmente às 6h30min. Executado o toque da corneta, ele se levantou e abriu o ferrolho da janela de madeira rústica, queria respirar o ar limpo próprio da manhã. De retorno do mercado central, estacionando o seu caminhão Chevrolet, “*Advance-Design*”, Hércules Farnésio, marido de Dona Candinha, proprietária da pousada, e pai de sete mulheres, avistou o seu hóspede:

“–*Bom dia, meu bom freguês. A caçamba está carregada de fardos. Não aguento mais, é muita mulher, negocieei um desconto supimpa e comprei quinhentas caixas de um absorvente alemão, novidade na praça, Ohne Binde, ou algo assim!*” E emendou: “– *Você soube sobre a vedete do cassino? Não se fala de outra coisa no mercado! Ela se embriagou, caiu da janela, rolou o barranco da lagoa e foi atacada por um jacaré-de-papo-amarelo. Está entre a vida e a morte, na Santa Casa! Aliás, Martini, sua cara de galã Robert Taylor está amassada e arranhada. Você deve ter tomado uma surra daquelas no ringue da Feira Permanente de Amostras, hein? Parece que lutou contra um gato selvagem. Nem te vi chegar, homem!*”.

O pugilista bateu a ventana, enroupou o puído terno Victory, preto, calçou os rodados sapatos com solas Neolin, fabricadas pela Goodyear, vestiu o impecável chapéu Fedora, cinza, idêntico ao de “*Rick Blaine*”, bebeu o amargo café de Dona Candinha e partiu em direção ao nosocômio. Meio caminho andado, encostou ao lado do pedestre um automóvel Packard 120, vermelho, conduzido por “*Montanha*”, uma figura alta, forte, careca, que lembrava o dobrador circense de ferro, mas, naquela ocasião, trajava uma camisa floral “*Aloha*”, calça jeans e coturnos de couro. Como passageiro, no banco de trás, ostentando uma Luger P08 e uma peixeira, essa na cintura, estava Taro: “– *Cabo Martini, o senhor é um homem difícil de se encontrar. Entre no carro!*”.

A respeito da origem de Taro, não se ignora que ele era de uma família de pobres pescadores, resgatados em alto-mar por uma embarcação que, milhas à frente, foi aprisionada pela nossa Marinha. Também se conhece que, após libertado do confinamento militar, órfão de mãe e, por último, de pai, ambos vítimas da guerra, Taro se estabeleceu na Praia das Virtudes, onde, com o aval das freiras ligadas àquela região, empreendeu uma bem sucedida carreira no ramo de frutos do mar. Exímio faquista, cuja intimidade com o instrumento datava da infância, quando tinha uma lâmina cortante como sua única amiguinha, desenvolveu um método para descamar rapidamente os peixes, que, de resto, valia para remover a pele de qualquer animal. Eis aí o segredo do sucesso profissional dele.

O veículo automotor estacionou na área vazia da estação da linha férrea, próximo a um anúncio de fortificante, onde se lia em caixa alta:

VIVER! MORRER! DEPENDE DO SANGUE.
O SANGUE É A VIDA.
TONIFIQUE-SE COM O SANGUENOL.

“*Montanha*” apontou uma SVT-38, espingarda semiautomática, para a cabeça de Martini e mandou que ele repousasse sua mão direita sobre uma pedra. Taro falou:

“– *Cabo Martini, farei seis perguntas sobre os assassinatos dos meus pais. Cada vez que eu não obtiver uma resposta, você perderá um dedo da mão direita.*”

“– São cinco, *otaro*.”

“– *Considerarei a sua masculinidade como o sexto dedo.*”

“*Montanha*” gargalhou sadicamente. “– *O quê?*”, “– *Quem?*”, “– *Quando?*”, “– *Onde?*”, “– *Por quê?*”. Cada um dos questionamentos foi replicado com silêncio sepulcral, que impressionou até aos torturadores, o que valeu ao boxeador perder todos os dedos da mão direita, amputados através de cortes secos e cirúrgicos da peixeira. Finalmente:

“– *Como?*”, gritou Taro. “– *Com a mão esquerda!*”, respondeu “*Caixão de defunto*”, que, sem dar tempo para qualquer reação, numa impressionante velocidade linear, acertou um direto na mandíbula de “*Montanha*”, que caiu desacordado, e, esquivando-se da peixeira, perdeu o lóbulo da orelha esquerda, mas se atirou com os dentes sobre a veia jugular do pescoço do faquista.

Ao retomar os passos para a Santa Casa, depois de alguns minutos de caminhada, Martini ouviu o estrondo da colisão entre o trem e o automóvel Packard 120, vermelho, que estava parado sobre a linha férrea, com dois passageiros, um deles despido da camisa.

Lábios vampirescos, mão direita envolta por um pano com motivos florais e orelha esquerda tamponada pelo já não mais impecável chapéu Fedora, Martini abriu a cortina divisória do leito onde se encontrava a moribunda Lucinha. Jogado aos pés dela, o Standard Electric, com a Rádio Mayrink Veiga gravada entre as estações no dial.

“*Caixão de defunto*” ligou o aparelho a uma tomada e, sem nenhuma expressão, se postou de joelhos. – *Vamos nos divertir para valer, boneca, ouvindo o PRK-30!*” Escutou-se a voz do mais famoso locutor de rádio no Brasil:

“Cada um dos questionamentos foi replicado com silêncio sepulcral, que impressionou até aos torturadores.”

“– *Queridos radiouvintes, num patrocínio dos cigarros Lucky Strike, que cuidam da sua garganta a olhos vistos, e do Fortificante Sanguenol, sangue é a vida, apresentamos a charada do dia: Qual o tipo de boca na qual não entra mosca?*”

Então, o olho esquerdo daquela que um dia foi a “*vedete das Alterosas*” verteu a sua última lágrima.

Três poemas sobre arte

Fernando Armando Ribeiro
Desembargador do TJMG

Picasso

Assim tu pintas
 como um grito
 a boca entreaberta
 a devorar o mundo

Aspiras (a) o infinito
 mas és puro instante
 de júbilo ou gozo
 a jorrar pelas tintas



O despertar, de Rodin

Ao despertar já é tarde,
 ou cedo,
 cedo demais para ver

A vida
 floresce
 e o tempo
 é um afago

que nos interroga
 a saber

Era uma vez

(A partir da tela "A persistência da memória",
 de Salvador Dalí)

Era uma vez
 um tempo sem tempo
 tudo se dava
 como de uma vez

futuro presente
 presentepassado
 memóriasesperança
 ontemagora

Foi nesse tempo
 (além de qualquer tempo)
 que se deu essa história
 sem fim nem começo

O milagre de Nureyev

Llewellyn Medina

Desembargador do TjMG, aposentado

*"O meu pião é feito de goiabeira
Ele só roda com ponteira
na palma de minha mão."*

Geraldo Azevedo

Pião no sertão das gerais
pirâmide invertida equilíbrio desafiante
pirâmide contida novelo barbante
Keops Kefren Miquerinos
pião obediente mão no cordão
pião jogava quando menino

pião rodopia insanamente
pião barbante novelo
fio de Teseu jungir Minotauro
armadilha de aprisionar centauro
tocha viva pira
pião a terra beija
pião à unha rodopia
pião sem valentia gira
magia de encantar mocinha
cordão umbilical corrente

na roda cantava cantiga de ninar
pião na palma da mão se aquieta
Nureyev pirueta no ar arrebatada
desafia a gravidade
pluma suspensa
equilibra-se nas estrelas
filósofos desses loucos
(não poucos)
a acreditar na existência de Deus
jogador de futebol pura arte
credita à sorte a vitória o embate

numa casinha lá na Marambaia
Nureyev na rede saboreia
"vem dormir no meu corpo
que está em chamas"
meu coração enche de vazio

Keops Kefren Miquerinos desvairados
giram sem se embriagar de passado
engolem tempestades monções ventos
Madame Satã esvoaçante na avenida
Vinte mil léguas submarinas logo ali
Gagarin beija a lua ferida até cicatrizar
lágrimas sentidas irrigam estrelas

irrigam o universo sem fim o mar
o mineiro singra desconfiado
(de sua natureza o desconfiar)
sai do sertão entranhado
vísceras de ler o futuro

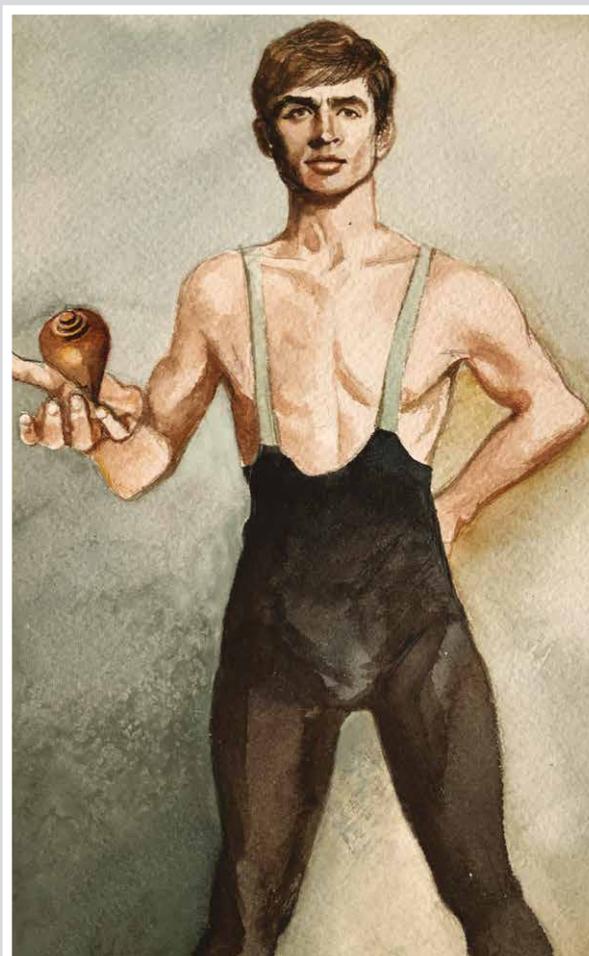
Nureyev lança-se pião embriagado
"me poupe do vexame de morrer tão
moço"
poupe-me mais do desencanto de
viver além

perplexos bem-te-vis premonitórios
sabiás a inutilidade de seu canto
andorinhas não mais tecem sinfonias
na pauta estendida céu tenebroso
o ovo o voo sem rumo o besouro
a abelha rainha sem flor pra polinizar

o portentoso vazio do silêncio
o último dia visceral

o pião gira ainda
Nureyev embriagado de voar
o milagre de Nureyev finda
o repouso o fim aguardado
o encantamento
desassossegado
vai-se a alma do pião

adeus Nureyev.



Exaltação a Inhotim

Amaury Silva

Juiz de Direito do TJMG, em Governador Valadares

Os olhares reservados em potência
Foram soltos para as rotas da visão
Colhendo outros sentidos, a essência
Em jornada íngreme, do céu ao chão

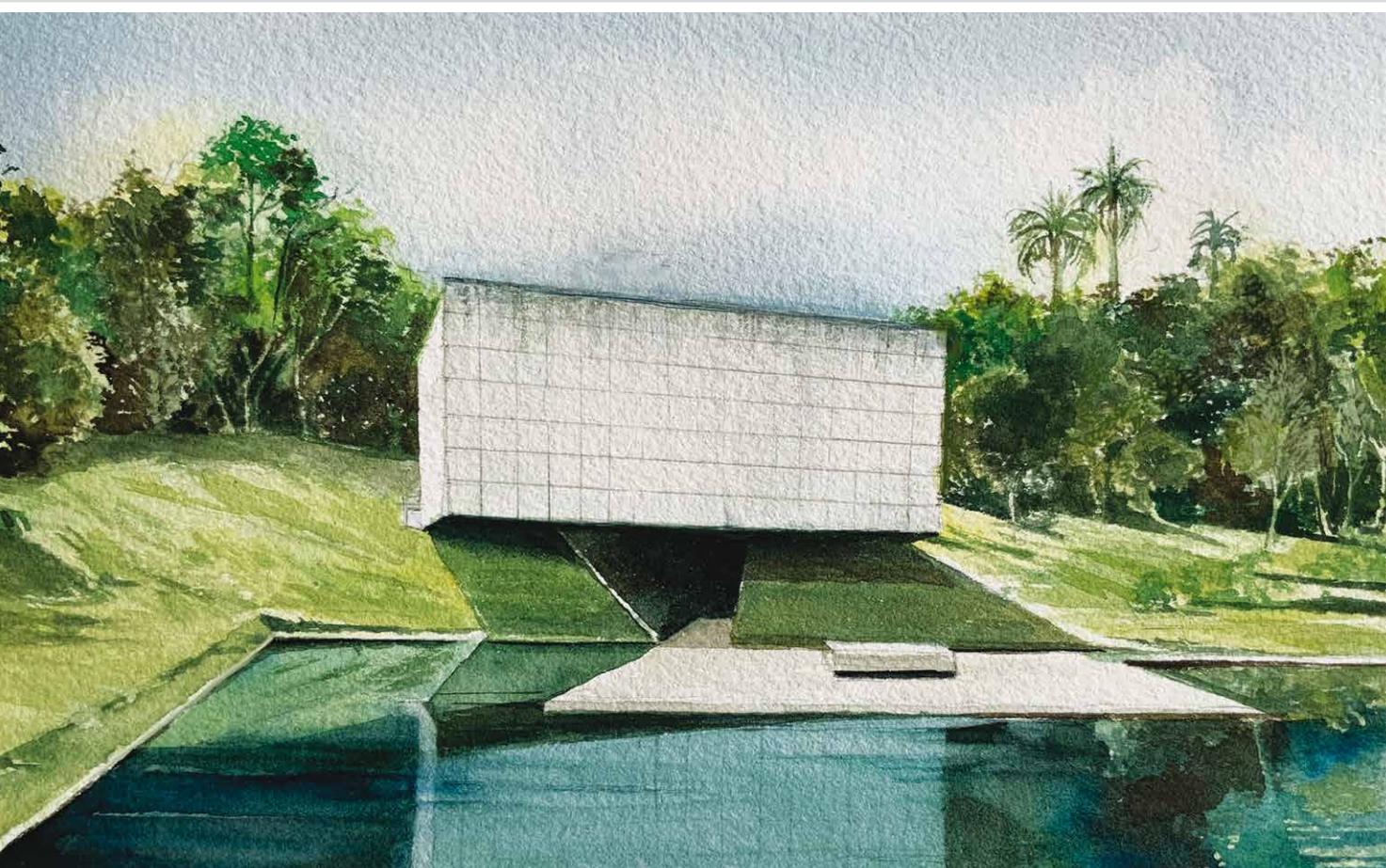
Espaço aberto da oferta verde
Território do artefato humano
Sonoridade visual da parede
Lugar de ser no ambiente flano

Nunca mais seu olhar será o mesmo
Para sempre te provocará o horizonte
A ver o não olhar e enxergar a esmo
Com o cristalino e a intuição envolvente

No solo, no ar, em outra onda, a árvore suspensa
Como seria magnífico, se contemplada por Benjamin
Uma teoria, aura revelada ou uma alegria apensa
Lúdica experiência da modernidade em Inhotim

Rendição, entrega ou acentuada curiosidade
Não sei se sabem do nome científico da borboleta azul
Pairando entre os trechos, aclives e declives em liberalidade
Protegendo e anunciando a redoma botânica cool

Bromélia-imperial, coité, xaxim e areca-dourada
Cipreste-do-brejo, paxiúba e pata-de-elefante
Tem mais, meu olhar sorri e se perde na Buritirana
Risada saudosa que saúda Aldir e a árvore-do-viajante



Jardins que desorganizam qualquer sinestesia
 Brincam de infância, militam na adolescência
 Equilibram a etária adulta e consultam a alegria
 Na senilidade que é o torpor original da existência

São veredas que transitam em todos os sentidos
 Flora que dá vigor à alma camomila e arabesca
 Calma d'água, magia de Pedro e seus visuais alaridos
 Transe antropoceno, entre a transição e sombra e água fresca

Mortes, operários adjacentes das galerias das minas
 Vai embora tragédia, que vontade de chorar em Brumadinho
 O resgate pelas coleções ricas e soberanas de dopaminas
 Os conjuntos, forma e conteúdo, confirmam a vida é torvelinho

Vi autorretratos de Inimá e de Frida que lá não estavam
 Eu fui visto olhando e fui olhado pelo Garden 1-5
 De cabeça para baixo, o oposto duplo em Dunham
 Venha! Confirme tudo que pensou Didi-Huberman com enfinco

Cores não existem, fatos são, decompostas da luz branca
 Luzes e cores, naturais, artificiais são invenções de Miguel
 Rio Branco
 Grafias existem na história e na memória que traz a alavanca
 E conduz em reflexiva poesia a imagem do verso palanco

Cidades tensionadas por suas diferenças e mortas em
 feminicídio
 Se morre apenas por ser o que se é, como alerta Garaicoa
 As velas derretem e desaparecem os indícios, surge o alívio
 De uma incessante substituição de sujeitos, em movimento
 gamboa

Não vi tudo, impossível ver tudo de uma vez, a imagem é
 duração
 Não li tudo, é (im)possível saber todo Bergson, filosofia é
 saber que não se cabe
 O retorno é o charme do convite para olharmos de novo o
 visto e o não enxergado
 Nunca se verá tudo, mesmo que por todas as vezes e vozes
 da dimensão
 Viver o todo, nos incompletos segmentos do ser, poesia é
 caber que se sabe
 A humanidade como uma festa que encontrou em Inhotim
 a pulsão do belo como legado



Condomínio

José Aparecido Fausto de Oliveira
Juiz de Direito do TJMG, em Araxá

Mudaram-se e desde que se instalaram o espaço que era para ser um jardim os incomodava. O prédio era novo, muito bem cuidado, as áreas comuns sempre estavam limpas, os equipamentos funcionavam bem, porém, aquele lugar coberto de mato e plantas secas, cheio de bitucas de cigarro, não combinava.

Resolveram adotar o local. E assim fizeram, dedicando um pouco do tempo dos dias de descanso ou os finais de tarde para restaurar aquela parte abandonada.

De início, fizeram a limpeza, retiraram o que estava seco e as ervas daninhas e puseram-se a recuperar a terra, para que, fértil, recebesse um novo jardim.

Por certo que perceberam os olhares curiosos, mas a curiosidade não é prerrogativa só dos humanos, destarte não se preocuparam, afinal, não estavam a fazer nada de mal.

Não pediram ajuda financeira a ninguém do condomínio nem sequer pensaram em cobrar alguma coisa; e a terra retribuiu. Pouco a pouco, naquele lugar de abandono brotaram flores.

Foi então que os problemas apareceram. A princípio, as flores eram retiradas, depois as bitucas voltaram a aparecer e, de repente, os olhares curiosos passaram a olhares de fúria.

Foram convidados a uma reunião do condomínio. Extraordinária, por sinal. E o convite era incisivo *"sua presença é indispensável"*, a despeito do descuido com o plural.

Compareceram e então tomaram ciência de que a causa da reunião era eles. O síndico, de maneira cortês, sem ironia, perguntou-lhes se tiveram autorização para cuidar do jardim. Sabiam que era área comum? Sabiam que somente os condôminos em assembleia poderiam deliberar sobre como cuidar do espaço?

Abismados, tentaram argumentar que o local estava abandonado, sujo, feio, que não pediram autorização, mas nada queriam exceto deixar o ambiente mais bonito e acolhedor.

Caro leitor, sabem qual a melhor amiga da inveja? A lei.

Interessante como o afeto invejoso opera.

Pois é, da percepção de que os novos moradores logo deixariam o jardim abandonado, como fizeram os atuais, à conclusão de que eles eram diferentes e que cuidariam do lugar, sobreveio a inveja, permeada do ódio (*"quem mandou eles cuidarem do jardim?"*), da sensação de inferioridade (*"eles conseguiram, eu não"*), passando pelo boicote (destruir o trabalho feito) e desembocando na Lei (*"a área é comum e eles não podem dela tomar posse"*).

O que ficou do jardim, então? – pode estar a se perguntar o aflito leitor.

Está cada dia mais bonito. Sem se intimidarem com o síndico nem com os condôminos invejosos, porém mais cautelosos, eles continuaram a cuidar das plantas e passaram a ter auxílio dos moradores que gostavam das flores e os defenderam na reunião.

Com o tempo a inveja ficou restrita, porque o comum passou a ser o condomínio ter um belo jardim.

“Resolveram adotar o local. E assim fizeram, dedicando um pouco do tempo dos dias de descanso ou os finais de tarde para restaurar aquela parte abandonada.”



“Inculca e bela”, uma língua milenar

Frederico do Espírito Santo Araújo

Juiz de Direito do TJMG, aposentado

A raiz histórica da língua portuguesa, prestes a completar um milênio, remonta ao Século III a.C. pois é, essencialmente, o resultado da evolução do Latim vulgar trazido pelos romanos para a Península Ibérica, onde fundaram a província romana da Lusitânia, depois de massacrarem várias tribos de iberos lideradas pelo pastor Viriato, como vingança pelo fato de alguns deles terem acompanhado o africano cartaginês Aníbal em sua ousada travessia dos Alpes para atacar Roma, em 219 a.C..

Mas não se pode esquecer a influência das línguas das tribos Ibéricas, povos nativos da Idade do Bronze que, por volta de 1 mil anos antes de Cristo, passaram a conviver com os celtas, formando as tribos Celtiberas. Falada antes da chegada dos romanos e continuando a coexistir com o Latim, a influência da língua celtalbera na língua portuguesa ainda pode ser detectada em centenas de palavras, tais como o elemento briga que significa “fortaleza” (Conimbriga / Coimbra; Brigantia / Bragança) e nas palavras *carro*, *caminho*, *camisa*, *cerveja*, também de origem celta.

Também não se pode olvidar a influência das línguas antigas pré-romanas do Próximo Oriente, como o hebraico, trazidas pelos povos que migraram ao longo do Mediterrâneo por milhares de anos. A língua portuguesa ainda adota, por exemplo, algumas palavras hebraicas, como *querubim* (categoria de anjos), *sodomita* (habitantes de Sodoma, que adquiriu aceção de culpável), *amém* (verdadeiro, assim seja), entre outras.

Todavia, após oito séculos de contato com o Latim dos romanos, embora tenham deixado sua marca, essas línguas foram absorvidas.

No Século V d.C., após a queda do Império Romano, o Latim vulgar da língua portuguesa recebeu grande influência das línguas germânicas, com as invasões dos povos ditos bárbaros, como Suevos e Visigodos. Ainda hoje usamos palavras do origem sueva e visigótica, como *Teodorico*, *arado*, *espeto*, *espiar*, *mofo*, e o sufixo *engo*, que indica *relação*, geralmente com valor pejorativo, como em *mulherengo* e *realengo*.

Após três séculos de domínio dos Visigodos, no ano 711, tropas muçulmanas vindas do Norte de África ocuparam a Península Ibérica, pondo fim ao reino visigodo. A partir de então, os árabes passaram a governar por alguns séculos, razão por que o Português moderno registra mais de 900 palavras de origem árabe, como *açafrão*, *açúcar*, *alambique*, *alcaparra*, *cenoura*, *enxaqueca*, *garrafa*, *limão* e *talco*.

Todas essas influências, com predominância do Latim, resultaram no Português arcaico do Século IX, o chamado “galego-português”, que já era usado em documentos escritos naquela época. O documento mais antigo encontrado nessa língua mista é a “Carta de Fundação da Igreja de Lardosa”, do ano 882 d.C..

Somente em 1143, quando o reino de Portugal foi formalmente reconhecido, é que o Galego-Português perdeu sua unidade como língua nativa secular e o Galego e o Português passaram a divergir, seguindo caminhos evolutivos independentes.

Embora haja notícia de outros, oficialmente o mais antigo documento em língua portuguesa – e não em galego – é um “*Auto de Partilha*”, de 1192, um acerto de divisão de terras recebidas por herança, hoje guardado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, Portugal.

Só no início da era moderna o rei D. Diniz mandou que tudo fosse escrito na língua do povo, o Português, e não mais em Latim.

O salto para o Português moderno deu-se no Renascimento, podendo ver-se já em “*Os Lusíadas*”, de Camões, obra concluída em 1556 mas publicada pela primeira vez em 1572, um retrato da língua portuguesa do período literário do classicismo.

Ocorre que, como desde o século XV a língua portuguesa tem viajado além-fronteiras, a colonização linguística também sofreu influências das línguas nativas resistentes à colonização. Só do Brasil, a língua portuguesa herdou do Tupi-Guarani palavras como *abacaxi* (fruta cheirosa), *biboca* (moradia humilde), *canoa* (embarcação a remo), *guri* (bagre jovem), *lpanema* (lugar fedorento), *lengalenga* (muita conversa), *perereca* (andar aos saltos), *tapera* (aldeia abandonada).

Deste modo, chegou-se à língua portuguesa atual. Não foi sem razão que o brasileiro Olavo Bilac, falecido em 1918, a chamou de “última flor do lácio inculca e bela”. Última, porque é a derradeira das filhas da língua latina, depois do italiano, francês, espanhol e do romeno; Inculca, porque desvirtuada da sua pureza latina pela influência de outras línguas; Bela, porque, apesar disso, continua bela.

Hoje, o Português é a 6ª língua mais falada no mundo, depois do Mandarim, do Hindi, do Inglês, do Espanhol e do Árabe. Somos mais de 280 milhões de pessoas falando nossa língua, em sete países espalhados em três continentes, numa superfície superior a dez milhões de quilômetros quadrados. Esses países – Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau e São Tomé e Príncipe – formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), além de Timor Leste, na Oceania, e Macau, na China; isto sem falar na diáspora, com milhões de emigrantes de língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Enfim, como o idioma é ferramenta de colonização e é o principal símbolo de uma nação (os catalães sabem muito bem como utilizar esse recurso, negando-se a falar espanhol sempre que podem), nós também precisamos nos conscientizar da força do idioma como símbolo nacional. Por isso mesmo, além de termos o dever de exigir que se fale Português em organismos internacionais, também devemos nos impor com nosso idioma, ao invés de nos vergarmos aos anglicismos e outros estrangeirismos.

Leitores comentam a última edição

A *live* de lançamento da última edição, assim como a própria revista, provocaram diversas manifestações de leitores, das quais selecionamos algumas.

Parabéns, tanto pelo lançamento da revista quanto pela homenagem ao Godofredo Rangel.

Afrânio Vilela, desembargador do TJMG

Parabéns pelo lançamento de mais uma edição de MagisCultura.

David Miranda Barroso, juiz de direito do TJMG

Parabéns aos integrantes da Amagis, ao editor e Rogério Tavares [presidente da Academia Mineira de Letras] pela aliança entre a Letras e o Direito, e pela difusão digital e democrática de conhecimentos essenciais à sociedade.

Francisco Brant, jornalista, Belo Horizonte

Parabéns pelo artigo sobre Godofredo. Me interessei e vou ler a obra dele.

Marina Rodrigues, jornalista, Belo Horizonte

Parabéns. Orgulho de nossa revista e de seus integrantes. Maravilhado.

Geraldo Claret, Juiz de direito do TJMG

Parabéns aos integrantes da Amagis. É uma proposta muito valiosa!

Silvia Nascimento, Juíza de direito do TJMG

Outras manifestações

Senhor presidente da Amagis,

O presidente do Tribunal de Justiça de Pernambuco, desembargador Fernando Cerqueira Norberto dos Santos, registra e agradece a gentileza pelo envio do exemplar da revista MagisCultura (Set/2021), publicação desta renomada instituição. Outrossim, parabeniza pela excelente iniciativa e envia votos de pleno êxito da edição enviada.

**Luís Eduardo Travassos Bandeira,
Assessoria do Cerimonial do TJPE**

Senhor editor,

Gostaria de agradecer pelo regular envio da MagisCultura, essa bela revista que você edita com tanto esmero e que está a cada número melhor. O último, um primor do início ao fim. Parabéns.



Sua matéria (tão rica em informações e uma "delicadeza", a exemplo da poeta) sobre a edição das obras completas da Henriqueta Lisboa me fez comprar os três volumes na Estante Virtual (novos, e 90 reais a menos do que o preço normal).

Que trabalho maravilhoso da editora Peirópolis e dos professores Reinaldo Marques e Wander Melo Miranda. Estão todos de parabéns. Nesses tempos sombrios, uma luz na cultura brasileira.

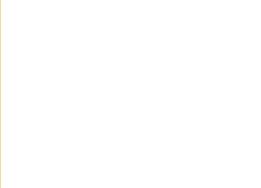
Hugo Almeida, escritor e jornalista, São Paulo

Senhor editor,

O trabalho de Sandra Bianchi valoriza muito a revista, em arte e apresentação. A revista mantém mais uma vez seu "punch" editorial, razão do seu sucesso. Sigo, pela ordem, os destaques que o Dr. [Renato] César Jardim anotou: o artigo sobre Godofredo Rangel; a informação sobre o novo livro focalizando Henriqueta (estou curioso por conhecer sua "prosa"); o belo artigo sobre o "brother" Brod de Kafka...

Gostei muito da apresentação virtual da Revista.

Flávio Friche Passos, jornalista, Belo Horizonte



A AMAGIS, consciente das questões sociais e ambientais, utiliza papéis com certificado FSC® (*Forest Stewardship Council*®) para a impressão deste material. A certificação FSC garante que a matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e outras fontes controladas.

NORMAS PARA ENVIO DE ORIGINAIS

MagisCultura é uma Revista da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), destinada à publicação da produção cultural de juízes e desembargadores de Minas Gerais, em exercício ou aposentados.

Serão aceitos para publicação textos de ficção – contos, crônicas, pequenas novelas, poemas – ou de estudos – artigos, ensaios, resenhas – ou, ainda, ilustrações – fotografias, pinturas, reprodução de esculturas.

Não serão publicados textos de teses políticas, discursos, homenagens pessoais e necrológios.

A seleção dos trabalhos será feita pelo Conselho Editorial (ver nomes no Expediente).

Os textos deverão ser enviados devidamente digitados, pelo endereço eletrônico da Revista (magiscultura@amagis.com.br) e conter o máximo de 10 mil caracteres.

As ilustrações deverão ser enviadas em formato compatível com a publicação e com resolução mínima de 300 dpi.

Os prazos para envio dos trabalhos serão divulgados pelo site e demais veículos de comunicação da Amagis.



25 edições

Já temos a prata. Agora, rumo ao ouro.

Única revista do gênero no país, **MagisCultura** chega à sua vigésima-quinta edição, comemorando seu Jubileu de Prata e, principalmente, o acúmulo de um magnífico acervo de mais de 300 textos culturais de magistrados mineiros e convidados, entre contos, crônicas, poemas, ensaios e artigos em geral, ao longo desses 12 anos.

Iniciativa da Associação dos Magistrados Mineiros (Amagis), a revista tem como objetivo abrir espaço para manifestações culturais de juízas e juizes, desembargadoras e desembargadores, criando ambiente em que elas e eles exponham publicamente seus conhecimentos, habilidades e sensibilidade artísticas, para muito além do mundo jurídico.

Participe! Envie seu texto para magiscultura@amagis.com.br.

